

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

DELMINDA SILVEIRA

**Contos e Instantes**

Fabiana Kretzer

Orientação: Professora Dra. Tânia  
Regina de Oliveira Ramos.

**Florianópolis**  
2001

## AGRADECIMENTOS

O vento sul do Ribeirão da Ilha varreu aquelas ruas, salpicou os papéis no ar, mexeu com todos os fios dos cabelos dos que passavam. Fez barulho até altas horas da noite. Limpou o tempo. Rotina cumprida.

No mundo dos papéis, das teclas, das letras e caneta a rotina parece nunca se cumprir. As vírgulas se espalham e a sensação de imperceptibilidade é uma constante que trava e/ou estimula os estudantes (ou seria os estudiosos). Ah! Vento sul, poderias varrer algumas vírgulas, mexer com determinados paradigmas, fazer barulho com certas palavras de ordem; mas são planetas diferentes esses; as linguagens são incompreensíveis quando se propõe a troca.

Esse agradecimento está com cara de lamento. Mas não é isso não. Agradeço ao vento por me mostrar suas inferências no cotidiano e com isso ver, nos papéis revirados por ele, a (im)possibilidade das vírgulas.

Ele me fez conhecer outros lugares e pessoas. Outras tardes ao sabor das ondas azuis do mar branco. Ah! Vento, que trazes agora?

As pessoas, aquelas com quem eu convivi e compartilhei minhas experiências eólicas e acadêmicas. Pessoas com nomes e apelidos, e com formalidades de sobrenomes.

Na esquina onde o vento assobia sua sorte, escuto um nome; um nome apresentado a mim como Professor Tânia. Aquela que me pegou, literalmente, pela mão para escrever e refazer. Aprender, essa é a palavra acertada.

Com a Professora Tânia, li muito o texto e o refizemos muito mais. Saboreei muitos ui-s, sozinha. Outras vezes calei-me por dentro como quem espera a palavra brotar para não dar vazão a pontos finais.

As amigas de muitos anos, muitas histórias e risos, elas também compõem a sonoridade do vento. Seus apelidos e nomes rimam descontração e alma, Rô, Dê e Inês.

Fico muito emocionada ao lembrar de Elba, aquela que intitulei “Anja”, aquela que personaliza os alunos os que pela “pós” passam.

Também lembro das tardes na Biblioteca Pública de Santa Catarina, conversando com as páginas dos jornais e revistas e o carinho de D. Mercedes. Aquela que procurou comigo Delminda Silveira pelas ruas, novas e velhas, da Desterro/Florianópolis.

Especialmente a essas pessoas que ofereço essas páginas.

## SUMÁRIO

- Introdução .....p.05
- Capítulo 1: Histórias .....p.11
- Capítulo 2: Escrituras .....p.28
- Capítulo 3: Delminda Silveira e(m) Desterro.....p.35
- Capítulo 4: Lises e Martírios .....p.56
- Capítulo 5: Viagens Imaginárias.....p.71
- Capítulo 6: Últimos Instantes.....p.84
- Capítulo 7: Escrevendo a Leitura.....p.87
- Bibliografia.....p.129
- Anexos: Originais – Contos de um Instante.....p.133

## INTRODUÇÃO

Em *Conto da Ilha Desconhecida*, José Saramago apresenta um diálogo entre o rei e um homem simples que queria um barco para ir até a ilha desconhecida. Na conversa entre os dois, ouve-se:

*“E tu para que queres um barco, pode-se saber, foi o que o rei de facto perguntou quando finalmente se deu por instalado, com sofrível comodidade, na cadeira da mulher da limpeza. Para ir à procura da ilha desconhecida, respondeu o homem, Que ilha desconhecida, perguntou o rei disfarçando o riso, como se tivesse na sua frente um doido varrido, dos que têm a mania das navegações, a quem não seria boa contrariar logo na entrada, A ilha desconhecida, repetiu o homem, Disparate, já não há ilhas desconhecidas, Quem foi que te disse, rei, que já não há mais ilhas desconhecidas, Estão todas nos mapas, Nos mapas só estão as ilhas conhecidas, E que ilha desconhecida é essa de que queres ir à procura, Se eu soubesse dizer, então não seria desconhecida...”<sup>1</sup>*

O desejo de querer conhecer a ilha desconhecida daquele homem simples é o mesmo desejo que essa dissertação manifesta, o de ler um determinado momento da

---

<sup>1</sup> SARAMAGO, José. *O Conto da Ilha Desconhecida*. SP: Companhia das Letras, 1999, p.16/17.

história política de Santa Catarina e nele inserir a obra de Delminda Silveira, na tentativa de mostrar como neste momento mesmo papel social e a própria obra das escritoras evidenciam que se pode ler na oposição masculino – feminino a legitimação e a concepção do poder público. Conhecer outros nomes, especialmente o das mulheres, dentro da historiografia literária é muito mais do que consagrá-los em mapas, como sugeriu o rei ao homem, mas, sobretudo, direcionar o olhar para uma nova cartografia, possibilitando novas descobertas.

Exemplificando esse outro olhar, cito no Brasil um trabalho que foi propulsor da idéia que surgiu durante o curso de graduação em História na Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina: reconhecer a emergência das mulheres e de outros personagens invisíveis nas reconstruções historiográficas. Falo da pesquisa efetuada sobre as mulheres escritoras brasileiras do século XIX, coordenado pela professora Dra. Zahidé Muzart, que vai ser reiteradamente mencionado no transcórper da dissertação, pelo que representa de referência para este trabalho.

Assim, essa dissertação foi organizada em sete capítulos, que seguiram movimentos distintos. No primeiro, *Histórias*, procuramos entender a Desterro/Florianópolis no final do século XIX a partir da Proclamação da República com a reestruturação de espaços e costumes. Nele ainda procuramos traçar um percurso pela complexa política catarinense e retratar como esse cenário foi predominantemente masculino. Elaboramos um rastreamento das situações política, econômica, social e educacional da cidade da época. Desse contexto, sublinhamos o diálogo de Delminda Silveira com esse mundo que se desejava homogêneo, fechado entre os iguais. Essa comunicação é iniciada através da literatura, nos jornais e revistas, acompanhada da sua profissão de professora da elite emergente em Florianópolis, e por que não de Santa Catarina (não se pode esquecer a função de Internato do Colégio Coração de Jesus).

Através desse contexto, é apontado aqui como Delminda Silveira conseguiu atuar, através de sua atividade principal, marcadamente feminina e lançar, com o apoio do Governo do Estado – representado por Vidal Ramos, o seu segundo livro, *O Cancioneiro*, dedicado à educação e adoção como Seleta de Leituras nas Escolas do Estado.

Antes de introduzi-la diretamente elaboramos um capítulo *Escrituras* onde se buscou delinear o panorama cultural, mais especificamente o espaço público

reservado às mulheres. Tencionou-se, então, viabilizar a idéia de que a República de Florianópolis não poderia ser só reconhecida pelo poder dos homens. Através de uma leitura não apenas positivista das páginas da “história oficial de Santa Catarina”, mas mais crítica, procurou-se saber sobre as vozes caladas ou não ouvidas no século XIX. Para tal tivemos acesso à leitura de alguns jornais e revistas da época, a fim de perceber e discutir os discursos relacionados ao tema mulheres. Também tivemos a preocupação de apresentar exemplos de outras mulheres, num contexto similar, como Julia da Costa e Antonieta de Barros, personalidades da resistência, pois, não limitaram suas ousadias e contribuíram para a Literatura e para a História. Para essa etapa foi extremamente importante o trabalho de resgate organizado pela Dra. Zahidé Luppinacci Muzart, intitulado *Escritoras Brasileiras do Século XIX*.

Para apresentá-la, vida e obra, elaboramos um terceiro capítulo onde se pudesse inserir Delminda Silveira e(m) Desterro. Buscou-se pensar nas experiências humanas, sobretudo as das mulheres, que tiveram acesso à educação e a uma profissão no espaço público para além de guardiã da economia doméstica e mentora dos filhos. O sentido de se estudar e escrever sobre o final do século XIX em Santa Catarina, especialmente, a contribuição feminina de uma escritora que se inscreveu na História entre tantos nomes masculinos, é o de não correlacionar de forma simplista, mulheres e vida doméstica. A idéia aqui, foi a de tratar um *outro* texto e um *outro* espaço, produzido e habitado por mulheres professoras, leitoras, escritoras. Registra-se também nesse capítulo, a intensa atividade profissional da poeta que resultou na publicação de quatro livros, sendo que três foram publicados em vida e uma publicação póstuma. Em 1908 é publicado *Lises e Martírios*; em seguida, em 1914, *O Cancioneiro* e, por último, *Passos Dolorosos* em 1931. *Indeléveis Versos* foi publicado após sua morte em 1989<sup>2</sup>. Registro aqui o empenho do Professor Lauro Junkes, em resgatar a obra e escrever o prefácio de *Indeléveis Versos*. Além disso, agradeço ao professor a oportunidade de, num primeiro momento, poder dialogar sobre esse assunto, que é para mim bastante significativo.

Valorizando, de certa forma, o perfil biográfico, destaca-se algumas informações importantes, relevantes, ou simplesmente curiosas a seu respeito. Delminda Silveira de Souza nasceu em Desterro a 16 de outubro de 1854. Filha da tradicional família florianopolitana – os Silveira de Souza, foi alfabetizada por

---

<sup>2</sup> Esses dados foram disponibilizados nos livros publicados da escritora Delminda Silveira, que são encontrados na Biblioteca Pública de Santa Catarina, setor de Obras Raras.

professores particulares e não chegou a frequentar escolas<sup>3</sup>. A palavra decodificada por sua *pena* sempre foi sua companheira. Dizia a autora, na sua retórica romântica, em um diálogo com a sua caneta:

*Pena, minha fiel companheira, minha doce e complacente amiga, sócia nas minhas alegrias, sócia nos meus dissabores, tu – unicamente tu, - a quem confiei meus belos sonhos juvenis, minhas risonhas esperanças, meus receios e amargores, vem, atende-me ainda (...) Há quantos anos me acompanhas fiel e desinteressada! Quantas vezes, por teu intermédio, falei com as flores, com as aves, com os mares e com Deus! (...) Longe conduziste a minha alma, gravando sobre o papel os meus pensamentos recônditos... (...) Oh! que não me abandone a tua doce companhia, sempre, até a hora extrema da existência, fiel e carinhosa amiga, como da juventude ao róseo alvorecer, e contigo eu comporei os fugitivos hinos da vida, como salmos imortais da Eternidade, vibrando da minha lira amada três únicas cordas: Amor, Pátria e Religião!*

*Florianópolis, março de 1919 – Delminda Silveira.*<sup>4</sup>

Acreditando na volatilidade da palavra, Delminda Silveira parece se entusiasmar com esta forma de transitar entre as esferas pré-determinadas para os sexos. No Colégio Coração de Jesus ensinava Língua Portuguesa e Francesa<sup>5</sup>. Além do Francês, registra-se que tinha consistentes conhecimentos de latim. Seus biógrafos assinalam que, paralela a esta vida profissional, sempre foi muito ligada à família. E seus livros são testemunhas desse apego. No seu primeiro livro *Lises e Martírios* (1908), escreveu três poesias que foram dedicadas à sua família. *Dor e Saudade* e

<sup>3</sup> MUZART, Zahidé L. *Escritoras Brasileiras do século XIX*. Fpolis: Editora Mulheres, 1999, p. 634.

<sup>4</sup> Revista *Ilustrada* n.6 set. 1919.

<sup>5</sup> Informação obtida através de conversas com D. Carolina Silveira de Souza Rodrigues Alves – filha do sobrinho de Delminda Silveira.



*Tributo de Amor Filial* foram dedicados à sua mãe, falecida em 19 de abril de 1884.

A poesia *No Trespasso* é uma homenagem à sua irmã falecida em 06 de maio de 1889. Na parte do livro intitulada “*Chrysantemos*” encontram-se outras poesias remetendo sua saudade à memória de familiares, como *Minha Mãe* – uma recordação, e ainda *O Amor de Minha Mãe* – com epígrafe de Victor Hugo. Também lembra de seu tio e seu pai, nos respectivos poemas: *À Memória de Meu Pai* e *À Memória de Meu Tio* – Conselheiro João Silveira de Souza.

Feito isso, entramos na obra de Delminda Silveira, apresentando seus *Lises e Martírios*. Nesse quarto capítulo pretendeu-se dar conta deste universo. Falo em universo, pois o capítulo busca pensar na narrativa romântica de Delminda Silveira, especialmente na última parte desse livro chamada *Contos de um Instante*, de onde tiramos o título de nossa dissertação: *Delminda Silveira: Contos e Instantes*, estabelecendo a analogia narrativa e tempo; ou Literatura e História. Além de acompanhar as manifestações na imprensa sobre essa publicação, nesse capítulo também ficam entreditas nuances biográficas de Delminda Silveira e um pouco de sua carreira nas atividades da Literatura e da Educação.

Em *Contos de um Instante* reuniram-se seus vinte e dois contos. E foi desta leitura, releitura, escrita e reescrita, letra por letra, palavra por palavra, frase por frase, descobertas vocabulares, repetições temáticas, *viagens imaginárias*, que escrevemos esse quinto capítulo, tentando finalmente entender como a modernidade emergente e as alterações no espaço urbano em que vivia e a atuação em um espaço público como professora e jornalista, dialogando com o discurso do poder vigente, não permitiu à Delminda Silveira uma literatura, que extrapolasse o romantismo desideologizado e extemporâneo, marcado por imagens e soluções binárias, fixas e certas, homem e mulher, fora de toda construção humana, mas parte de uma ordem tanto divina quanto natural.

E o capítulo *Últimos Instantes*, são palavras de despedida aos contos, aos personagens e ao mundo fantástico relido nessa dissertação. A idéia final, então, desse trabalho foi o de poder ler *Contos de um Instante*, com a intensidade do momentâneo. Poder pensar o romantismo como um modo de escrever que extrapolou o seu tempo e não como uma inadequação temporal. Perceber a diretriz romântica das narrativas de Delminda Silveira enquanto exaltação da natureza física e humana. Conflitos internos, sejam de provas de amor, como as de *Alberto* que escala os Alpes

para colher a flor mais difícil para simbolizar seu sentimento por *Margarida*, ou ainda como o rapto da mestiça *Marabá* pelo *guerreiro do mar* como uma conquista de liberdade e amor são a tônica das histórias. Outros conflitos também são narrados, como o da escrava *Agar* que quer salvar seu filho das intempéries e da subcondição social. Além de vários embates metafísicos, de salvação divina em forma da *Virgem da Bonança* que salvou o barco da mais terrível tempestade, ou de denúncia da vaidade exacerbada da jovem *Ilza* que pede a seu namorado *Aldino*, em meio a uma tempestade, um presente de noivado, um ramo de corais para adornar seus cabelos ou o pescador que enfrenta a fúria do mar que lhe rouba a vida. E outros exemplos poderiam aqui ser mencionados, mas a proposta é deixar que se saboreie, mais tarde, o gosto da leitura, misturada ao tempero romântico de Delminda Silveira.

E encerramos esses capítulos com textos atualizados ortograficamente, estruturalmente, reproduzidos e integralizados à dissertação como parte do processo de reflexão, sem o rigor da crítica genética, pois não foi nosso objetivo elaborar uma edição crítica, mas sim tentar a possibilidade de *escrever a leitura*.

Assim a mulher Delminda Silveira que foi além da função doméstica – função que levou para o túmulo apresentou-nos, nesta Desterro/Florianópolis, que procuramos mostrar *moderna* ou se querendo moderna, uma literatura demasiadamente romântica, abusando da retórica enfática e do tom didático. Reduplica inegavelmente a ideologia patriarcal, e as moças casadoiras povoam as suas histórias. Mas aqui e ali se sente a presença de uma rachadura neste bloco ideológico. Por que as histórias, todas, se passam num espaço longínquo, por que tudo se passa como se fossem mesmo viagens imaginárias. Delminda Silveira, nas primeiras décadas do século, era uma mulher que lia, que se dava tempo para ler, e é esta leitura, visível enquanto influência, em seus textos, que nos permite perceber prenúncios de conscientização de alguém que queria superar pelos seus contos os instantes que vivia.

Assim, o que apontamos como problema supera-se quando lemos as vinte e duas narrativas de *Contos de um Instante* e constatamos que a construção cultural ainda apoiada na essência e na natureza feminina é determinante para se escrever a história das mulheres e da conquista da cidadania pelo que elas tinham de mais seu e de mais poderoso: as leituras, a linguagem, a palavra, o pensamento, as imagens, os desejos e os sonhos. E um tempo todo seu materializado em páginas jornalísticas, poemas, ensaios. Ou melhor: **Instantes** de onde extraímos os seus **Contos**.

## Capítulo 1:

### HISTÓRIAS

#### I

Era 14 de dezembro de 1889 quando o Governador do Estado de Santa Catarina, Lauro Muller, foi comunicado que a Câmara Municipal mudara os nomes das ruas da Capital. Com a Proclamação da República as substituições destes nomes deram um novo perfil ao Brasil, ao Estado e conseqüentemente à cidade de Desterro, antes totalmente reconhecida pelos seus moradores por referências, pelas direções quase imóveis<sup>6</sup>. A cidade mudava desta forma protocolar seus referenciais urbanos, embora, por enquanto, mantivesse a sua geografia física. A praça Barão de Laguna, por exemplo, perdeu seu nome para esta nova ordem política. A República tinha sua própria dicção; e ela passou a se chamar XV de Novembro. A literatura contemporânea também registra esse acontecimento, como por exemplo, através do livro *Noturno, 1894* de Raimundo Caruso, onde a voz narrativa simula essa situação na grafia de um romance no tom, simplesmente, de Moreira César:

*...Quero que o senhor troque todos os nomes das ruas, jardins, logradouros públicos que ostentem a mais leve referência ao extinto regime. E uma simples passada de olhos me revelam um sem-número delas: são ruas do Imperador, Bragança, Áurea, Augusta, do Príncipe, Largo da Princesa, Visconde disso, Condessa daquilo, e inclusive a praça defronte do Palácio do Governo, que se chama Barão de Laguna.*<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *História de Santa Catarina*. RJ: Laudes, 1979, p. 236.

<sup>7</sup> CARUSO, Raimundo C. *Noturno, 1894 ou paixões e guerras em Desterro, e a primeira aventura de Sherlock Holmes no Brasil*. Fpolis: Edições da Cultura Catarinense, 1997, p.36.

Essas mudanças de nomes representam novas possibilidades de se ler uma época que recebe o fluxo da modernidade. Mesmo que essa *modernidade* já existisse em desejo e perspectiva dentro de uma certa positividade, a República trouxe embutidas em suas propostas represálias ao *antigo*, cultivando em alguns cidadãos uma mentalidade provinciana. Em seus estudos sobre *Literatura e Cidade Moderna, no Porto Alegre de 1935*, Cláudio Cruz, exemplificou como se dava essa *modernidade* impulsionada pelo *desejo* de superar o *antigo*,

*“O mais fascinante no buscar-se a representação da cidade moderna na novela (A Ronda dos Anjos Sensuais, de 1935), é o fato de esta cidade moderna existir muito menos enquanto realidade do que enquanto sonho”*.<sup>8</sup>

E é exatamente esse o sentido do aparecimento da modernidade desterrense/florianopolitana, visto que a cidade, mesmo com a nova política republicana, sediava em seu cenário, o bucólico espírito provinciano: a diversidade virava notícia falada na imprensa, as proliferações de imagens caricaturadas de mulheres e homens eram estampadas entre as letras com que se escreviam os jornais da terra onde se aguardava as novidades vindas do Rio de Janeiro, uma nova ordem de poder e de dominação.

Mas não se pode negar que houve uma euforia consciente diante do moderno. O discurso médico, por exemplo, vai negligenciar os indivíduos em prol da ordem, da civilidade coletiva. A figuração da cura para as doenças, por exemplo, foi colocada em primeiro plano na encenação política pela organização social prescrita pela medicina. E essa euforia é mesmo anterior à república, pois a sentida civilidade já ganhava importância pelas modas vindas do Rio de Janeiro.

Essa *consciência* - no que se refere ao moderno - levou Desterro/Florianópolis a recompor seus espaços. Havia uma relação social de exclusão e inclusão na vida urbana que começava a se configurar. Pensando na

---

<sup>8</sup> CRUZ, Cláudio. *Literatura e Cidade Moderna: Porto Alegre 1935*. Porto Alegre: EDIPUCRS, IEL, 1994, p. 34.

reflexão contemporânea de Marshall Berman, em torno e a partir do pensamento de Marx, registramos o debate de que a modernidade, mesmo em sua origem, traz para o cotidiano uma vida bastante contraditória em sua base<sup>9</sup>. Em Desterro, por exemplo, em nome do progresso e da civilização, os espaços foram rigorosamente demarcados. Ao redor da Praça XV, no centro da cidade, a vida urbana encontrou sua expansão material; sobrados foram levantados, casas comerciais com fachadas destacadas adornavam o ambiente. E essas transformações se justificavam pelo novo desejo de querer *sentir-se* urbano, acompanhado da preocupação higienista, além das alterações relacionadas ao *belo*. Nesse sentido, as transformações alteraram não só o cenário urbano, mas aqueles que dele e nele viviam. Uns foram banidos, como os doentes e as prostitutas que já não mais correspondiam aos parâmetros da salubridade e da estética, enquanto outros foram glorificados diante dessas reformas, como os de *ideologias* republicana e abolicionista, além, sobretudo, de homens e mulheres de classes sociais abastadas.

Tem-se, então, de um lado há esforços para uma Desterro refinada e por outro a decadência humana que não podia chegar perto dos confortos da modernidade, sobrando-lhes a miséria.

Com o ímpeto de modernizar, de civilizar, muitos costumes foram condenados; e as ruas da cidade, ou melhor, da nova cidade, passaram a serem bastante observadas. O olhar higienista, por exemplo, reconhece nas ruas um foco explícito de contaminação, pois o acúmulo de lixo ameaçava constantemente a população contrapondo-se ao que se desejava como embelezamento estético. Isso se configura nos primeiros governos republicanos com o alargamento de avenidas, o aparecimento da luz elétrica, a construção de pontes, o saneamento básico, dentre outras medidas. Essa era a perspectiva moderna, a da maquiagem urbana; mas o que não foi desenvolvido foi um espírito de *críticidade* diante das mudanças. As leituras de textos que falam do Desterro/Florianópolis desta época a mostram provinciana, mesmo com ruas iluminadas e água saindo de torneiras.

Mas vai ser, inegavelmente, a Praça XV que representaria, nesse sentido, a identidade moderna. Ela marcava a diferença entre o novo e o antigo. Era composta da principal igreja católica da cidade e de seu Largo e ficava diante da principal praia da Ilha. A praça funcionava como uma espécie de comércio popular através das

---

<sup>9</sup> BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade*. São Paulo: Cia das Letras, 1986, p.19.

pequenas embarcações que ali aportavam. No final da década de 80 do século XIX, esta Praça passou, então, a atender à necessidade republicana e seu nome representava o *progresso* embutido na própria data da Proclamação. Preservando esse sentido de *progresso*, a Praça foi alvo dos mais variados discursos para explicar a modernização, e conseqüentemente justificar o fim do comércio popular em nome da salubridade<sup>10</sup>. Ainda na época imperial esse sentido de mudança em nome do *progresso* se manifestava. Note-se, por exemplo, o projeto de seu melhoramento em 1885, que consistia em um terreno nivelado, espaço demarcado com grades de ferro, iluminação própria, calçada e coreto para apresentações musicais, além de jardim com gramas e árvores<sup>11</sup>. Apesar da aprovação desse projeto, o mesmo não chegou a ser realizado plenamente por falta de recursos. Mas o que importa aqui é que este desejo de modernizar o espaço central da cidade, era realidade, mesmo que no âmbito do imaginário, no final da Monarquia na ainda Desterro.

## II

As relações de poder dentro da República desterrense/florianopolitana são de alternância de homens e de sigla partidária. Com a perspectiva de perceber as discontinuidades, as assimetrias, a diversidade, é que se busca visualizar outros papéis e outras personagens nesse mesmo cenário político-social. A política partidária do início republicano, por exemplo, foi totalmente articulada pelo aspecto sócio-econômico, não pelo ideal partidário.

Vamos aos homens personagens desta história. Os ideais republicanos, defendidos em Florianópolis tiveram vários adeptos dentre eles, Felipe Schimdt,

---

<sup>10</sup> *Como se vê o comércio popular nunca foi bem visto pela elite, ou melhor, pelo poder desterrense/florianopolitano. As praças, a cada reforma de espaço, incluem novos mosaicos e exclui a diversidade artesanal. Isso pode ser lembrado pelos moradores quando a cidade completava 275 anos.*

<sup>11</sup> CHEREM, Rosângela. *Caminhos para muitos possíveis: Desterro final do Império*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 1994, 32-41.

Vidal Ramos, Lauro Muller, Esteves Júnior, Luiz Delfino. Destacavam as palavras “ordem e progresso” como sendo as únicas possibilidades político-ideológicas de remover da cidade tudo aquilo que a memória reconhecesse como *antigo*. Nesse sentido, esses e outros republicanos criam uma nova linguagem para a cidade. *Imperador, Príncipe, Princesa Imperial* eram sons de retrocesso, de negação ao progresso e à mudança, e as ruas, então, foram transformadas respectivamente em Tenente Silveira, Comércio e Almirante Lamego<sup>12</sup>. Esses novos nomes representavam mais do que a imposição de referências republicana, representava o *poder* na alteração dos significados na memória de cada morador da cidade.

Estes homens se preocuparam em manter-se no poder independentemente se assimilavam ou não a posição ideológica republicana. O que significa dizer que as disputas pelo poder não dependiam das conotações ideológicas dos partidos políticos, tanto do novo regime, que era o caso do Partido Republicano, como os partidos dos antigos regimes, por exemplo, o Partido Conservador e o Partido Liberal<sup>13</sup>. Os políticos do regime monárquico não encontravam outra possibilidade, senão participarem da correlação política república e engendravam suas permanências no poder.

A instabilidade no poder republicano revelava sua comunicação com frases que continham palavras como oportunidade, interesse, corporativismo e, sobretudo, status. A Junta Provisória que governou o Estado logo após a Proclamação da República, por exemplo, tinha em sua composição apenas um republicano, o farmacêutico Raulino Horn.

Continuando a idéia da instabilidade ideológica no poder político brasileiro, a República reconhece como legitimidade política a competência de se manter no poder independentemente da sua ideologia (mas dependente da sua cor e sexo...). Os ex-conservadores e os ex-liberais catarinenses formaram o Partido Federalista. O

---

<sup>12</sup> CABRAL, Oswaldo R. *História de Santa Catarina*. Rio de Janeiro: Laudes, 1970, p.236. *Nesse sentido remetemo-nos ao livro Esaú e Jacó, de Machado de Assis, ao episódio de memorização do ex-ministro Batista conversando com sua irmã Rita: “(...) Não vou viver com ninguém. Viverei com o Catete, o Largo do Machado, a praia de Botafogo e a do Flamengo, não falo das pessoas que lá moram, mas das ruas, das casas, dos chafarizes, das lojas.(...) Lá os meus pés andam por si. Há ali coisas petrificadas e pessoas imortais, como aquele Custódio da confeitaria, lembra-se? Rita responde: - Lembra-me, a Confeitaria do Império.” p.96/97.*

<sup>13</sup> PIAZZA, Walter. *Dicionário Político Catarinense*. Fpolis: Edição ALESC, 1994. O Partido Liberal: fundado em 1838 pelo Padre Feijó – em oposição à Regência Una de Araújo Lima. O Partido Conservador: fundado em 1836 – em oposição à regência Una de Feijó. O Partido Conservador é resultante de dois grupos políticos: o liberal-moderado e dos antigos restauradores.

Partido era totalmente contrário às idéias republicanas. Mas durante o Governo de Marechal Floriano Peixoto, os integrantes desse partido presidiram o Estado durante quase todo o ano de 1893. Eliseu Guilherme e Cristóvão Nunes Pires, foram os principais nomes desse segmento.

### III

Nesse ambiente, cujo foco são as transformações, parciais (agradáveis e/ou desconfortáveis sob o ponto de vista de uma releitura histórica), configurou-se o novo desenho político para o Estado. Em 24 de novembro de 1889, foi nomeado pelo Marechal Deodoro da Fonseca o 2º Tenente do Exército Brasileiro, Lauro Muller, para assumir o cargo de primeiro Governador de Santa Catarina.

Na primeira eleição para o Congresso Nacional Constituinte, em setembro de 1890, os ex-liberais e os ex-conservadores não participaram sequer da composição da chapa oficial. Estava delineada a primeira crise política republicana. A intransigência foi consequência da negativa, por parte dos republicanos – na figura de Lauro Muller, de formarem uma chapa mista contendo os nomes de Eliseu Guilherme, ex-chefe liberal e Manoel José de Oliveira, que fora destacado líder conservador<sup>14</sup>. Esses manifestaram repúdio a essa exclusão, formando uma reação aos republicanos intitulada “ União Nacional”. Como ilustra a pesquisa de Joana Pedro nos jornais de Desterro/Florianópolis, “*muitas de suas opiniões passaram a ser publicadas no Jornal do Comércio, onde figuravam, inclusive, algumas idéias monárquicas.*”<sup>15</sup>

Os republicanos vitoriosos que compunham a Constituinte Federal foram Luiz Delfino, Esteves Júnior e Raulino Horn, no Senado; Lauro Muller, Felipe Schmidt, Carlos Augusto de Campos e José Candido Coutinho, na Câmara.<sup>16</sup>

O Partido Federalista manifestava sua organização e suas estratégias para voltar a controlar ou, ao menos, compor o controle da política da cidade e do Estado. Na elaboração da hierarquia da Constituinte Estadual em 1891, foi escolhido

---

<sup>14</sup> MEIRINHO, Jali. *A República em Santa Catarina*. Fpolis: UFSC, 1982, p.42.

<sup>15</sup> PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas e mulheres faladas – uma questão de classe*. Fpolis: UFSC, 1994, p. 57.

<sup>16</sup> CABRAL, Oswaldo R. *História de Santa Catarina*. Rio de Janeiro: Laudes, 1970 p. 236.



presidente Francisco Tolentino, que representava o Partido Liberal da época monárquica. Legitimando a força da oposição aos republicanos, é nomeado vice-presidente, Antônio Pinto da Costa Carneiro, político da cidade de Laguna e que integrava o Partido Conservador<sup>17</sup>. Os demais constituintes eram republicanos, profissionais liberais e militares.

A prática cotidiana da república brasileira expandia-se em resistências, descontentamentos, rebeliões. Essa descontinuidade política canalizava, cada vez mais, as fragilidades do sistema. Marechal Deodoro da Fonseca começa a retalhar seu próprio cargo, convocando um antigo monarquista para compor o Ministério, o Barão de Lucena. Ainda nesse momento de tensão, a economia brasileira começa a desmanchar-se por conta do “encilhamento”<sup>18</sup> de Rui Barbosa, comprometendo a moeda nacional. Esses acontecimentos geraram desilusões e manobras entre os republicanos. A sua renúncia foi reflexo dessas crises que culminaram com o fechamento do Congresso Nacional em 03 de novembro de 1891.

O contexto nacional era propício para os federalistas reassumirem o prestígio político partidário em Santa Catarina. Lauro Muller e Raulino Horn, nesse momento, estavam representando o Estado de Santa Catarina na Câmara Federal; e no Estado, a expressão política estava sob a responsabilidade do segundo vice-governador, Gustavo Richard<sup>19</sup>. Aqui em Desterro, capital do Estado, Gustavo Richard apoiou o Golpe de Estado de Deodoro; mas essa não era a perspectiva de Lauro Müller. Os estranhamentos, a essa atitude de Deodoro, resultaram no seu afastamento do cargo, assumindo, então, a Presidência da República, o vice-presidente, Marechal Floriano Peixoto.

Reiniciam-se, nesse momento, no Estado de Santa Catarina, outros engajamentos partidários, envolvendo republicanos e federalistas, na tentativa de assegurarem o Poder. Como Lauro Müller não mais pôde estar na articulação política em termos nacionais, pois o Congresso não exercia sua atividade, reassumiu, então, seu mandato de Governador do Estado de Santa Catarina. A política de oposição ao

---

<sup>17</sup> CABRAL, Oswaldo R. *História de Santa Catarina*. RJ: Laudes, 1970, p. 237.

<sup>18</sup> Encilhamento: política econômica de Rui Barbosa que visava promover a industrialização no país. Para isso, em 1890 foi assinado um decreto regulamentando emissões bancárias. Foram feitas grandes emissões de moeda sem o equivalente lastro. Essa crise chamou-se *Encilhamento*.

<sup>19</sup> PIAZZA, Walter. *Dicionário Político Catarinense*. Fpolis: ALESC, 1994, p.23. Gustavo Richard ocupou a política catarinense desde 1887, quando então foi vereador. Fundou o “Clube Republicano Esteves Júnior”. Foi governador entre 1906 e 1910. Foi responsável: implantação do serviço de abastecimento de água da Capital, instalação dos serviços de luz elétrica, etc...

Estado não silenciava em seu comportamento as tentativas de desqualificar os republicanos, que apoiavam Lauro Müller, perante o novo Presidente da República alegando que esse grupo político, apoiou o Golpe de Estado provocado por Deodoro da Fonseca.

A oposição à figura política de Lauro Müller foi tão forte que chegou a sofrer ameaças na rua. A resistência maior, aconteceu em 25 de novembro de 1891, num ato de protesto organizado, do qual participavam um número expressivo de praças. Com a possibilidade de embates, além dos diplomáticos, o apoio a Lauro Müller foi imediato e vinha com maior ênfase do interior, destacando Blumenau, sob a forte liderança de Hercílio Luz. Mas, por conta de evitar maiores agitações público-sociais, Lauro Müller decide deixar sua função política em 28 de dezembro. O seu cargo foi entregue, por ele mesmo, ao Comandante interino da guarnição federal, Major Firmino Lopes Rego. No dia seguinte assumiu o governo uma Junta Provisória, composta do Coronel Luiz dos Reis Falcão, 1º Tenente da Armada Artur Diocleciano de Oliveira e Cristóvão Nunes Pires, líder do Partido Federalista em Santa Catarina. O primeiro ato da Junta foi dissolver o Congresso Representativo do Estado.

Já no início do ano de 1892, chegou ao Desterro, para assumir o cargo de Governador, o Tenente Manoel Joaquim Machado, que era nome de confiança do Presidente Floriano Peixoto, tendo como seu 1º vice, Eliseu Guilherme e 2º vice, Cristóvão Nunes Pires, ambos representantes do Partido Federalista. A República de Floriano não reconhecia seus adeptos em Santa Catarina.

Os federalistas constituídos em partido político desde fevereiro de 1891, já dispunham de prestígio nesse momento. Por outro lado, os republicanos se desencantavam cada vez mais com o Presidente Floriano Peixoto, pois na República de Floriano, estes estavam destituídos do Poder. O novo arranjo político vem acompanhado de muitos rompimentos, bem como de muitas alianças. Os republicanos, com o novo presidente do Estado, o Tenente Manoel Joaquim de Machado, perderam todos os direitos e privilégios políticos, passados agora para os federalistas. A fragilidade republicana reconhecia-se tamanha que a circulação do jornal *República*, no ano de 1892, tornou-se irregular, ao passo que o *Jornal do Comércio* se consolidava.

A situação político-administrativa em Santa Catarina era, como se vê, muito tensa. Nem republicanos, nem federalistas se sentiam consolidados no poder

republicano. Ambos os partidos alegavam que o Presidente Floriano Peixoto agia de forma dúbia, causando, assim, total desconforto às atividades partidárias. Em abril de 1893, o Tenente Machado, nomeado Presidente do Estado por Floriano Peixoto, denuncia-o de anarquizador e subversivo, além de manter a dubiedade política. Assume, então, o 1º vice Presidente, Eliseu Guilherme. Os problemas se reproduzem. A Câmara Municipal, em julho do corrente é descaracterizada pelos republicanos, sob a liderança de Hercílio Luz e Genuíno Vidal. Eliseu Guilherme busca, então, estabilizar o sentido de ordem, mas a oposição republicana aclama Hercílio Luz como Governador do Estado. Federalistas e republicanos buscavam resguardar-se no poder e para isso manifestavam-se de modos diversos e muitas vezes, adversos ao poder nacional. O Partido Republicano intimida Eliseu Guilherme a renunciar. Não havendo uma resposta positiva, os partidários de Hercílio Luz, na madrugada do dia 31 de julho, atacaram o Palácio, além da Câmara Municipal, Tesouro e outras repartições públicas<sup>20</sup>, em volta da Praça XV, na proximidade da Rua do Comércio, atual Felipe Schmidt... A reação “Hercilista” estava, organizada e determinada, em seus atos. Realizava-se então, a derrubada do Governo Catarinense representado por Eliseu Guilherme, que era totalmente hostil à política republicana de Floriano Peixoto. O mesmo Eliseu Guilherme, analisando a crise que se formava diante de seu mandato, telegrafou ao Presidente Floriano Peixoto exigindo maior segurança e, sobretudo, suas garantias políticas.

*Quando se esperava que Floriano Peixoto respirasse aliviado por ver cair o governo Federalista do Estado limítrofe com o Rio Grande do Sul, veio a surpresa: Floriano não só deixou de reconhecer o ato revolucionário, como ainda destituiu Hercílio Luz do cargo de Engenheiro-Chefe da Comissão de Terras de Blumenau<sup>21</sup>.*

---

<sup>20</sup> CABRAL, Oswaldo, R. *História de Santa Catarina*. Rio de Janeiro: Laudes, 1970, p. 246.

<sup>21</sup> MEIRINHO, Jali. *A República em Santa Catarina 1889-1900*. Fpolis: UFSC, 1982, p. 58.

Economicamente, Desterro dependia do Rio de Janeiro, o que dificultava o crescimento local. Era comum nos jornais de Desterro, a crítica de comerciantes a essa situação de inferioridade. Em 1883, um grupo de comerciantes, a maioria de origem imigrante, assinou um documento e o enviou ao então Presidente da Província, Theodoro Carlos de Faria Souto. Esse grupo tinha representante importante como João Prado Lemos, Carl Hoepcke, Antônio Brinhosa, entre outros<sup>22</sup>. Já no período republicano, a economia buscava diversificar-se. Na capital, o grupo empresarial Carl Hoepcke se constituiu em um verdadeiro complexo empreendedor, com atividade comercial, industrial e bancária. Nas demais partes do Estado a economia também passava por modificações; a abertura do banco de areia do rio Itajaí-Açú até à altura de Gaspar, por Hercílio Luz, promoveu a facilidade da comunicação fluvial entre várias cidades. Blumenau, por exemplo, pôde prosperar em sua atividade econômica mantendo com a Capital e outras cidades, constante intercâmbio agrícola e industrial.

#### IV

Nesse cenário masculino os primeiros tempos republicanos soterravam qualquer possibilidade de articulação democrática. Na Presidência da República, Floriano Peixoto não convocou novas eleições, como se esperava. Ao contrário, permaneceu no governo disposto a cumprir o mandato até o fim.

*Isso provocou reação armada, tendo-se revoltado, a 20 de janeiro de 1892, algumas fortalezas do Rio de Janeiro, prontamente subjugadas. A 31 de março apareceu o manifesto dos 13 Generais, intimando Floriano a convocar as urnas. Floriano reforma onze dos signatários e transfere os outros dois para a reserva. Em abril verifica-se grande*

---

<sup>22</sup> MELO, Osvaldo F.(Coord). *História Sócio-Cultural de Florianópolis*. Fplois: Lunardeli, 1991 p.187.

*anifestação popular no Rio, contrária a Floriano – que exila para o Amazonas civil e militar dela participantes.*<sup>23</sup>

Ao mesmo tempo, no Rio Grande do Sul, a Revolução Federalista, no início de 1893, cria seu movimento, liderado por Gaspar Silveira Martins, em oposição ao Governo de Júlio de Castilhos, partidário de Floriano Peixoto. Com essas ocorrências de revolta acontecendo no território nacional aliado ao sentimento de injustiça, Santa Catarina tornou-se o local perfeito para abrigar os revoltosos nacionais e em 14 de outubro de 1893 instalou-se, em Desterro, o Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil. A interatividade de Santa Catarina com os movimentos revoltosos brasileiros provocou na cidade de Desterro uma intranquilidade, reconhecida simplesmente como medo. Durante o período em que aqui figurou o “Governo Provisório”, a reorganização administrativa foi intensa e contínua. O Presidente da República Floriano Peixoto buscou inibir a identificação dos catarinenses com os revoltosos. E nesse momento as alianças que apoiavam o Governo Central são compostas pelos republicanos catarinenses, aqueles que até então foram aliados do processo. Os legalistas eram os que compunham as *tropas legais*, desalojaram os federalistas de Desterro, com o apoio de Hercílio Luz, Emílio Blum, Felipe Schmidt, Lauro Müller, dentre outros. E em abril de 1894, Floriano Peixoto enviou para governar o Estado de Santa Catarina, o Delegado do Governo Federal, Coronel Antônio Moreira César.

Os fuzilamentos aconteceram na Ilha de Anhatomirim e foram condenados catarinenses, ou não, considerados inimigos da República por Moreira César. A sociedade do Estado de Santa Catarina, mais precisamente a de Desterro, resguardou em sua memória as lembranças de um tempo de restrições; de falta de liberdade e da perda da própria vida. Com a sociedade abalada pelos fuzilamentos em Anhatomirim, as pessoas já não caminhavam mais tão tranquilas pelas ruas da cidade. Os sobressaltos eram constantes, típicos dos momentos de ortodoxias

---

<sup>23</sup> CABRAL, Oswaldo R. *História de Santa Catarina*. Rio de Janeiro: Laudes, 1970, p. 245.

ideológicas. As imagens do autoritarismo materializadas pelos desterrenses traziam involuntariamente novas expressões em tudo o que contém de sentido esta palavra.

As palavras sensatez e tranqüilidade podem neste momento soar como metáforas. O consumismo da Rua do Comércio, o sorriso maroto das meretrizes ou até mesmo a leitura de um jornal já não eram mais atitudes rotineiras. A economia, que estava em transição por conta da decadência do porto, da diminuição da exportação de farinha-de-mandioca e do aperfeiçoamento do comércio, se encontrava fragilizada: as finanças estaduais desorganizadas e a política uma verdadeira pantomima, como se constata pela movimentação e pelas histórias que nos contam dos muitos personagens que se citou e se nomeou até agora.

Paradoxalmente, mas explicável pelo contexto que se delineava, Moreira César restaura a Constituição de 1891 e marca eleições para o Legislativo e Executivo. Imediatamente há a reorganização do Partido Republicano Catarinense, agrupando os republicanos “históricos”. A candidatura de Hercílio Luz e Polydoro S. Thiago foi lançada pelo Partido, nas funções respectivas de governador e vice-governador. Sem oposição foram eleitos e empossados a 28 de agosto de 1894.

Nos últimos dois anos, depois de figurarem no poder executivo catarinense, vários nomes, como Tenente Machado, Elizeu Guilherme, Cristóvão Nunes Pires, Almirante Lorena e finalmente Moreira César, chega ao poder Hercílio Luz, eleito constitucionalmente, para cumprir o quadriênio 1894-98.

E no ano de 1894, uma data significativa para a história catarinense, acontece a mudança do nome da Capital do Estado. Encaminhada a proposta do Desembargador Genuíno Firmino Vidal Capistrano para ser votada pelo Legislativo, a Capital passou então a reconhecer-se por outra identidade depois da efetivação de uma Lei sancionada pelo então Governador do Estado, Hercílio Luz.

A cidade de Desterro testemunhou as atrocidades de um tempo e legou a Floriano Peixoto a materialização em “polis”. Desterro foi desterrada.

A economia ganha destaque de novidade quando profissionaliza o comércio e o desenho urbano tem seu relevo a partir dos alargamentos das ruas, da implementação da iluminação pública, do conhecimento das condutas de higiene, da reorganização das normas de civilidade, de novos papéis para mulheres e homens, além do nome da cidade deixar de conter a nostálgica conotação, que para muitos tinha: desterro e desterrenses. Como elucida a historiografia oficial:

*O projeto com a proposta de modificação do nome da Capital foi encaminhado à Assembléia Provincial e causou alguns debates. Não há indicações se houve maior mobilização dos leitores destes mesmos jornais, autoridades edilitárias ou províncias. O que se observa é que de vila à cidade, Nossa Senhora do Desterro remetia a uma figura feminina, religiosa e tradicional. Temia-se pelo aspecto pejorativo do nome Desterro, que poderia influir na visão do estrangeiro ou do viajante acerca do lugar e de seus habitantes. Na discussão, cogitou-se uma figura mitológica, cuja ligação com a água, o peixe e o mar, considerava-se mais apropriada ao local. Outros nomes entraram em discussão como Baía Dupla e também Redenção. Porém, só início da República, após os violentos expurgos aos monarquistas e federalistas, é que a cidade ganhou o nome de Florianópolis, em homenagem ao então Presidente. Assim, forjava-se para a cidade através do nome do personagem ligado ao novo momento político, uma outra identidade, que procurava romper com a tradição e consolidar-se enquanto elemento daquilo que se considerava uma ruptura com o passado, assinalando a versão de um novo ciclo, vitorioso e modernizador<sup>24</sup>.*

Essa tentativa de consolidar a vitória política na personificação do nome da cidade foi, sobretudo, uma estratégia ideológica que pressupunha uma aprendizagem através da obediência. E aos críticos e aos ousados sobrava a clandestinidade; sobrava a sombra de uma cidade que se erguia vitoriosa diante dos minguados rebeldes.

O tempo é outro, é de transformações não só diplomáticas ou políticas, mas de comportamento. Criar animais soltos nas ruas, por exemplo, passava a ser expressamente proibido, pois a rua afirmava-se como espaço público. Essa nova maneira de viver tem total apoio dos ideais republicanos, pois os grandes centros urbanos do Brasil, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo, já representavam, em

---

<sup>24</sup> CHEREM, Rosângela - *Caminhos para muitos possíveis: Desterro no final do Império*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 1994, p.35.

sua vida cotidiana, os anseios de uma nova sociedade, que visava superar a estagnação da época imperial.

Hercílio Luz, aqui, em seu primeiro governo, vai investir na estrutura física da cidade. Inaugurou em 1897 a linha telegráfica entre o litoral e Lages, agilizando, dessa forma, a comunicação entre partes totalmente afastadas pela distância e pela geografia. Nesse mesmo sentido de proporcionar a modernização do Estado (e para o Estado), incrementa o sistema viário estadual, interligando Florianópolis a Tijucas, Blumenau ao Vale do Itapocu e este com Joinville.

A população do Estado não tinha naturalmente uma prática social sobre a salubridade urbana. Conhece as alterações em nome da modernidade e da civilidade do novo tempo, mas está totalmente desprovida da infra-estrutura básica como energia elétrica, água encanada, coleta de lixo, rede de esgoto, etc.

E outros Estados também conhecem esse problema e nos grandes centros urbanos do País proliferam calamidades comunitárias como peste bubônica, febre amarela, cólera, varíola, etc. O governador da época, Felipe Schmidt, preocupado com esses acontecimentos faz uma mensagem em agosto de 1900, de cunho explicativo, à população. Vale a pena reproduzir na íntegra o longo discurso:

*Não correu favoravelmente para a saúde pública o período de meado do ano passado ao princípio deste.*

*Em fins do ano passado a varíola espalhou-se nesta capital, dando-se igualmente alguns casos no Rio Vermelho, Rio Tavares, Laguna, Tubarão e São Francisco.*

*Em princípios do corrente ano desenvolveu-se aqui o sarampão com certa intensidade, causando séria mortandade entre as crianças.*

*Em setembro deu-se o aparecimento da peste bubônica em São Paulo, pondo em sobressalto a população deste Estado, que se viu ameaçada pelo terrível flagelo, então manifestado em porto próximo e com o qual temos constantes relações comerciais.*

*Atualmente flagela a Capital da República a peste bubônica, que felizmente tem-se apresentado com caráter benigno, não sendo muito numerosos os casos da moléstia.*



*Em todas estas emergências tenho agido de acordo com os interesses da população e dentro das forças que me dá a exígua verba “Socorros”, o que traz sérios embaraços ao Governo.*

*Com efeito, é difícil tomar medidas com relação à saúde pública quando se dispõe de uma repartição de higiene nas condições em que a nossa se acha e tendo à sua disposição para as diversas despesas apenas 10.000\$000.*

*Bem deveis compreender as dificuldades com que luta o Governo para debelar epidemias e socorrer indigentes, quando todos os meios para isso lhe faltam. Confio, porém, que prestareis toda a atenção a tão relevante assunto e dotareis o Executivo com elementos que o habilitem a poder zelar pela saúde pública, que de todos nós deve merecer o máximo de cuidado.*

*Com relação à peste bubônica tenho-me limitado a recomendar a aplicação das medidas aconselhadas, para evitar que o contagio seja aqui trazido por passageiros e mercadorias procedentes do porto infeccionado, e todo o auxilio a autoridade sanitária federal, á qual, aliás, se acha afeto o serviço marítimo.*

*Não dispondo o Estado de estabelecimentos apropriados ao serviço quarentenário, solicito ao Sr. Ministro do Interior que fossem os vapores procedentes da Capital Federal desinfetados no lazareto da Ilha Grande e ali fizessem a quarentena necessária.*

*O Governo da União atendeu a justa reclamação e, informado da iminência do pedido para alguns Estados que, como este, não dispõem de meios para obstar a invasão do mal, decretou que os navios dali procedentes fizessem quarentena naquele lazareto, onde seriam também desinfetados.*

*Folgo em deixar aqui consignado que o Governo do Estado tem encontrado no distinto corpo médico desta capital a*

*maior solicitude e empenho em secundá-la na cruzada em bem da saúde pública*<sup>25</sup>.

Os contemporâneos de Felipe Schmidt e de uma época com poucos recursos e muitas exigências passaram a mudar seus hábitos diários. A política de higienização criava novos comportamentos para a população, principalmente com o trabalho sanitarista de Oswaldo Gonçalves Cruz, do Instituto Manguinhos, no Rio de Janeiro e Adolfo Luiz, do Instituto Bacteriológico de São Paulo.

Foi no governo de Gustavo Richard que a cidade, capital do Estado, reconheceu-se *modernizada*. Os hábitos interioranos de uma cidade sem muito luxo, passaram a ser reconduzidos pela luz da eletricidade. A claridade levava as pessoas para as ruas por mais tempo. Uma outra novidade chega à cidade, o sistema telefônico; além do serviço de abastecimento público de água.

## V

O sistema educacional afirma-se na década de 1910 com uma profunda transformação quanto ao aspecto didático-organizacional. Vidal Ramos, governou o Estado entre 1910 – 1914, além de vários mandatos como Deputado Federal e Estadual, e Senador da República; o então governador, auxiliado pelo professor paulista Orestes Guimarães, reforma o ensino catarinense. Em 1911, foi criado um novo tipo de escola, já existente em São Paulo, que era o Grupo Escolar. A pretensão dessa inovação era de substituir a tradicional escola primária, onde não havia a divisão intelectual por série e um mesmo professor ensinava tudo. Cada escola deveria possuir um pequeno gabinete de Física e de Química e um museu escolar. Todo material escolar utilizado era determinado pelos órgãos dirigentes de ensino.

Os imigrantes europeus também eram importantes no processo do convívio público catarinense, principalmente no interior do Estado. Ajudavam a formar a heterogênea sociedade catarinense, porém, não se apropriavam ou dominavam a língua nacional. A comunicação era estabelecida através de adequações – ou até mesmas improvisações - entre os idiomas em questão, não havendo assim um

---

<sup>25</sup> RAMOS, Átila. *Saneamento Básico Catarinense*. Fpolis: IOESC, 1991, p.39.

envolvimento desses com a língua nacional. As escolas aderiram a essa manifestação coloquial, e foi desenvolvido um sistema de estabelecimento de ensino com três matrizes diferenciadas: os estabelecimentos de núcleos urbanos mantidos por sociedades escolares, as escolas pertencentes à congregações religiosas e as coloniais ou comunitárias, típicas de regiões rurais e de baixa densidade demográfica. E são nessas escolas, situadas na área rural, que o ensino vai estabelecer diálogo com os imigrantes e seus filhos. Grande parte dessas escolas, enquadravam-se como “escolas estrangeiras”, isto é,

*aquela em que umas ou mais disciplinas eram ensinadas em língua estrangeira ainda que o professor fosse de nacionalidade brasileira. Por essa razão, dizia-se que havia nas ex-colônias italianas um metódico trabalho de italianização, assim como havia um trabalho de germanização nas ex-colônias alemãs.<sup>26</sup>*

O sistema brasileiro de educação entendia que o ensino primário era responsabilidade dos poderes estaduais e municipais. Com a participação do Brasil na I Guerra Mundial o governo nacional valorizou-se diante dos acontecimentos e interferiu no ensino primário no sul do país. O plano de nacionalização do ensino vinha sendo desenvolvido desde 1911, quando Orestes Guimarães assumiu a reforma do ensino no governo Vidal Ramos. Uma das conseqüências foi a criação de escolas públicas nas ex- colônias, que tornava exclusivo o uso da língua nacional para ministrar as aulas, além de tornar necessário que os alunos respeitassem os feriados nacionais e estaduais. As resistências italiana e germânica provocaram uma fenda nesse plano de nacionalização do ensino, pois a reforma absorveu alguns valores culturais estrangeiros. Isso se evidencia, sobretudo, nos costumes até hoje conservados por várias comunidades catarinenses.

E quando no espaço político começa-se a ler a humanização da cidade pelo caminho da educação abre-se finalmente o capítulo de se pensar a inserção de Delminda Silveira neste contexto histórico.

---

<sup>26</sup> Suplemento: *Jornal Diário Catarinense*, 25 de Novembro de 1993.

## Capítulo 2: ESCRITURAS

Ao ler os nomes republicanos até então descritos, pode-se pensar se a república em Florianópolis é reconhecida só pelo *poder* dos homens. A resposta encontra na reflexão da Professora Joana Pedro, em seu livro *Mulheres honestas mulheres faladas – uma questão de classe*, uma proposta de estudo que envolve *um outro*, que ficou fora das narrativas documentais durante muito tempo.

*A luta contra preconceitos sexistas exige que se dê historicidade aos papéis sociais femininos, tornando-os visíveis dentro de uma determinada formação histórica. No entanto, a construção de uma história que inclua as mulheres exige do historiador todo um trabalho de garimpagem, buscando, entre ofícios, processos, notas, os retalhos da participação feminina. As fontes com referências às mulheres costumam ser escassas. Muitas vezes, elas aparecem mediadas por papéis normativos.<sup>27</sup>*

Assim a historiografia tradicional, que durante muito tempo determinou os agentes históricos (na maioria das vezes os excluindo) está agora enfrentando novas possibilidades de se escrever a História. A proposta de *garimpagem* da professora Joana Pedro é muito mais do que coletar dados; a *garimpagem* pode ser interpretada segundo uma percepção desenvolvida através de uma visão multidisciplinar que contempla a complexidade humana diante do gênero, de etnias, de classe, da geografia, da época, etc...

---

<sup>27</sup> PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas mulheres faladas – uma questão de classe*. Fpolis: UFSC, 1994, p. 115/16.

Interessou-nos para a escolha específica de nossa dissertação, os estudos de gênero, especialmente algumas idéias defendidas por Joan Scott, como um campo próprio de estudo surgido na década de 80. Os estudos feministas desta década começaram a utilizar os estudos de gênero, porque tornava-se mais abrangente e complexo do que o estabelecimento de uma história das mulheres. O texto “*O Gênero: uma categoria útil de análise histórica*” de Joan Scott<sup>28</sup> discute o sentido *aparentemente neutro* da palavra gênero e vai mais além:

*Enquanto que o termo ‘história das mulheres’ revela sua posição política afirmando (contrariamente às práticas habituais) que as mulheres são sujeitos históricos válidos, o ‘gênero’ inclui as mulheres sem nomear, e parece assim não constituir uma ameaça crítica.*<sup>29</sup>

A partir da reflexão de Joan Scott podemos perceber a complexidade teórica que envolve essa palavra. O objetivo da autora nesse texto é decodificar o sentido de gênero com a sua estruturação em uma categoria de leitura. Dada a necessidade de se historicizar os termos da diferença sexual, o gênero como um novo campo de estudo, abre outras possibilidades de análise.

Mas a historiografia tradicional, marcada pela escritura da história dos homens, foi responsável pelo forte discurso de divisão sexual, onde cada sexo, de forma natural, tinha seu papel, seu espaço, seu vocabulário, enfim seu perfil assegurado.

Em função desse discurso fortemente articulado, pelo comportamento, pela medicina, pelos jornais, pela igreja, enfim pela sociedade, Michelle Perrot em um de seus ensaios vem contribuir para a discussão sobre o poder e sua relação entre as mulheres e os homens. Apesar de reconhecer as dificuldades de se entender essa relação, diz a autora que a idéia de que a política não é assunto das mulheres, que aí

---

<sup>28</sup> SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade, Porto Alegre, 1990, p.14

<sup>29</sup> \_\_\_\_\_. Op. Cit. pág. 07

elas não estão em seu lugar, permanece enraizada, até muito recentemente, nas opiniões dos dois sexos<sup>30</sup>. E diz mais:

*È um discurso naturalista, que insiste na existência de duas 'espécies' com qualidades e aptidões particulares. Aos homens, o cérebro (muito mais importante do que o falo), a inteligência, a razão lúcida, a capacidade de decisão. Às mulheres, o coração, a sensibilidade, os sentimentos.<sup>31</sup>*

Nesta leitura dual que se precisa saber para entender as vozes caladas ou não ouvidas no século XIX, podemos constatar que se na política partidária local foi praticamente nula a participação das mulheres, nas produções literárias dos primeiros tempos republicanos (final do século XIX e início do século XX) foi igualmente bastante tímida sua participação.

As mulheres, de classes mais abastadas e em sua maioria brancas, começaram escrevendo poesias e receitas culinárias nos jornais. Os jornais eram assim como hoje o são representantes do seu tempo. Dependendo do discurso registrado, conhece-se o porquê da seleção desta ou daquela matéria, deste ou daquele autor ali presente. O tema *Mulheres*, sobretudo aquele relacionado ao comportamento, sempre foi muito recorrente na imprensa catarinense. Uma das matérias do jornal *O Estado*, por exemplo, em 28 de janeiro de 1897, é bastante ilustrativo:

*A mulher na China*

---

<sup>30</sup> PERROT, Michelle. *As mulheres, o poder, a História*, In *Os Excluídos da História*. SP: Cia. das Letras, 1998, p.184.

<sup>31</sup> \_\_\_\_\_ .Op. Cit. p.184/185

*Contam viajantes que observaram os costumes chineses, que na China a condição das senhoras casadas é tristíssima. Milhares delas suicidam-se só para escapar à tirania marital .*

*A esse respeito o “Lloyd da Ásia Oriental” dá em seus números de Novembro curiosas informações. Atribui a injustiça que sofrem as mulheres na China á prática da lei CONFÚCIO.*

*A doutrina do célebre filósofo não admite direito nenhum às mulheres.*

*O homem é seu senhor absoluto – isso vê-se a miúdo moças casadouras formar associações tendo por único programa a resistência formal ao casamento.*

*Há tempos, na província de Cantão, uma moça pertencente a uma dessas associações recusara persistentemente aceitar os maridos que seus pais lhe ofereciam. Apesar da teimosia da rapariga, os pais prepararão todos os atos necessários à cerimônia nupcial.*

*A noiva recalcitrante tentou então se matar...<sup>32</sup>*

O olhar dos viajantes foi sempre um olhar de espanto ou de estranhamento ao diferente. O registro foi então merecedor da apreciação do público leitor de um jornal do Desterro/Florianópolis que se queria moderno. Mas a opinião jornalística, nesse primeiro momento republicano dividia-se. Ao mesmo tempo em que considerava estranho o comportamento no Oriente, como mostra o texto acima e se publica o texto para causar de certa forma um efeito moral e uma admiração pela “não violência” do homem brasileiro, a imprensa catarinense, dá espaço alguns anos mais tarde, para outros tipos de narrativa sobre as mulheres, como é o caso dessa matéria da *Revista Ilustrada* de 15 de março de 1919:

---

<sup>32</sup> Jornal *O Estado*. Desterro 28 Janeiro de 1897. p. 02 coluna.01.

*O que é a mulher – A mulher é uma massa amorfa incompreendida, que tem passado no mundo, e há de eternamente passar, como o mais doce dos misteriosos e o mais mortificante dos flagelos...*

Folheando a mesma revista encontra-se:

*“Dizem que as mulheres vivem mais do que os homens, porque o trabalho delas é de menor categoria, são menores as aflições, os sentimentos e a luta pela vida, enquanto o homem passa a existência no eterno labor e no desconforto”.*<sup>33</sup>

Esse discurso articulado com uma ideologia machista bastante explícita e, de certa forma, difamador é consagrado pelo público leitor de Florianópolis, como enfatiza a pesquisa já citada da professora Joana Pedro. De 1880 a 1923 circulavam cento e nove jornais, uns de maior periodicidade, como é o caso dos jornais *O Comércio, República e o Dia*. Mas apesar do jornal representar para a cidade um veículo cultural importantíssimo, os alfabetizados somavam um grupo bem reduzido.<sup>34</sup> E é esse pequeno grupo que vai elaborar a *cartilha cultural* de Florianópolis, contendo em seu conteúdo didático a definição do *certo e do errado*. Essa forma maniqueísta de definir as coisas constituía, então, uma análise castradora e moralista para os assuntos que circulavam na pauta do dia.

---

<sup>33</sup> Revista *Ilustrada* – Publicação Mensal Florianópolis 15 de março de 1919. O primeiro artigo é assinado por Hollanda Cavalcanti, um jornalista renomado na imprensa local. Em maio do mesmo ano a Revista *Ilustrada* convida Delminda Silveira de Souza para assinar como colaboradora da Revista, junto com Hollanda Cavalcanti e outros homens *famosos*. O segundo artigo da *Revista* não está assinado.

<sup>34</sup> PEDRO, Joana Maria. *Mulher e honestas mulheres faladas uma questão de classe*. Florianópolis: UFSC, 1994, p.30.



Dado esse contexto, é compreensível que as mulheres vão escrever muito pouco, ou sob pseudônimos, ou que ainda estabeleçam, através de seus textos, diálogos pertinentes com a mentalidade machista dominante. Delminda Silveira, assim como outras mulheres de sua época, também publicaram seus poemas com uma identidade fictícia,

*principalmente nas décadas de 1880-1890 e na entrada do nosso século, seus poemas enriqueceram entre outros, as páginas dos seguintes jornais e revistas: Crepúsculo, Palavra, Polyanthea, sul-americano (no qual publicou mais sob o pseudônimo de Brasília Silva), Revista Catarinense, Anuário de Santa Catarina, A Pátria, Revista do Centro Catarinense de letras, Ilha Verde, etc.<sup>35</sup>*

Algumas mulheres não limitaram suas ousadias e contribuíram para a literatura e para a historiografia não positivista. Júlia da Costa e Antonieta de Barros foram contemporâneas de um tempo onde as mudanças significavam virtudes. Júlia da Costa, natural de Paranaguá, veio para Santa Catarina – São Francisco do Sul – com apenas 10 anos. Colaboradora de vários jornais e revistas, também publicou dois livros, *Flores dispersas* (1ª e 2ª séries).

Para a professora e pesquisadora Zahidé Muzart, a vida de Júlia da Costa

*tem feição cinematográfica. Não obedece aos padrões vigentes para a mulher brasileira do século XIX. Inteligente e independente, sucumbe somente ao amor-paixão pelo Benjamim Carvolina. Essa paixão e o abandono se tornam a marca da poesia de Júlia da Costa.<sup>36</sup>*

---

<sup>35</sup>JUNKES, Lauro. *Indeléveis Versos*. Fpolis: UFSC, 1989, p.08.

<sup>36</sup>MUZART, Zahidé L. *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999, p.404/405.

Antonieta de Barros, nascida em 1901 em Desterro era negra e seus biógrafos atribuem-lhe origem humilde<sup>37</sup>. Foi professora dos Colégios Coração de Jesus e Catarinense e do Instituto Estadual de Educação. Neste último chegou ao cargo de Diretora. Militante do Partido Liberal Catarinense, foi deputada e em 1935 colaborou na elaboração da Constituição de Santa Catarina<sup>38</sup>. Nas suas próprias palavras lê-se o seu espírito reivindicatório não só ancorado na educação, mas no diálogo evidente entre a escola e as políticas públicas.

*Um povo é grande não só pelo seu espírito trabalhador, mas, também principalmente, pela sua cultura.*

*Daí a necessidade de se chegar às massas, a possibilidade de ir além da alfabetização que é muito, mas não é tudo.*

*Daí a necessidade de se tornar acessível aos que não tem o ouro sonante – mas o ouro que não se compra, - o da inteligência – uma cultura superior.*

*E, dessa cultura das massas, onde estão, se estabelecerá a única aristocracia possível – a do espírito – esperamos que surjam pátrias maiores, por uma Humanidade melhor.<sup>39</sup>*

Antonieta de Barros tem sua trajetória também marcada pelas páginas dos jornais. Primeiramente, em 1929, escreveu no jornal *Folha Acadêmica*, sob a epígrafe, “Farrapos de idéias”, assinando com o pseudônimo de Maria da Ilha.

Depois passou a escrever em outros jornais, como, *A Semama, a República* (tinha uma coluna semanal) e o *Estado* (Crônicas, o que resultou em seu livro em 1937).

E é falando em Antonieta de Barros, que introduziremos aquela que foi sua professora particular e objeto motivador desta pesquisa.

---

<sup>37</sup> PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas Mulheres faladas: uma questão de classe*. Florianópolis: UFSC, 1994, p.108.

<sup>38</sup> \_\_\_\_\_. Op. Cit. p.108-109

<sup>39</sup> BARROS, Antonieta. *Farrapos de Idéias*. Fpolis, 2001 p.19.

Capítulo 3:  
DELMINDA SILVEIRA e(m) DESTERRO

I

Era comum se observar até meados do século XIX a inclinação da crítica masculina em atribuir à mulher-escritora um estatuto inferior, menor, dentro do mundo literário convencionado para a época. A crítica insistia que as escritoras só sabiam escrever sobre natureza, sentimentos e culinária; e denunciava

*uma certa tendência das mulheres em confundir vida pessoal com literatura, o que levou, inclusive, alguns críticos a afirmar que as escritoras pareciam incapazes de se afastar da experiência vivida para entrar no ponto de vista, na psicologia e na linguagem do outro*<sup>40</sup>.

Tem-se por conta disso uma redução biologicista: mulher é incapaz de desenvolver suas potencialidades intelectuais; cabe a ela, segundo a mentalidade positivista, ser filha, esposa e finalizar sua vida na condição de mãe. Segundo Sylvia Paixão,

---

<sup>40</sup> AGUIAR, Neuma. *Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997, p.91.

*A República, na verdade foi erigida contra as mulheres, sob influência do Positivismo(...) Comte inaugura uma nova ciência, que preserva o nascimento de uma ordem mantenedora das mais radicais implicações, dentre as quais situa-se a ‘incontrolável participação da mulher na vida pública’ ”, e continua analisando a filosofia positivista que entende “A intelectualidade feminina é inferior, uma vez que a mulher é mais rica na espiritualidade e no amor. Dessa forma, a igualdade sexuada é redefinida como uma diferenciação radical de funções e de naturezas<sup>41</sup>*

O positivismo, ideologia da república brasileira, recusa a independência da mulher, uma vez que ela nasceu para o casamento e suas funções específicas, regulamentadas no privado. Nos estudos não positivistas, o privado deixou de ser a “zona maldita, proibida e obscura” e passou a ser reconhecido,

*como um local de delícias e servidões, de conflitos e sonhos; o centro, talvez provisório, de nossa vida, enfim reconhecido, visitado e legitimado<sup>42</sup>*

E é nesse sentido, com uma lente de aumento, que a historiografia não positivista vai à *soleira do privado* pensar nas experiências humanas, sobretudo as das mulheres, que tiveram acesso à educação e a uma profissão no espaço público para além da guardiã da economia doméstica e mentora dos filhos.

Segundo Michelle Perrot, o século XIX é reconhecido como a *Idade de Ouro do Privado*, onde as relações humanas experimentam situações independentemente dos sexos: “*Entre a sociedade civil, o privado, o íntimo e o individual traçam-se círculos idealmente concêntricos e efetivamente entrecruzados<sup>43</sup>.*” O sentido de se estudar e escrever sobre o final do século XIX em Santa Catarina, especialmente a

---

<sup>41</sup> PAIXÃO, Sylvia. Fazendo Gênero – Seminário de Estudos sobre a Mulher. In: *O Fracasso do Ressentimento na Literatura* “Sorriso da sociedade”. Ponta Grossa: UEPG/UFSC, 1999. p. 34

<sup>42</sup> PERROT, Michelle. *A História da vida provada: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. SP: Cia das Letras, 1992, p.09.

<sup>43</sup> \_\_\_\_\_. Op. Cit. p. 10.

contribuição feminina de uma escritora que se inscreveu na história entre tantos nomes masculinos, é o de não correlacionar de forma simplista mulheres e vida doméstica. A idéia aqui é de tratar de um *outro* texto e de um *outro* espaço, produzido e habitado por mulheres professoras, leitoras, escritoras. Em Desterro/Florianópolis, Delminda Silveira, a personagem principal de nossa dissertação, experimentou esse entrecruzar de vozes. No espaço político masculino, o que repercutiu sobremaneira no cotidiano urbano, como registramos no capítulo anterior, as mulheres que se aventuraram em atividades outras, merecem por si, este registro biográfico, que permita ler através de sua produção, o esforço de seu imaginário, ainda povoado pela literatura romântica do século XIX.

Constância Duarte em seu artigo *O Cânone Literário e a autoria feminina*, no livro organizado por Neuma Aguiar *Gênero e Ciências Humanas*, também discute os preconceitos de uma época com esse olhar sob as lentes desses estudos, e afirma que “os espartilhos do preconceito teimavam em mantê-la bem segura e dentro dos limites do espaço doméstico<sup>44</sup>”.

Algumas mulheres ousaram não arrebentar, mas afrouxar com sua própria mão estes espartilhos do preconceito e da limitação e conseguiram algumas vitórias (quem sabe muitas mágoas...). Muitas, dessas, conheceram o desprazer de transgredir, houve afastamento da família, foram alvo das mais variadas críticas e muitas foram consideradas loucas e colocadas à margem. Mas algumas chegaram a publicar, com certo mérito seus livros.

Este é o caso de Delminda Silveira que escreveu poemas desde a juventude. A palavra dentro do seu mais amplo contexto parece que sempre a motivou, conforme o levantamento de sua produção e as pesquisas anteriores já atestaram. Não transgrediu as normas, não se posicionou contra-ideologicamente e foi uma representação do modelo sócio-político predominante na Desterro/Florianópolis da época. Referindo-se ao segundo livro da autora, *O cancionero*, de 1914 (o primeiro, que é aqui analisado foi editado com o título: *Lises e martírios*), a professora e pesquisadora Zahidé Muzart, comenta:

*É sabido que os governos estão sempre preocupados em manter o status quo, a ordem, o progresso, idéias derivadas*

---

<sup>44</sup> AGUIAR, Neuma. *Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. RJ: Rosa dos Tempos, 1997, p.89.

*do Positivismo que imperava ainda em nosso país. E era justamente isso o que pregava Delminda Silveira em sua poesia destinada às escolas*<sup>45</sup>.

Assim, com Delminda Silveira o libertar-se dos espartilhos significou escrever e ser reconhecida por isso. Por mais que tenha mantido o *status quo*, como elucida a professora Zahidé Muzart, a sua preocupação em dar vazão aos seus ideais republicanos, sob a forma literária já é uma forma de ousadia, e liberdade de expressão para aquelas, cuja maioria, fazia uso da palavra escrita para receitar novos sabores ou indicar facilidades e inovações nos pontos de bordados. Nesta linha do raciocínio podemos resgatar, por exemplo, suas convicções abolicionistas.

Em seu primeiro livro publicado em 1908, cujo prefácio é de 1885, apresenta estas duas poesias: *Salve!* e *Livre!*

*Salve!*

*Mais uma aurora de glória  
no céu da prata raiou  
que mais um nome na História  
o livre império gravou!  
Salve! – ó “Desterro” gentil,  
berço da minha inocência!  
Hoje a tua florescia  
já não mancha a nódoa vil!*

*Sim; é teu nome adorado,  
ó linda estrela do sul,  
que brilha, de luz formando  
como o cruzeiro no azul!  
Não, não mais do escravo há de  
ouvir-se o pranto em teu seio;  
‘te das aves o gorjeio*

---

<sup>45</sup> MUZART, Zahidé L. *Escritora Brasileira do século XIX*. Fpolis: Ed. Mulheres, 1999, p. 635.

*proclamará – liberdade!*

*O auriverde pendão  
que Castro Alves amou,  
nas águas da redenção  
lave a nódoa que o manchou!  
Da liberdade no templo,  
ó bravos catarinenses  
na glória dos Desterrenses,  
já tende o nobre exemplo!*

*Eia! Na senda de luz  
por vossos irmãos trilhados,  
avante! É santa a cruzada  
que a tanta glória conduz!  
Sim! Do sul a bela filha  
Que sobre as ondas descansa,  
seja livre como a esperança,  
como a luz que no Céu brilha!*

Com a mesma temática e com o mesmo propósito de historicizar retórica e didaticamente o acontecimento, ela escreve:

***Livre!***

*Ribomba um hino de festa  
Desde o Palácio à senzala  
Acorda a virgem floresta  
á voz que a nova propalava!  
Lá onde o escravo gemia,  
aonde o pranto escondia  
nas trevas da solidão,  
como uma luz peregrina,  
como uma aurora divina,*

*assomou a redenção!*

*Quantos soluços trocados  
nos risos são da alegria!*

*Quantos e quantos cuidados  
destruídos num só dia!...*

*Eis a luz consoladora...*

*Eis, ao fim, a meiga aurora  
que o sonho horrendo desfez!*

*Eis o Brasil radiante  
como um herói triunfante,  
mil grilhões calcando aos pés!*

*Sobre o solo abençoado  
em que o ergueu Cabral a Cruz,  
brilha agora desfraldado  
o estandarte da luz!*

*Hosana á Pátria de bravos  
Que preconceitos ignavos  
para sempre altiva estripou!  
Exulte o brasileiro povo,  
que a Liberdade de novo  
da pátria o solo beijou!*

*Que o Céu nas lúcidas galas,  
que a onda beijando a areia,  
que a brisa em dúlcidas falas  
cantem a grande epopéia!  
Salve! Salve, ó Pátria minha!*



*Ergue a fronte de rainha,  
de luz e louro e rosada,  
que a tua nobre vitória  
honra a incita memória  
de Rio-Branco e de Andrada!*<sup>46</sup>

Dois poemas retificadores da ideologia ufanista vigente, feitos para a declamação, possivelmente, pois a leitura dos mesmos é marcada pelo ritmo exigido pela oralidade e pela declamação. As imagens reais não são apenas fruto da imaginação, mas ratificam a retórica dos abolicionistas republicanos e a ideologia vigente. A intencionalidade das imagens e das palavras escolhidas não é estética mas muito mais reiteradora do ufanismo reinante no período em que se inscrevem os dois poemas. As imagens expressam sua visão do mundo e sua experiência de percepção de realidade para muito além do espaço urbano em que atuava.

Outras mulheres, em outros lugares do Brasil, também se dedicaram a escrever sobre causas políticas paralelo a seus sentimentos e emoções, pulando entre o fato público e seu universo privado. Sylvia Paixão, cujo ensaio, nos deu algumas diretrizes de leitura, exemplifica essa situação com a atitude da Viscondessa de Barral.

*Entre sua origem burguesa-agrícola e a nobreza advinda com o casamento, entre as cortes da Europa e a escravidão do Brasil, a Viscondessa de Barral, conseguiu, em meados do século XIX, equilibrar situações contraditórias e adversas, transitando livremente entre o espaço público e privado. Em 1868, com a morte do marido, concede liberdade aos filhos de suas escravas e, em 1880, liberta os*

---

<sup>46</sup> A poesia *Salve!* Foi elaborado “Por ocasião da extinção do elemento servil, na cidade do Desterro, capital de Santa Catarina”, como escreveu a própria poeta. E o poema *Livre!* Em homenagem “A Pátria Brasileira, expurgada da escravidão”. Assim Delminda Silveira registrava-se com um perfil abolicionista. Essas poesias foram retiradas do seu primeiro livro *Lises e Martírios*.

*que ainda possuía, sem esperar a assinatura da Lei Áurea, em 1888*<sup>47</sup>.



Através da pesquisa feita no acervo de Delminda Silveira, arquivado na Academia Catarinense de Letras, e nos jornais da época no setor de Santa Catarina da Biblioteca Pública, percebe-se uma atuação se não mais arrojada mais pontual no que se refere ao papel intelectual da escritora Delminda Silveira. Ela participou da redação de revistas, escreveu em jornais, manifestou suas opiniões sobre a educação de meninas e meninos e também se fez ouvir com relação à emancipação da mulher, além da manifestação pública em apoio à abolição da escravidão ou outras questões políticas como observamos nas duas poesias anteriormente reproduzidas.

Parece importante, porém, aqui registrar como era próprio das escritoras do século XIX justificarem seu trabalho literário como quem pede licença para produzir sua criatividade e para se inserir neste espaço explicitamente masculino. Cito exemplos. Maria Firmina dos Reis, apresentando seu trabalho, o romance *Úrsula*, publicado em 1859, considerado, hoje, pela crítica como o primeiro romance abolicionista, diz-nos:

*Mesquinho e humilde é este que vos apresento, leitor. Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros, e ainda assim o dou a lume. Não é a vaidade de adquirir nome que me cega, nem o amor próprio de autor. Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem, com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo.*

---

<sup>47</sup> PAIXÃO, Sylvia. Fazendo Gênero – Seminário de Estudos sobre a Mulher. In: *O Fracasso do Ressentimento na Literatura* “Sorriso da sociedade”. Ponta Grossa: UEPG/UFSC, 1999. p. 34.

*Então por que o publicas? – perguntará o leitor.  
Como uma tentativa, e mais ainda, por este amor materno, que não tem limites, que tudo desculpa – os defeitos, os achaques, as deformidades do filho – e gosta de enfeitá-la e aparecer com ele em toda a parte, mostrá-lo a todos os conhecidos e vê-lo mimado e acariciado.*

*(...)Deixai pois que minha Úrsula, tímida e acanhada, sem dotes da natureza, nem enfeites e louçanias de arte, caminhe entre vós. (...)*<sup>48</sup>

Também destaco Nísia Floresta Brasileira Augusta ao escrever a dedicatória do livro *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*, destina às brasileiras e acadêmicos brasileiros suas palavras humildes:

*A vós, caros Patrícios e dignos filhos de Palas, oferecem este pequeno resultado de minha aplicação. Assaz conheço a incapacidade de meus talentos para fazer uma tradução digna de vós: porém convencida da indulgência e bondade, que constituem o vosso principal caráter, não hesitei propor-me a esta tarefa na esperança de que, desculpando benignos os meus erros, acolhereis as minhas boas intenções. De vós, Patrícias, espero, que longe de conceberdes qualquer sentimento de vaidade em vossos corações com a leitura deste pequeno livro, procureis ilustrar o vosso espírito com a de outros mais interessantes, unindo sempre a este proveitoso exercício a prática da virtude, a fim de que sobressaindo essas qualidades amáveis e naturais ao nosso sexo, que até o presente têm sido abatidas pela desprezível ignorância em que os homens, parecem de propósito, têm nos conservado, eles reconheçam que o Céu nos há destinado para merecer na Sociedade uma mais alta consideração. E de vós, mocidade Acadêmica, em quem a Nação tem depositado as mais belas esperanças, que sabereis corresponder à sua expectativa, igualmente espero, que atendendo o estado a que o nosso infeliz sexo tem sido injustamente condenado, privado das vantagens de uma boa educação, longe de criticardes a minha temeridade, lamentareis a nossa sorte, pois que até em pequenas empresas não podemos desenvolver nossos talentos naturais. Assim como (espero) que, algum dia nas horas*

---

<sup>48</sup> REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. RJ:Presença, 1988,p 19/20

*vagas de vossos ministérios, lançareis vistas de injustiças sobre nosso sexo em geral, se não para empreender uma metamorfose na ordem presente das coisas, ao menos para conseguirmos uma melhor sorte, de que não duvidareis, somos dignas.*

*Desta arte conseguireis nossos verdadeiros louvores, e vossos nomes imortalizados, receberão da Posteridade a brilhante coroa de vossas virtudes.*

*São estes os ardentes e puros desejos*

*De vossa Patrícia sincera,*

*N.F.B.A.<sup>49</sup>*

As mulheres Maria Firmina dos Reis, Nísia Floresta e Delminda Silveira, pediram licença para penetrarem no mundo das gravatas, mas sobretudo escreveram suas linhas para mulheres e homens lerem, pensarem e discutirem. Como diz Nísia Floresta em sua *erótica* despedida: “São estes os ardentes e puros desejos; De vossa Patrícia sincera – N.F.B.A”. Ou ainda no dizer de Maria Firmina dos Reis, “Deixai pois que a minha Ûrsula, tímida e acanhada, sem dotes da natureza, nem enfeites e louçanias de arte, caminhe entre vós.”

E caminhando elas, as personagens dessas mulheres, preencheram os livros e vários jornais de suas épocas, mesmo entre pedidos de desculpas e licenças.

Mas interessa-nos mesmo é reproduzir o pedido de licença e de “benção” do poder público feito por Delminda Silveira na carta inserida no livro *O Cancioneiro*. Os destaques em negrito objetivam proporcionar uma leitura paralela deste discurso oficioso que se fazia necessário para o reconhecimento oficial.

***Ao Ex.mo. Sr. Cel. Vidal, digníssimo Governador do Estado de Santa Catarina.***

*Ex.mo. Sr.*

*Respeitosamente, saudando a V.Ex.a., é com a mais viva emoção que ofereço o meu pequeno trabalho, insignificante, quanto ao seu valor literário, mas,*

---

<sup>49</sup> FLORESTA, Nísia Brasileira Augusta. *Direitos dos Homens Injustiças das mulheres*. Recife: Typographia Fidedigma, 1832, p.21/22.

*quicá, de algumas utilidades quanto ao fim a que se destina.*

*É um modesto trabalho didático que aos meus catarinenses dedico, e que, levando gravadas em sua primeira página as belas palavras de V.Ex.a. sobre o ensino, além de ser uma sincera homenagem da **minha admiração ao elevado espírito que ditou**, é o modesto concurso da minha boa vontade à **grandiosa causa da instrução pública que tão particular atenção e minuciosos cuidados tem merecido de V.Ex.a.***

*Acompanhando, embora de parte, a **grande evolução do ensino no nosso Estado**, vendo esse admirável desenvolvimento que ao **patriótico amor e dedicação de V.Ex.a.** Devo, eu, que amo também com toda a minha alma nossa bela terra natal, **poderia ficar indiferente, inativa ante a magnitude desse grandioso fato.***

*Assim é que ousou **juntar aos nobres esforços de V.Ex.a., o meu fraco, porém espontâneo concurso.** Aceitai-o, pois, Ex.mo. Senhor, e **desculpe minha ousadia**, preenchendo com vossa magnanimidade o que ao meu trabalho falta de merecimentos.*

*E possa este pequeno livro, **merecendo a simpatia e apoio de V.Ex.a., ser de algum modo, proveitoso às crianças, a quem o destino.***

**Com grande respeito e consideração**

*subscrevo-me de V.Ex.a.*

*Att<sup>a</sup>. Admiradora e obscura patrícia agradecida*

**Delminda Silveira de Sousa**<sup>50</sup>

Através deste exemplo percebe-se o desejo de Delminda Silveira de participar sim da vida cultural catarinense, uma participação além do espaço privado, do espaço entendido como o das mulheres. Para isto pediu licença. Só que a circulação de seu nome e os registros históricos comprovam que aos poucos foi conseguindo respaldo no espaço público.

Uma contemporânea sua, vai além dessas desculpas, dessa ousadia intimidada pela pressão política e pela crítica literária da época. Ignez Sabino apresenta o seu livro *Mulheres ilustres do Brasil*, de forma segura, sem tempo para desculpas. Sua preocupação é outra. Interessa-lhe particularmente a ausência de nomes femininos no

---

<sup>50</sup> SILVEIRA, Delminda. *O Cancioneiro*. Fpolis: Livraria Central 1914, p.03.

cenário cultural brasileiro. Diz no prefácio do seu livro datado em 1º de Janeiro de 1899,

*O presente livro não é um trabalho de floricultura. O Panthéon feminino, se por um lado faz lembrar os jardins pênseis do tempo de Semiramis, por outro lado reflete o espírito do século(...)*

*Não é que a autora não goste de cultivar as belas filhas da primavera; mas nas Mulheres Ilustres o cultivo das flores visa um outro fim que a emoção estética.*

*Todavia, entre nós ela tem passado despercebida, não obstante em 1860, o falecido escritor Sr. Norberto de Souza haver escrito sobre algumas, manifestando desejo que uma senhora brasileira tome a si o trabalho de continuar a sua obra aos esboços os traços sentimentais desse agrupado de sensações que assaltam a alma feminina e que só a mulher as pode conhecer bem. Concordo com o ilustre literato.*

*Por que razão a mulher não poderá ser conhecida pela pena de outra mulher, estudando em si, a psicologia alheia?(...)*

*Eu quero ressuscitar, no presente, as mulheres do passado que jazem obscuras, devendo elas encher-nos de desvanecimento, por ver que bem raramente na humanidade, se encontrará tanta cívica presa aos fatos da história. (...)*

*A mulher não deve viver somente pelas virtudes, nem pelas graças: ela deve, necessita, agir pela inteligência, de acordo com os seus deveres morais e cívicos(...) <sup>51</sup>*



Delminda Silveira começou a participar da *Revista Ilustrada* como colaboradora em maio de 1919, como a única mulher a fazer parte dessa redação:

---

<sup>51</sup> SABINO, Ignez. *Mulheres Ilustres do Brasil*. Fpolis: Ed. das Mulheres, 1996, p.7/10.

*Poetisa de esclarecida inteligência e cuja meiga, suave, delicadíssima inspiração seduz, encanta a quantos lêem o seu melodioso verso, D. Silveira honra e distingue sobremodo a 'Revista Ilustrada' com a sua brilhante colaboração*<sup>52</sup>.

Ao assumir a redação da *Revista Ilustrada*, junto com Oscar Rosas, Cruz e Sousa, Virgílio Várzea, Altino Flores, José Boiteux, Hollanda Cavalcanti, Horácio Nunes Pires, homens de relativa importância na época e consagrados posteriormente, seu nome começa a circular paralelo às relações da família Silveira de Souza e à sua atividade profissional na escola, educando as alunas do magistério do tradicional Colégio Coração de Jesus das Irmãs da Divina Providência em Florianópolis.

Enquanto integrante da redação da *Revista Ilustrada*, participou da publicação de várias matérias, entre elas o provocativo e inverossímil *Os Deveres da Esposa*, assinado por um tal de Seu Rosny:

***Revista Ilustrada N.06 set. 1919***

*Il.mo. Sr. Diretor da Revista Ilustrada. Saudações*

*Venho pelo presente solicitar-vos a transcrição do trecho abaixo:*

***DEVERES DA ESPOSA***

*Na Índia, a esposa tem os seguintes deveres, conforme um jornal sério:*

---

<sup>52</sup> *Revista Ilustrada* – 1º Maio de 1919. .Publicação Mensal, Ano I – Fpolis, nº 2. Capa Dr. Epitácio Pessoa – Eleito presidente da República. Redação Administrativa, Praça 15 nov. nº16 pavimento térreo. Expediente: Diretor: Aldino Soares Gerente: Dr. Ary Machado. Colaboradores: Delminda Silveira, Altino Flores, João Crespo, Dr. Olavo Freire Júnior, Horácio Nunes Pires, Dr. Hollanda Cavalcanti, J.Pedroso, Rubens Salomé Pereira, Affonso Wanderley Júnior, Dr. Ivo de Aquino, Ogê Manneback, Trajano Margarida, Gomes Winther, Gustavo Neves, Juvencio Braga, João Melchiades. Nesta publicação da *Revista* tem-se, além do artigo acima descrito referenciando a escritora, uma produção em prosa chamada *Oceano* e uma poesia inédita intitulada *No jardim*.

*I- A mulher indiana não deve reconhecer na terra outro deus, senão o seu esposo.*

*II- Se o marido ri, ela também é obrigada a rir; chora-se, a chorar.*

*III- Se o marido se acha ausente, a indiana não se alimenta até seu regresso.*

*IV- Se o esposo a descompõe, ela tem de lhe agradecer isso; se lhe bate, beija-lhe a mão, porque é a única culpada da zanga do marido.*

*V- Não pode ser infiel ao marido: Se o for, este tem o direito de mata-la da maneira que quiser.*

*Se os deveres das nossas fossem idênticos aos das mulheres indianas, por certo nós homens seríamos menos infelizes e as nossas esposas menos egoístas...*

*Antecipadamente Sr., agradeço-vos a publicação desta.*

*Rosny*

Nota de redação:

*Antecipadamente lhe aconselhamos que ponha as costelas no seguro. Tenha cuidado seu Rosny - com as mulheres...<sup>53</sup>.*

A ironia que se faz posfácio dos *Deveres da Esposa*, na Nota da Redação, tem como objetivo demonstrar que intelectuais da época, dentre eles a mulher Delminda Silveira, ao mesmo tempo em que permitiam a publicação da carta provocativa e preconceituosa do “Sr. Rosny”, estavam conscientes das mudanças de mentalidade da Desterro. Isso resultaria na reação natural daquelas que já estavam repensando, muito mais do que seus deveres, seus direitos.

Neste mês de setembro de 1919, saiu o número referente à julho, onde confirmou-se a inserção profissional de Delminda Silveira, ao ser eleita parte integrante do quadro permanente dessa redação:

---

<sup>53</sup> Revista *Ilustrada* n.06 Set. 1919. Assina como colaboradora desde maio de 1919 nessa revista.



*Revista Ilustrada de Florianópolis, Santa Catarina, n.4 de Julho. Capa: Silhueta da Catedral, lindo negro sobre o azul do artista hábil Guilherme Baschta; páginas inteiras, 24, disputando-se a primazia numa encantadora variedade de leitura amena, bem traçadas, por penas de maestria e outras de estudiosos e inspiradores colaboradores. Dezenas de clichês; retratos, vistam. Mensal. Aurino Soares, redator chefe, de plêiade brilhante de literatos de nomeada, Oscar Rosas, Altino Flores, José Boiteux, Crespo, Cavalcante, Wanderley, Margarida, Tolentino, Bainha, além da eleita Delminda Silveira. A revista é um passo largo na arena de Cruz e Sousa e Virgílio Várzea, onde Horácio Nunes produziu tantas e tão belas páginas<sup>54</sup>.*

Neste caminho, a escritora também marcou sua participação em outras revistas, onde pôde registrar o seu potencial literário, além de se expor enquanto mulher trabalhadora, longe da singularidade representada por aquelas que atuavam apenas no âmbito doméstico. Como exemplo, pode-se citar seu envolvimento com a revista *A Mensageira*, dirigida por Prisciliana Duarte. A revista é editada no final do século XIX em São Paulo. Delminda Silveira publicou seus poemas desde o número seis da revista, datada de 1897. Esta publicação, mesmo incluindo textos marcados por uma tradição literária ou de costumes, objetivava participar da luta por uma consciência feminina contribuindo com uma leitura politizada acerca da educação das mulheres<sup>55</sup>. A pesquisadora Sylvia Paixão destaca também a importância da revista

---

<sup>54</sup> Revista *Ilustrada*, set. 1919. Aqui, assinala-se o nome da escritora como parte feminina na extensa galeria de homens. A nota faz referências a Horácio Nunes Pires no passado, pois o número anterior da *Revista* escrevia: “No dia 21 do mês findo faleceu nesta cidade, Horácio Nunes Pires, distinto funcionário do Estado e apreciado homem de letras. Quer como funcionário público, quer como literato, quer como chefe de família, a sua vida foi uma farta documentação do que vale uma vontade firme ao serviço de um caráter sem jaça”.

Sobre o túmulo recém-fechado do seu querido colaborado, Revista *Ilustrada* deposita a homenagem de uma sentida saudade.” – *Revista Ilustrada* Florianópolis 1º de junho de 1919.

<sup>55</sup> MUZART, Zahidé Lupinacci. *Escritoras Brasileiras do século XIX*. Fpolis: Ed. Mulheres, 1999, p. 635/636

*Destaco apenas, ao citar a imprensa feminina, especialmente a revista A Mensageira, a importância da criação de um espaço que permitiu o avanço da participação feminina, em finais do século XIX, quando podemos perceber a valorização de certos gêneros considerados não canônicos, privilegiados para a mulher. Nas cartas, nas crônicas, mais do que nas poesias, um sujeito mulher se constrói e se apresenta publicamente. A atmosfera de confissão, de segredo, perpassa a prosa feminina, abrindo espaço à representação do imaginário da mulher.<sup>56</sup>*

Outra referência a seu trabalho, fora da cidade de Florianópolis, é a sua participação, pelo viés da sua produção literária, no jornal *O Itiberê*, de Paranaguá. Em seu acervo na Academia Catarinense de Letras, é possível ler a poesia *O Mar* datada de agosto de 1924, e que foi publicada em seu livro *Lises e Martírios*<sup>57</sup>.

## IV

Os discursos sobre Delminda Silveira foram muito variados, mas em todos os que encontramos, percebe-se o tom de certo reconhecimento.<sup>58</sup> Em 1900, por exemplo, na *Revista Catarinense*, lê-se a resposta de uma carta onde Delminda Silveira agradece a Eduardo Nunes Pires por ter destinado “nobres” palavras a seu respeito na redação da mesma revista:

---

<sup>56</sup> PAIXÃO, Sylvia. Fazendo Gênero – Seminário de Estudos sobre a Mulher. In: *O Fracasso do Ressentimento na Literatura* “Sorriso da sociedade”. Ponta Grossa: UEPG/UFSC, 1999. p. 34.

<sup>57</sup> Informação retirada do acervo da Academia catarinense de Letras, Jornal *O Itiberê*, agosto de 1924 Paranaguá.

<sup>58</sup> Esses comentários foram possíveis após analisar o material coletado na Biblioteca Pública e pelos arquivos, devidamente organizados pela Professora Zahidé e sua equipe, na Academia Catarinense de Letras.

*Aprove a esta ilustre catarinense despende a fineza de dirigir-me delicada e bem escrita carta, agradecendo-me, em extremo, as linhas singelas, mas unguidas de verdade, que por mim traçadas, a seu respeito, dignou-se a estimabilíssima Redação de órgão do Centro Catarinense estampar em suas colunas. Prezando imenso as expressões de delicadeza e generosidade – da preclara poetisa – e protestando-lhe meu profundo reconhecimento por tanta gentileza sua para com um dos seus reais admiradores e menino criado – apresso-me em ofertar à nobre redação – para aformosar a respectiva Revista – dois trechos da aludida carta e a poesia que a acompanhou – uma pérola dada á nossa apreciação e admiração – como o são dois trechos. E. Nunes Pires*

Agradece- nos mesmos termos a homenageada:

*Pudessem vossas animadoras palavras ser o orvalho vivificador à plantazinha que desfalece à mingua do calor da inspiração no ambiente em que vegeta, arrefecido pela fria realidade do mais prosaico viver!*

*Ah! Pudesse o sol benéfico da minha doce primavera voltar, inda fosse para, nas tardes melancólicas do meu tristonho viver, rasgar, com seus raios, suavíssimos, as virgens açucenas abotoadas ainda nos vergéis da minha alma poetisa!<sup>59</sup>.*

A família Nunes Pires era tradicional na cidade. A linha discursiva dos Nunes Pires sempre foi marcada pelos artifícios do conservadorismo. Cristóvão Nunes Pires, por exemplo, era ligado ao Partido Federalista. Além de político influente, governou o Estado em várias situações; foi membro fundador do Liceu de Artes e

---

<sup>59</sup> Revista *Catarinense*, publicação mensal. Destinada a defesa dos interesses do Estado de Santa Catarina, maio de 1900, Anno I, Brasil n.5.

Ofícios do Desterro (1883).<sup>60</sup> Horácio Nunes Pires escreveu a letra do hino de Santa Catarina, adaptada pelo decreto nº132 em 21 de Abril de 1892.<sup>61</sup> Também foi influente na imprensa local; em 1919 compunha com Delminda Silveira o quadro dos colaboradores da *Revista Ilustrada*. Já Eduardo Nunes Pires, juntamente com Horácio Nunes Pires formavam, com outros membros, ainda no século XIX – em 1895, a equipe responsável pela *Revista Santa Catarina*. Esse contexto ilustra que o discurso masculino, daqueles que ocupam lugares definidos e privilegiados na política e na sociedade, parece mesmo necessário para afirmar a inserção da mulher no bojo da produção cultural catarinense.

Sendo assim, na revista *Ilustrada* encontra-se palavra destinada a literata também com significações de apreço:

*Delminda Silveira*

*Ao vê-la pela primeira vez, ninguém*

*poderá por certo adivinhar através a modéstia e a simplicidade do seu trato a escritora de suavíssima prosa, a artista que burila tão encantadoras produções poéticas.*

*Há na música dos seus versos um perfume e uma candura líricas, o enlevo de um querido sonho; deles se evolvem uma doce melancolia e uma suavíssima tristeza, que nos revelam ocultas, doloridas saudades!*

*Evocando essas saudades, em magoadas estrofes, sua alma de esteta canta, abemolada lira soluça docemente:*

*‘Oh como é triste!... coração fechado*

*Templo de amor agora abandono*

*No silencio das grandes soledades*

*Romeiro do passado, à tua porta*

*Venho colocar minha esperança morta*

*Venho depor um ramo de saudade’*

*Nestes versos, como em todas as suas outras produções, Delminda Silveira, evitando as fancarias da arte, se revela*

---

<sup>60</sup> PIAZZA, Walter.(Org.) *Dicionário Político Catarinense*. Fpolis: Edição da Assembléia Legislativa do Estado de S.C,1994, p.625 .

<sup>61</sup> Revista Ilustrada Dez 1927

*uma artista, merecedora do alto conceito que lhe tributamos, mérito que ela modestamente procura ocultar*<sup>62</sup>.

Esse artigo datado de 1919 já apontava a literata como um nome dentro da literatura catarinense, haja vista as duas publicações que circulavam na cidade; respectivamente *Lises e Martírios* (1908) e *O Cancioneiro* (1914). Como professora tinha um determinado espaço profissional, mas como literata seu nome foi sendo expresso aos poucos nos jornais, nas revistas. A imprensa noticiava suas produções, suas poesias, sua expressão de um modo geral. E com reciprocidade, Delminda Silveira se comunicava através da palavra escrita notificando suas apreciações ou não. Seu segundo livro *O Cancioneiro* é exemplo desse diálogo constante entre imprensa, sociedade e política.

Em 1914, quando é editado o seu segundo livro, *O Cancioneiro*, que é dedicado, como já lemos na carta endereçada ao Governador, aos Grupos Escolares do Estado; no novo modelo educacional implantado por Vidal Ramos. Pode-se ler nessas primeiras páginas um pouco mais desse diálogo travado com a política da época. A página de número um do livro registra o oferecimento dessa obra ao governador,

*Oferecido ao Ex.mo. Sr. Vidal Ramos, benemérito Governador do Estado de Sta. Catarina, e dedicada aos Grupos Escolares deste Estado. Cancioneiro – coleção de hinos e poesias comemorativas das principais datas nacionais; fábulas, diálogos e poesias diversas para recitar; poesias dedicadas aos mais notáveis catarinenses extintos. 1914 – Tipografia da Livraria Central*<sup>63</sup>.

Na Segunda página, o Governador Vidal Ramos institucionalmente assim se

<sup>62</sup> Revista Ilustrada, Set. 1919, coluna: “Perfis psicológicos” – não há assinatura nessa coluna.

<sup>63</sup> SILVEIRA, Delminda. *O Cancioneiro*. Fpolis: Livraria Central, 1914, p.01.

manifesta:

***Decreto n.º 372 O Coronel Vidal José de Oliveira Ramos, Governador do Estado de Santa Catarina***

*Considerando que a escritora catarinense Delminda Silveira de Sousa ofereceu ao estado o seu trabalho “Cancioneiro”, preparado para uso dos estabelecimentos de instrução, demonstrando assim o seu civismo e o seu amor pela causa do alevantamento moral da infância: Considerando que esse trabalho, submetido ao juízo do Diretor da Instrução Pública do Diretor do Grupo Escolar “Lauro Müller” e da lente de português da Escola Normal, foi julgado útil: Resolve mandar adota-lo na Escola Normal, nos Grupos Escolares, Escolas Complementares e Escolas Isoladas do estado; e determina que dele seja feita uma edição de 500 exemplares para distribuição àqueles estabelecimentos, correndo a despesa por conta do art. 2º da lei do orçamento vigente, em vista da autorização conferida ao Governo pelo n.º 11 do art. 7º da mesma lei. Palácio do Governo em Florianópolis, 6 de Junho de 1931. Vidal José de Oliveira Ramos e Antônio Márcio Barroso Pereira<sup>64</sup>*

Alguns aspectos deste livro *O Cancioneiro* merecem aqui ser destacados. A sedução da leitura dessas páginas não é o cunho político de escolhas temáticas pontuais. Mas a desenvoltura da autora em mesclar em seus textos atos de personalidades imperiais, como Tiradentes, e ao mesmo tempo exaltar a labuta das “operárias catarinenses”. A autora articula com o público em geral um discurso não explícito, não evidente, o que de certa forma a mantém nos espaços além da casa.

Na terceira parte do livro, chamada *Panteon Catarinense*, cria uma situação arquitetônica e perpetua a memória de pessoas, que para ela, são importantes. Não está preocupada com ideologias ou época histórica. Homenageia Duarte Schutel, um

---

<sup>64</sup> SILVEIRA, Delminda. Op. Cit, p.02

ex-conservador, ligado ao Partido Federalista, ao mesmo tempo em que demonstra sua intimidade com a leitura, ao render-se à poesia de Cruz e Sousa e Luiz Delfino. Além de pintar com coloridas palavras a personalidade de Victor Meirelles. E a terceira página é dedicada à que chama de “Guerreira” Anita Garibaldi. A leitura promovida pela escola parece se configurar mesmo como uma coleção de histórias marcadas pela exemplaridade das biografias, pelos ensinamentos morais e pelo diálogo entre a história, a geografia e a cronologia.

Afirmava-se aqui a professora, a poeta, a narradora, a escritora Delminda Silveira, didaticamente recortando, escolhendo e percorrendo veredas antes percorridas por historiadores e escritores. E nesta conjunção de fatores que revelam o seu lado público situamos *Lises e Martírios*, especialmente *Contos de um Instante*. Mesmo com todo o seu romantismo retardatário é um marco importante na cultura catarinense e na historiografia literária feminina no Brasil.

## Capítulo 4: LISES E MARTÍRIOS

Em *Lises e Martírios*, a textura das palavras não corresponde com leitura de um texto feminista, ou ao menos, com pretensões para tal. Ela se mantém dentro de uma formatação e uma expectativa eminentemente permitida. *Contos de um Instante* corresponde a última parte desse livro e é composto de vinte e dois contos; a maioria deles narrando fantásticas histórias de amor. Estes são os nomes dos contos: *Edelweis, Na selva, Marabá, Agar, Caprichosa!, A Estrela da Bonança, As Rosas da Caridade, Uma recordação, O Desvalido, A Decapitada, Pensée, Rosas de Amor, Sonho, Bem-me-Queres, A Sina, O Destino, Almas Gêmeas, Pérolas e Lágrimas, Fantasia, Pobre Coração, Fantasia –Mística e O Proscrito*.

Em sua análise sobre os *Contos de um Instante*, a professora Zahidé Muzart afirma que “os contos são todos de amor, amor e morte, e a maior parte deles se passa em lugares e épocas distantes, com um leve tom exótico.”<sup>65</sup> Os professores e também pesquisadores, Lauro Junkes e Joana Pedro, chamam a atenção para a data de publicação desse livro visto que o prefácio é de 1885<sup>66</sup>; o que sugere uma lacuna: o livro ficou esse tempo todo sendo preparado? Ou já estava pronto e não tinha editora? Ou ainda não tinha reconhecimento literário para tal? Essas e outras perguntas podem surgir. O fato é que publicar um primeiro livro com 352 páginas, dentre elas, poesias, contos, crônicas e poemas em prosa é uma ousadia para a condição feminina da época, numa época em que havia o reconhecimento do poeta e senador Luiz Delfino e do poeta Cruz e Sousa, conterrâneos de estilos bem diferentes do seu. O estilo narrativo proposto por Delminda Silveira é o romântico, fora do

---

<sup>65</sup> MUZART, Zahidé. *Escritoras Brasileiras do século XIX*. Fpolis: Editora Mulheres, 199, p.638

<sup>66</sup> SILVEIRA, Delminda. *Indelévels Versos*. Fpolis: UFSC,1989, p 08.

PEDRO Joana Maria. *Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe*. Florianópolis: UFSC, 1994, p.102.



quadro literário da sua época, pois, enquanto Cruz e Souza e Luiz Delfino, por exemplo, estavam, ainda que preocupados com as sutilezas de seu tempo, escrevendo sobre os acontecimentos para uma população contemporânea a esses fatos, dedicavam-se à literatura simbolista, Delminda Silveira narrava histórias fantásticas de amor, onde a perfeição do casal apaixonado era vencida só pelos acontecimentos, que eram sempre catastrófica, inusitada, atemporal.

Mas não é por esse extemporâneo romantismo que Delminda Silveira inibiu os comentários sobre seus textos. As análises e interpretações de *Lises e Martírios* já ganharam algumas páginas de livros e dissertações. A Professora Zahidé Muzart, como já vimos, destaca que “*Lises e Martírios é mais voltado aos sentimentos de amor, saudade, dores íntimas...*”<sup>67</sup> De acordo com esse raciocínio, o Professor Lauro Junkes escreveu na introdução de *Indeléveis Versos*,

*Lises e Martírios englobam poemas em que se exprime nitidamente o lirismo pessoal e intimista, em que a poeta se retrata e extravasa suas emoções. Percebe-se nesses poemas, inclusive a partir das próprias epígrafes transcritas, uma influência e aproximação bastante acentuadas de Casimiro de Abreu, Gonçalves Dias e Victor Hugo. É que Delminda enraizou sua produção poética nos ideais do Romantismo, embora superasse, cronologicamente, essa Escola.*<sup>68</sup>

Nas palavras da própria escritora:

*Entreteci - Lises e Martírios – aos – Crisântemos - em um singelo ramalhete que, para mim, jamais emurchecherà, pois é composto das flores de minha alma, nutridas com a seiva do meu coração*<sup>69</sup>.

<sup>67</sup> MUZART, Zahidé. *Escritoras Brasileiras do século XIX*. Fpolis: Ed Mulheres, 1999, p.638.

<sup>68</sup> SILVEIRA, Delminda. *Indeléveis versos*. Fpolis: UFSC, 1989, p.09

<sup>69</sup> SILVEIRA, Delminda, *Lises e Martírios*. Fpolis: Gutenberg, 1908, p.10.

E nas epígrafes de Teixeira Melo e Casimiro de Abreu, Delminda Silveira busca traduzir o tom das suas composições. Registra nas primeiras páginas de seu livro respectivamente aquelas epígrafes: *São as flores da minha primavera; e Não passa de um ramallete de flores próprias da estação.*<sup>70</sup> Depois dessa apresentação, de nomes tão significantes para a literatura da época, Delminda escreve:

*A primavera tem suas flores, seus cantos e risos, que traduzem – esperanças, amores e venturas; as alvas da estação mimosa envolvem-se de rósea luz; as tardes, de suavíssimos palores; as noites, de perfume e luar.*  
*Porém enredando-se ás brancas açucenas, por entre os lírios cândidos, estende-se a selva espinhosa do Martório, que abre em rubras, florsinhas, cingindo as mais delicadas plantas com sua grinalda de abrolhos; assim também, á doce melodia dos cânticos entremeia-se o suspirar da rola ao festivo dos risos, o eco melancólico das vozes do sino, perdendo-se na solidão do silêncio da tarde<sup>71</sup>.*

E continua apresentando seu trabalho com a introdução do seu livro datada de 1885:

*A primavera da minha vida, também teve suas flores, dulcíssimos cantos me embalavam os sonhos de esperança; o sorriso da alegria, por vezes, descerrou meus lábios, como o raio de sol á nacarina rosa do vale...*  
*E eu colhi as flores todas da minha primavera...*  
*Entreteci – Lises e Martórios – aos Crisântemos – em um singelo ramallete que, para mim, jamais emurchecherà, pois é composto das flores de minha alma, nutridas com a seiva do meu coração.*  
*Ai! pobres flores queridas!... Se um dia a crítica tentar espezinhar-vos, se a indiferença com seu hálito gelado vos*

<sup>70</sup> SILVEIRA, Delminda. Op. cit, p. 04

<sup>71</sup> SILVEIRA, Delminda. Op. cit, p.04.

*crestar as pétalas mimosas, ai, pobres flores minhas! – ainda assim, mesmo magoadas, ide perfumar – as horas vagas – daqueles que tiveram alma compassiva e sensível o coração; ou, antes: volvi para o meu seio, que, se para o mundo indiferente não tendes valor algum, para mim sois preciosas, pois resume da minha existência aquela quadra de encantos em que as lágrimas por vezes resplandecem á luz do sorriso, como o orvalho da madrugada aos esplendores do sol nascente.*<sup>72</sup>

A identificação com a natureza não se encerra nas primeiras páginas desse livro. O conteúdo romântico de sua narrativa vem contribuir para a caracterização da sua linguagem em um concentrado simbólico de feminilidade associado à flor. Essa forma *barroca* de escrever os detalhes de um acontecimento na euforia do momento é, sob o ponto de vista simbólico, o deslize de Delminda Silveira por entre as esferas profissionais do mundo “engravatado”. Sendo Delminda uma *flor*, a sua representatividade no espaço dos homens não ameaçaria essa hegemonia. Ao que parece Delminda Silveira compôs sua vida além parentesco e lar sem muitas rivalidades ideológico-culturais. Na apresentação da segunda parte de *Lises e Martírios* ela se envolve ainda mais com as *flores*, especificamente com *Crisântemos*,

*É a Segunda parte do livro da minha alma. São as – últimas flores da minha Primavera.*

*Desabrochando ao começo da tarde, são pálidas e rorejadas já do orvalho vespertino; porém, mais cultivado, talvez, esse meu segundo canteiro, suas flores são tão mimosas, tão queridas á minha alma, como as primeiras, abertas ao sereno alvorecer da minha adolescência.*

*Essas flores melancólicas rodeiam os Lises e Martírios que compõem o meu ramallete singelo, tão vulgar e sem valor para o mundo indiferente, quão precioso para mim, pois representa o meu coração de mulher; sintetiza a minha vida; é o compêndio fiel e puro dos meus sentimentos terníssimos da minha alma de poetisa. Os Crisântemos vão colocados*

---

<sup>72</sup> SILVEIRA, Delminda. Op. cit,p.10.

*sem ordem, variegada miscelânea de – poesias diversas -, matizando, assim, ora dos tons violáceos de uma tristeza suave e saudade, ora flavos lampejos de uma alegria tênue e fugace, esse ramalhete ideal das meigas flores da minha alma.*

*Que este singelo – bouquet – perfume de suavíssima bálsamo, ao menos, fugidios momentos que as almas sensíveis e magoadas lhe dedicaram!*<sup>73</sup>

Esse ramalhete carregado de poesia, ora de uma *tristeza suave*, ora de uma *alegria tênue*, simboliza a ousadia de se escrever e publicar numa cidade, ainda estéril, para às mulheres. As flores cujas pétalas exalam um *perfume de suavíssima bálsamo*, são para Delminda a representação de sua narrativa. São significantes para os corações apaixonados, para as pessoas que nutrem o civismo e a moral como formas de assegurarem a pureza da índole.

Na pesquisa do material sobre a vida e a obra de Delminda Silveira, organizado pela professora Zahidé Muzart, feita na Academia Catarinense de Letras, também se encontra um grande acervo a seu respeito, mas nem todos os documentos estão datados. As revistas, e a imprensa em geral, noticiaram bastante as suas produções, além de escreverem *sobre* a escritora.

*A poetisa de “Lises e Martírio”, esteve há pouco em nossa redação.*

*Descendente duma família ilustre, vive modestamente ainda a sonhar, encantada com a sua arte, que muitos não compreendem, porque se ficou na antiga escola literária.*

*Toda de preto, pequena e magra, com os olhos ainda não amortecidos, e os cabelos em flocos de algodão, dir-se-ia ter ininterruptamente feito da vida um estrofe retenciada, onde não negrejam os dissabores, e onde os marroços das amarguras se apagaram.*

*Falou-nos como a vida, a suave velhinha, sempre otimista,*

---

<sup>73</sup> SILVEIRA, Delminda . *Indelévels Versos*. Fpolis: UFSC, 1989, p.181.

*para lavar a nossa mocidade a nossa geração de trabalhadores triunfantes.*

*Nas suas palavras havia como que a convicção de que partilhava com direitos justos e inalienáveis, o surto duma nova época, que vira crescer, florescendo em justas de talento e em pugnas de audácia cavalheiresca.*

*E foi com a maior emoção que, por nosso intermédio, quis dirigir as alunas do Colégio Sagradas Coração de Jesus, a mensagem de agradecimento e de ternura que aqui damos com a melhor satisfação:*

*“Penhoradíssima venho agradecer a República às honrosas referências a mim dispensadas, noticiando a festa realizada no colégio Sagrado Coração de Jesus, com a colação de grau das senhorinhas que terminaram seus estudos”.*

*Reitero ainda as expressões do meu profundo reconhecimento as revmas. Madre, Irmã Diretora, e demais Irmãs, pela delicada e afetuosa precaução com que receberam ás simpáticas senhorias normalistas e gentis companheiras de estudo com que, homenageando a Mulher Intelectual Catarinense, no seu belo quadro de formatura.*

*Indelével ficará na minha alma a doce lembrança de tão fidalga gentileza a realçar mais encantadoramente a solenidade.*

*Que Deus cumule de bênçãos os nobres esforços a brilhante vitória das neófitos do Magistério Catarinense, e derrame as luzes de suas graças divinas sobre o Colégio Sagrado Coração de Jesus, suas ilustres, operosas e estimadas diretoras e professoras, para glória do Céu e para a honra e progresso da querida terra de Santa Catarina<sup>74</sup>*

Nota-se aqui o reconhecimento da poetisa de *Lises e Martírios* que *falou-nos comovida, a suave velhinha, sempre otimista, para louvar a nossa mocidade a nossa geração de trabalhadores triunfantes*. Essa identificação é própria de sua personalidade. Embora escrevendo uma linguagem extemporânea, Delminda

---

<sup>74</sup> Dados retirados do acervo da ACL. Essas informações não registram o jornal, nem a data.

centrava-se nas coisas do seu presente, pois lecionava no Colégio Coração de Jesus e entendia o que representava falar com e para pessoas mais novas.

O otimismo de Delminda descrito acima, também é notificado quando lemos as felicitações de prosperidade para o ano que se desponta. A imprensa registrou seus votos no ano de 1919 no jornal *Pena, Agulha e Colher*:

*Ano Novo*

*Um ano novo...*

*É o desconhecido, o insondável, o misterioso que se nos apresenta.*

*É a esperança e o receio, o esperar e o tremer!*

*O Ano Novo...*

*Uns o vêem despontar reunidos, em família, num lar mais ou menos confortável, em volta de uma mesa coberta de flores e de bombons, onde o brilho das luzes, a melodia de um piano amiga mistura-se nos risos da criançada alegre e da mocidade feliz.*

*Eis a hora solene que soa: meia noite!*

*Eis a misteriosa transição...*

*Que doce permuta de sinceras e gratas aflições na família!...*

*Beijos, abraços, bênçãos; mil votos de felicidades, mil calorosas felicitações por entre o tocar dos cálices de finos licores e preciosos vinhos!*

*Outros...(e esses tantos!) esperam a misteriosa hora entre as lágrimas das saudades que trazem pungitivas recordações de alguma felicidade para sempre perdida ou de mil esvaecidas esperanças..*

*No entanto, a hora dos mistérios passa veloz, e o tempo segue sua imperturbável marcha para a eternidade...*

*Eis-nos, alfim, em 1919.*

*Entoemos o “Te Deum” de graças ao altíssimo pela paz universal, pelo bem geral e pelas novas esperanças das tão flageladas nações.*

*Delminda Silveira – 1º Janeiro de 1919.<sup>75</sup>*

<sup>75</sup> Jornal *Penna, Agulha e Colher*, Seminário de Donas e Donzelas. 04 de janeiro de 1919.

Devaneios das felicitações aos elogios à literata, muitas vezes, foram expressos nos jornais, aludindo seu trabalho como uma contribuição para uma próspera *Santa Catarina Intelectual*:

*Delminda Silveira*

*Delminda Silveira, a laureada poetiza do “Cancioneiro” e dos “Lises e Martírios”, glória viva de Santa Catarina intelectual, coroada de louros imarcescíveis, que ornaram a sua fronte imaculada, auréola do esplendor das mais santas virtudes, e que brilham e resplandecem com um fulgor pouco comum, viu transcorrer, a 29 do mês de Janeiro p.p, a data feliz do seu aniversário natalício. Dia abençoado o que assinala o seu nascimento o qual há de ser anotado com letras de ouro nas páginas fulgurantes da História, amanhã, no dia em que os vindouros, sem vislumbres de paixões, de inveja e de despeito, reconhecem o seu verdadeiro mérito de escritora e poetisa. Essa consagração ela a tem recebido das almas sãs, abundantes de sentimentos bons, pois Delminda Silveira tem um altar no coração de muita gente, almas nobres que palpitam das mais gratas emoções ao ler as suas páginas admiráveis. Modelo das mais belas e aerisoladas virtudes, alma sensibilíssima, que sabe evocar, com arte, nas mais belas estrofes, num cantar sadio as belezas de virginal candura. Delminda Silveira é a encarnação mais perfeita da poesia, moral e educadora, que há de esmagar a poesia sensual em o nosso país. A Folha Acadêmica envia embora tarde, à laureada poetisa que tanto engrandece e dignifica, pelo seu talento, a terra Catarinense, o seu ramalhete de flores<sup>76</sup>.*

---

<sup>76</sup> *Folha Acadêmica* 1º de março de 1924.

Esses elogios todos foram condecorados com sua participação na Academia Catarinense de Letras em 03 de setembro de 1927. No acervo do material da própria Academia encontra-se uma correspondência da literata para sua amiga Revocata de Melo. O conteúdo da carta é a opinião da amiga Revocata, solicitada por Delminda, sobre o convite que lhe fizeram para fazer parte da Academia Catarinense de Letras. A professora e pesquisadora Zahidé L. Muzart destaca essa situação com a autoridade de documentar essa passagem:

*Delminda fora convidada para entrar na Academia Catarinense de Letras e pedira a opinião de Revocata, pois, segundo pôde deduzir, após pesquisas nas revistas da Academia, a primeira mulher eleita para a Associação foi a poetisa Maura de Senna Pereira, à época com apenas 23 anos, que havia publicado o livro *Cântaro de ternura*. Maura foi uma mulher muito bonita e sua poesia trazia, para a época em Santa Catarina, algo de novo, um pouco na linha de erotismo de Gilca Machado. È de presumir que Delminda, já com 77 anos e com muitas publicações, se ressentisse, com justa razão, dessa tardia escolha, que demonstrava um esquecimento injusto de quem se dedicara por toda a vida às letras e ao ensino.*

*(...) Delminda Silveira não acolhe o conselho de Revocata, aceitando a cadeira acadêmica, mesmo em segundo lugar! (...) <sup>77</sup>*

Com a aceitação ao convite feito, Delminda Silveira escreve a Revocata e sua irmã Julieta, através das folhas do jornal *Corymbo*, de Porto Alegre, de que as duas irmãs foram fundadoras, em dezembro de 1931:

---

<sup>77</sup> MUZART, Zahide. *Escritoras Brasileiras do século XIX*. Fpolis: Ed. Mulheres, 1999, p. 637/638.



*Ao entrar à Academia Catarinense de Letras  
Generosos cansocios, perdoem,  
Se minha voz não pode, com firmeza,  
Nesta emoção de que minha alma é presa  
Dizer-vos tudo o que nessa alma vale.*

*Confuso, meu espírito se retrai  
Do gesto vosso ante a gentil nobreza;  
Mas de entusiasmo a chama acesa  
Faz reviver o sonho que se esvai...*

*Dum imortal a égide protetora  
Eu sinto junto a mim, consoladora,  
Em fraternal carinho, á dar-me alento;*

*E, confiante, a este Tempo agosto,  
Tardia embora chegue, embora a custo,  
Ao batismo de luz eu me apresento!<sup>78</sup>*

E assim sendo, assinam a aprovação de Delminda Silveira como membro efetivo da Academia Catarinense de Letras, os seguintes acadêmicos: Joe Collaço, Laércio Caldeira de Andrada, Henrique Fontes, Gil Costa, José Boiteux, Aroldo Calado, João Batista Crespo e Clementino de Britto

Segundo Carolina Silveira de Souza Rodrigues Alves, filha de Alcebíades Valério Silveira de Souza (que era sobrinho de Delminda Silveira de Souza),

*(...) Sua vida foi dedicada à cultura, literatura e poesia.  
Cedo, receberia o estímulo de seu tio, conselheiro João  
Silveira Souza, escritor, poeta, deputado, diretor da*

---

<sup>78</sup> Jornal *Corymbo*, dezembro de 1931. Fundadoras do jornal: Revocata de Mello e Julieta de Mello Monteiro. Redatora: Revocata H. de Mello.

*Faculdade de Direito de Recife, ministro, juriconsulto. O exemplo e o amor fraterno de seus pais José Silveira de Souza Júnior e Caetano Xavier Pacheco da Silveira influenciaria também Delminda Silveira e seus irmãos para os estudos e a vida intelectual.*

*Seria a primeira mulher a ocupar como fundadora a cadeira de nº10, da Academia Catarinense de Letras.*

*Dedicou-se a escrever seus poemas em jornais e revistas do país e a ter seus livros publicados(...)*

*No tempo em que as mulheres não saíam de casa, D. Delminda Silveira fazia parte de um sarau lítero-musical no Clube 12 de Agosto com os escritores, poetas e músicos da cidade. Participavam: Duarte Schutel, Frederico Rolla, Virgílio Várzea, Evaristo Nunes Pires, entre outros. Quando recitava seus poemas era acompanhada por seu irmão João Alcebíade, no violoncelo.(...)*

*Devemos resgatar a memória daqueles que contribuíram para o engrandecimento de Santa Catarina.(...)<sup>79</sup>*

Segundo a pesquisa do Presidente da Academia Catarinense de Letras, o Sr. Paschoal Apóstolo Pítsica, em seu livro *Numa fonte cristalina*, Delminda Silveira tomou posse na Cadeira nº10 em 15 de setembro de 1921, aos 66 anos, em solenidade conjunta de posse com os novos escolhidos, Diniz Júnior, Manfredo Leite, Luiz Gualberto, Victor Konder, Edmundo da Luz Pinto, Armando S. Thiago, Mânico Costa, Lucas e Henrique Boiteux.<sup>80</sup>

A imprensa local continua noticiando sobre a produção e a vida de Delminda, como podemos acima reconhecer nas palavras de entusiasmo de D. Carolina falando de sua *tia*. Lendo outros jornais como *O Estado* de 04 de março de 1986, pode-se aproximar a época da literata à nossa:

<sup>79</sup> Jornal *O Estado* Florianópolis, 12 de março de 1999.

<sup>80</sup> PÍTICA, Paschoal Apóstolo. *Numa fonte cristalina*, Fpolis: Papalivro, 1997, p.158.

*A Academia lembra hoje os 50 anos de morte de Delminda Silveira.*

*Numa sessão especial, programada para as 20h30m de hoje em sua sede, a Academia Catarinense de Letras vai homenagear a escritora catarinense Delminda Silveira de Souza, pela passagem dos 50 anos de sua morte. Além de poetisa, Delminda Silveira de Souza, que nasceu em Florianópolis, se notabilizou, no seu tempo, por uma participação intensa na comunidade florianopolitana como jornalista e educadora, principalmente.(...)<sup>81</sup>*

Essa nota do jornal *O Estado* a caracteriza também como jornalista. Ao que nos parece, segundo a consulta em seu arquivo, essa denominação é uma novidade. A maior parte de suas denominações noticiadas pela imprensa é de poetisa, também, em menor número, de literata, e menor ainda, de educadora<sup>82</sup>. Exemplificando essa característica de nomear Delminda Silveira como poetisa, o legado faz que em 1997 o jornal *A Notícia*, publicasse em seu *Anexo* uma homenagem às mulheres pela passagem do Dia internacional da Mulher, 09 de março, com algumas poesias. Teve a lembrança da imprensa nessa reportagem contemporânea como: Miriam Portela – com a poesia *A outra*, Stela Leonardo – com *Anita Marinheira*, Maria do Carmo Goulart - com *Mulher Imigrante*, Sueli Mazurana – com *Cirandando* e Delminda Silveira – com *Borboletas*. Essa poesia está publicada em seu livro *Indeléveis Versos*:

*Entre botões de rosas desbrochantes  
Elas vão-se, elas vêm desocupadas,*

---

<sup>81</sup> Jornal *O Estado* 04 de março de 1986.

<sup>82</sup> Em sua certidão de óbito, que se encontra no acervo da Academia Catarinense de letras, o registro de sua profissão é *dona de casa*. Nem educadora, que era mais aceito para época, foi considerado.

*De aromas e doçura embriagadas  
ao sol abrindo as asas palpitantes*

*Sobre a relva cintilam diamantes,  
Rubis, topázios, verdes esmeraldas;  
E as borboletas voam fascinadas,  
De flor em flor, ligeiras inconstantes.*

*Assim, no peito, a rubra flor humana  
Abre, da esperança que a engana,  
Aos sonhos de dulcíssima ilusão.*

*Mas como as borboletas irisadas  
Vão-se também as ilusões douradas,  
Espinhos só restando no coração.<sup>83</sup>*

O interessante nesse artigo é seu caráter ideológico. Delminda Silveira foi lembrada em 1997 no dia em que a mulher é homenageada internacionalmente. O dia 09 de março abre espaço para a discussão sobre as representações dos sujeitos sexuados e suas relações na sociedade contemporânea. Assim como as borboletas, na simbologia de Delminda, “voam fascinadas, De flor em flor, ligeiras inconstantes”, os gêneros contemporâneos também voam fascinados, de espaços em espaços; São fugazes inconstantes na procura do ainda não conhecido. Daquilo que ainda vai ser provado pela experiência, pelo contato, pela vivência desses sujeitos nos imensos espaços que a noção de realidade poderá levá-los.

A diretriz romântica de sua narrativa é a exaltação pelas coisas da natureza humana. Conflitos internos, seja de provas eternas de amor, como a de Alberto que escala os Alpes para colher a flor mais difícil para simbolizar seu sentimento por Margarida, ou ainda o rapto da mestiça Marabá pelo guerreiro do mar como uma conquista de liberdade e amor.

Outros conflitos como o da escrava Agar que quer salvar seu filho das intempéries e da subcondição social. Além de vários embates metafísicos, de

---

<sup>83</sup> SILVEIRA, Souza. *Indeléveis Versos*. Fpolis: UFSC, 1999, p.48.

salvação divina em forma da Virgem da Bonança que salvou o barco da mais terrível tempestade, ou de denúncia da vaidade exacerbada da jovem Ilza que pede a seu namorado Aldino, em meio a uma tempestade, um presente de noivado, um ramo de corais para adornar seus cabelos. O pescador enfrenta a fúria do mar, mas o mar não o traz de volta, Ilza inesperadamente pressente tudo isso através de um sonho que teve nessa ondulosa noite. Poderia apontar aqui vários exemplos desse capítulo de *Lises e Martírios*, mas proponho nesse momento caracterizar, de forma panorâmica, a narrativa romântica que motivou a escritura de Delminda Silveira.

O romantismo evidenciado em *Contos de um Instante* marca a fuga de seu tempo, como um protesto, consciente ou não, deflagrado com o presente, com o momentâneo. Mas as preocupações relativas à natureza humana, são sobretudo presentificadas em personagens deslocadas temporalmente. A resolução desses conflitos é muito peculiar do romantismo, como a morte, a oração, o casal ideal, a felicidade como perfeição, enfim, para esse tipo de narrativa os conflitos são evidenciados e são solucionáveis. Os conflitos, nesse sentido, não são tratados filosoficamente como genialidades, como autoconhecimento, ao contrário são coisas negativas e por isso tem que ser eliminados, ou melhor, resolvidos definitivamente através do imaginário alicerçado na perfeição.

A voz forte dos acontecimentos é ouvida nessas páginas de *Lises e Martírios*, denominada *Contos de um Instante*, onde os contos protagonizam os valores de uma época sem precisão temporal. Ler esses contos no instante de seus conflitos é possibilitar a revelação das personagens se rendendo aos acontecimentos, e não o contrário. Durante muito tempo, a escritura positivista transformou a literatura escrita por mulheres, como texto sem contexto, logo sem interpretações. Quando muito deveria se tirar dela valores advindos do imaginário criado em torno do que deveria ser mulher: ter boas maneiras, ter decoro, valores morais e obediência<sup>84</sup>. Isso permitiu que ficasse sempre como literatura das margens, um complemento, sem a devida importância histórica.

Nesse sentido, passamos ao capítulo que busca reler as narrativas de Delminda Silveira envoltas em reticências, vírgulas, pontos, exclamações, sensações

---

<sup>84</sup> PAIXÃO, Sylvania. Fazendo Gênero – Seminário de Estudos sobre a Mulher. In: *O Fracasso do Ressentimento na Literatura* “Sorriso da sociedade”. Ponta Grossa: UEPG/UFSC, 1999. p. 34.

constantes do inacabado, para mergulharmos no imaginário mundo (romântico, exótico e indefinido) de Delminda Silveira.

## Capítulo 5:

### VIAGENS IMAGINÁRIAS

Se não pretendemos precisar a origem das representações discursivas do amor procuramos aqui ler conto por conto de Delminda Silveira nesta direção. A relação entre amor e desamor, amor e morte, é indissociável, o que permite que se leia *Contos de instante* como uma teia de visões poéticas, conforme essas visões representem, em essência, o desejo de reencontrar o outro.

Vamos ilustrar através de uma passagem por todas as narrativas, anexadas na íntegra nesta dissertação.

Começemos por “Edelvais”. Margarida pede a Alberto a flor dos Alpes como prova de amor. O querer a prova de amor é uma condição, assim como realizá-la é uma questão de honra. Como parte da trama romântica, inesperadamente Alberto se desequilibra quando consegue tocar na planta e “*no movimento que faz quebrando-a ao hostil, perde a segurança e despenha-se na voragem profunda!*”. Esse fragmento, torna-se o resumo do amor impossível entre eles e eterniza a personagem Alberto como herói. Mas é a natureza voraz, como foi narrada, que permite a Alberto ecoar o som do seu grito e “*só a Morte – ciumenta e cruel! – guardou no frio seio o precioso e fatal - Edelvais!*” Esta mesma natureza nos remete à selva da segunda narrativa. A não continuidade do amor perfeito é sistematizada pela narrativa como uma explicação sobre a felicidade; que se esvai deixando apenas a possibilidade de se viver o presente. Com essa explicação pode-se pensar que o “*chumbo mortífero*” eternizou a felicidade dos “*dois juritis*”. A estabilidade da harmonia da natureza é cortada com o golpe do “*caçador oculto*” que “*fez partir o chumbo mortífero e a verde relva dobrou rorejada do sangue inocente!*” experimentando a liberdade em transitar entre o real e o não estabelecido como sendo real.

Esse conto desloca as personagens para um lugar impreciso. O que realmente importa é o acontecimento da trama; e para isso é flagrado o momento em que o noivo se afasta de sua amada para colher os frutos daquela estação, para

posteriormente saborearem-no durante a refeição, uma viagem visivelmente erótica. E aí, nesse instante, o inusitado se apresenta; a árvore cortada pelo caçador – que é apresentado como oculto – cai justamente em cima do noivo. A árvore, ou melhor, o “chumbo mortífero”, é que vai ser a conseqüência do acontecimento. Nas entrelinhas podemos ler que esse “oculto” caçador pode ser interpretado como o destino, aquele que conhece melhor os revezes da vida que a própria pessoa. Ou os desígnios divinos que não se explicam.

Eis aqui, mais uma vez, a importância da relatividade nos textos românticos. Os finais podem ou não ser representações da felicidade plena na terra, corresponderem ou não, às expectativas, serem ou não codificados em real. A narrativa sentimental parece querer sempre ir além e nunca consegue chegar à sua meta suprema, como se o *Ideal* fosse mesmo impossível. E essa liberdade é que gesticula a narrativa romântica.

Em “*Marabá*”, percebe-se a peculiaridade geográfica como um indicativo estético. O texto sugere a leitura da geografia brasileira, mas o local descrito é tão fantástico que pode ser qualquer lugar de qualquer época. O cenário articulado com um tom imaginativo irrestrito, abre-se para desnudar a beleza da “*Virgem Marabá*”, que se lamenta por não ter em seu peito “*o fogo do amor*”. Essa imagem é desenhada pela História, ciência que na época correspondia à leitura da *verdade*. Aqui na história de *Marabá* a etnia e o sexo são os elementos determinantes para a movimentação da narrativa. A dominação de uma etnia sobre a outra foi esculpida, “*E o guerreiro branco era formoso e sorria; e o guerreiro da tribo desprezava-a porque era – ‘Marabá’*”. Mas o inusitado acaba por surpreender o que a sensatez humana convencionou. Ele, o guerreiro branco, formoso e forte, se apaixona pela mestiça, pela etnia resultante do cruzamento do branco e do índio. E contido pela paixão, “Ele colheu a ‘*napê-jaçanan*’ que se levanta das águas, beijo-a, apertou-a ao peito; depois, atirou-a a virgem formosa, e o guerreiro falou: - ‘*Vem!*’” Essa ação, que desliza veloz por sobre as águas – de um lugar qualquer, acomoda na imagem da cena a relação dominadora/ dominada, tanto sob o ponto de vista da mulher em relação ao homem, quanto sob a ótica das etnias. O som do suspiro da “*Virgem Infeliz*” foi ouvido pelo “*Guerreiro do mar*”; essa descoberta fez com que a vida do sertão fosse conhecida superficialmente, legando aos leitores apenas a visão da bondade do *homem branco*, pois “*O som do boré estrugiu na mata; os filhos da selva iam chegar.*” Os filhos da selva não puderam descobrir nada porque, ao que parece,



essa seria um atributo do branco. Como leitora da literatura romântica<sup>85</sup> e imbuída de suas constantes, Delminda Silveira investe igualmente na vertente indianista e no caráter descritivo das narrativas, que aproxima o texto escrito da arte pictórica.

Assim como no conto *Marabá* onde o espaço geográfico era definido, mas ao mesmo tempo poderia ser localizado em qualquer ambiente romântico; o oriente aqui descrito também tem essa conotação de ser um lugar sem um limite definido. Podemos pensar que a indicação desses lugares é muito menos geográfica do que ideológica. O Oriente aqui representa um espaço bíblico, onde as dificuldades vão ser transponíveis através do apego ao metafísico, ao místico e ao espiritual. Aqui nos valem da conclusão do capítulo “Imaginação romântica e criação cultural”, do livro *As utopias românticas*, onde Elias Saliba comenta:

*Este é o ponto que nos interessa: no ato de criação intelectual, o artista não resistia à uma conclusão infrene de pensar sobre o que não existia, de acionar, ainda com o risco da perda de energia, seu repositório bíblico de exílios e terras prometidas.<sup>86</sup>*

E é esse pensar sobre a possibilidade de um mundo totalmente manipulado pela imaginação, longe das convenções cotidianas, que a circunstância criada, pela(o) narrador(a) desse conto<sup>87</sup>, para apresentar o inusitado aos seus leitores: a aparição de um anjo. Esse anjo aparece através da relação do deserto humano (fome, solidão, marginalidade...) com o deserto natural (hostilidade geográfica). O anjo é personagem decisivo na trama do deserto, ele vai encerrar a história de sofrimento criando uma fonte “*de água puríssima e fresca*”, além disso, vai profetizar o futuro do menino: “*Ismael será o chefe de uma poderosa nação*”. Uma narrativa com um intertexto explícito com o episódio da Anunciação, envolvendo Maria e o Anjo Gabriel. O deserto epifanizado - o objeto vira anjo-, “*sobre o pálido do Oriente*” carrega consigo não elementos geográficos precisos, mas elementos metafísicos tão

<sup>85</sup> Evidencia-se aqui um explícito intertexto com as narrativas indianistas de José de Alencar.

<sup>86</sup> SALIBA, Elias T. *As Utopias Românticas*, SP: Brasiliense, 1991, p.47.

<sup>87</sup> Evidencia-se aqui a possibilidade de se ler a narrativa sob o ponto de vista de um narrador masculino.

complexos que só a imensidão das areias do local testemunharam as pegadas de Agar.

O furor das emoções também está presente na narrativa. A emoção é protagonizada com os valores retidos no texto, como por exemplo, a mulher que tem a maternidade como missão e por isso o sacrifício é uma qualidade. A escrita linear encontra seu apogeu na última linha: “*Ismael veio a ser o pai de um grande povo*”. A impressão que se tem é que Agar “salvou” seu filho e findou sua participação, enquanto o filho teve seu futuro assegurado como Herói. Esta é uma das narrativas mais importantes da poética sentimental de Delminda Silveira e que a evidencia *leitora* de contos de fada, da Bíblia e da literatura que aqui chegava.

Em seguida lemos mais uma mulher da galeria. Desta vez é “*Caprichosa*”. Com esse título a imagem do conto é indefinida. Caprichosa pode designar uma qualidade ao esforço realizado, assim como pode caracterizar uma pessoa que tem um desejo impulsivo, persistente. Essa indefinição é solucionada quando lemos, logo nas primeiras linhas: “- *Quero que o mar te leve numa onda azul de rosas – dizia ela (...), e a brisa do mar trazer-me-á o teu batel por sobre estas flores ainda frescas*”. O amante Aldino sem querer acreditar naquele pedido impossível tenta argumentar: “- *Mas... não vês, Ilza, no horizonte, aquele negror que se estende como um véu de crepe? É a bandeira da tempestade que se arvora no campo sidéreo... é o vulcão que ameaça revoltar os mares... e deixas-me partir, sozinho, pela noite que vem?*” A imagem do conto já se define com as cores e os saberes de uma época norteadada pela perspectiva maniqueísta dos extremos. A santa ou a profana, a bondade ou a maldade, a caprichosa ou a *Caprichosa*\*. A ambigüidade da palavra caprichosa, neste conto, faz de Ilza não a caprichosa, qualidade vista de forma positiva no ideário cultural, e sim *Caprichosa*, atributo mesquinho, fútil, egoísta, que também se enquadra numa perspectiva patriarcal para as mulheres – no seu desejo voluntarioso para atingir seus objetivos. E Ilza, por conta desse capricho, é atormentada em seu sono por uma visão profética: “*Aldino!, Aldino! – murmurou, aflita num suspiro longo que a despertou.*” O interessante dessa cena é que a voz narrativa encontra um caminho *mágico* – que é o sonho profético já que a noite anunciava o tom da catástrofe. É também possível se confrontar nesse conto o *natural* – o tufão - com o *sobrenatural* – o sonho profético como personagens inanimados. Em contrapartida, mais uma vez o personagem masculino é consagrado herói da trama por desafiar os sinais da natureza e realizar o *pedido* de Ilza, mesmo contra a sua vontade.

A elaboração imaginativa de “*A Estrela da Bonança*” resolve-se igualmente com elementos físicos e metafísicos. Quando “*a natureza toda parecia envolta no lutuoso véu da morte*” (...) e “*O mar estava negro, e negro estava o céu*”, o capitão já não conseguia mais manobrar o barco e a solução desencadeada na narrativa foi a comunicação espiritual estabelecida entre os tripulantes e Nossa Senhora da Bonança, “*Era a hora da Ave-Maria; - em meio ao horror da tempestade, o capitão descobre a fronte morena, prosta-se e ajoelha sobre o tombadilho*” e começa a rezar com a tripulação. A religiosidade, que é uma das mais constantes características das narrativas de Delminda Silveira, aqui assume a dimensão mesma de motor do enredo. A oração nesse conto tem participação decisiva; atua como um personagem inanimado responsável pelo fim da história catastrófica do mar revolto em meio a uma tempestade. A partir dessa intervenção a história muda e “*Lá no longínquo, rasgou-se a cobertura da tempestade, descobrindo uma nesga de azul puríssimo, e a formosa estrela da tarde lentamente surgiu por entre os véus despedaçados da procela...*” A eleição da linguagem poética, fundada na imagem concreta e nas possibilidades de sua universalização resume o projeto estético dos românticos.

Para ler “*Rosas da Caridade*” optamos por uma reflexão que perpassasse por alguns pressupostos formais e pela teoria do conto. Esse conto define bem “as formas simples”, propostas por André Jolles. Diz ele que a caracterização desse tipo de conto é balizada pela imprecisão histórica. Suas palavras atravessam o tempo, no exercício do recontar, sem que as suas linhas (ingênuas, sentimentais, religiosas...) desapareçam.<sup>88</sup>

O texto em sua forma simples surpreende os leitores com seu enredo. O cenário nos faz lembrar o medievo, com vassalos, rainhas, reis, dama de companhia, castelo, tirania e a fé, motiva a sabedoria popular e a erudita. Aqui, a fé é referência à “mulher-santa”, como a descrita nessa passagem, “*São rosas – respondeu-lhe timidamente a santa*”. A mulher praticando a caridade sistematiza uma série de imagens positivas. A bondade às mulheres. Este conto nos proporciona igualmente a possibilidade de fazer uma leitura atualizada de algumas questões propostas. Além do interesse da fé, é bastante evidente a hierarquia nas relações conjugais: “*Vejam essas rosas – tornou ele, com irônico sorriso, pois que era passada a estação das flores e nem pelos campos, nem nos seus magníficos jardins se via desabrochar rosa*

---

<sup>88</sup> JOLLES, André. *Formas Simples*. São Paulo: Cultrix, 1976.

*alguma, - e desprendendo com violência o regaço que a caridosa mão colhia, só de rosas brancas e purpurinas viu cobrir-se o solo o qual Izabel caiu de joelhos no meio da mais primorosa alcatifa!”*

O momento esperado do conto, no conflito homem – mulher, é justamente o milagre. Há uma espécie de milagre da multiplicação dos pães feito por ordem divina. Aqueles mantimentos, que viraram rosas epifanizadas, foram à consequência do acontecimento anterior, o encontro da rainha com o rei na floresta. O *milagre das rosas*, deixou o “severo esposo”... “atônito” que o “arrependimento, o remorso pungiram o coração antes insensível”. A narrativa romântica encontra solução para as injustiças entre as pessoas, e resolve a sua maneira, com glória e punição, a consequência dos *maus* atos humanos.

Lemos agora três contos simultaneamente pelo que eles têm em comum: “Uma recordação” “O desvalido e bem aventurados os misericordiosos” e “A Decapitada”. Na busca da liberdade artística, o movimento romântico se constitui, dentre outras coisas, da subjetividade, do misticismo, da realidade imaginada – criada, da captação da efervescência do momento; e são essas características que formam a unidade nesses contos.

A subjetividade das narrativas funde-se com a descrição do conto na primeira pessoa. Num primeiro momento, tem-se a impressão da objetividade da voz narrativa no interior do texto; mas a leitura atenta pelas linhas desenhadas pelo inusitado, pela aparência do (não) ser, faz que se perceba a subjetividade que transborda em suas margens.

No primeiro conto dessa trilogia, “Uma Recordação”, tem-se, uma reflexão sobre a morte: “Palavras de consolação, de conforto, nada! Todo o remédio aplicado àquela ferida recente mais lhe avivava a grande dor, mais fazia sangrar o materno coração.” As reações com relação à morte são na maioria das vezes de dor, de perplexidade. Aqui se depara com o auge da dor diante da morte: a desolação materna. A efervescência do acontecimento é alicerçada na conversa da amiga que vai visitar a mãe desesperada, a cabo de oito dias da morte do filho Leôncio. O consolo peca pela ingenuidade: a amiga confortadora não encontra palavras outras que não as da *recordação*, agravando a dor materna, o que permitiu maior dramaticidade à narrativa. É uma das únicas narrativas que se depara com a relação fraterna entre duas mulheres que, paradoxalmente, não funciona....

No segundo conto, “*O Desvalido/ Bem Aventurado os Misericordiosos*”, com mais uma evidente imagem bíblica norteando a leitura, a realidade é a grande motivação para que a inspiração da personagem que conta à história voltasse para um real dramático, que a referência à imagem de um corpo sofrido e sofredor fosse o desencadeador do enredo. A Desterro/Florianópolis e suas ruas e contrastes parece, pela primeira vez, se compor em cenas, expondo as mazelas sociais. A especulação de leitura, porém, se desvanece quando mais uma vez encontramos a solução mística, do rico de alma diante dos pobres de coração.... “*Os curiosos rodeavam já então o desvalido a quem o Anjo das infelizes não abandonava, pois o óbulo da caridade ia generosamente caindo das mãos do povo na desfalecida mão, que, entretanto, não se estendera a pedir...*” O desvalido se torna mais um anjo. Dessa vez, travestido num cidadão comum, e se destaca pela exemplaridade: “*É que a alma cristã é generosa e compassiva!*”. Essa solução mística, faz parte, como vemos, do mundo romântico, que é atemporal, que ultrapassa os limites geográficos, que não se preocupa com os acontecimentos concretos, e sim com a sensibilidade da alma, com as potencialidades humanas, que oscilam entre o bem e o mal. E essa página termina fabularmente com a mensagem bíblicos “*Bem aventurados os misericordiosos*”, pois são esses que, para a ideologia romântica, vão formar um mundo diferente, longe das atrocidades, perto da perfeição, da doçura, da piedade e vão fazer parte do reino dos céus. É lá que está a felicidade eterna e suprema.

Em “*A Decapitada*” (mais uma vez uma mulher adjetivada), a sensibilidade em observar e defender a natureza é contida nas entranhas do texto. Levada ao excesso do zelo, a voz narrativa, começa a descrever a borboleta voando por sua casa: “*Pousada sobre o verde, levemente agitando as asas brilhantes, semelhava uma arara flor azul a desabrochar! Oh! Quanto era lindo aquela flor do espaço a repousar na terra!*” e continua “*Tentei prendê-la para que não estragasse o maravilhoso tecido daquelas asas ideais, porém, tão desastrosamente o fiz, que se desarmando a vidraça, quase decepou a graciosa cabecinha a falena gentil!*”<sup>89</sup>. Essa relação sagrada com a natureza estimula a transgressão da realidade,

---

<sup>89</sup> Seria uma especulação complexa imaginar Delminda Silveira, leitora de Machado de Assis? Inserimos aqui a borboleta preta, que se fez personagem do capítulo 31 de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, como nossas lembranças de leitura e ao mesmo tempo como possibilidade de se entender a evolução do pensamento literário e da capacidade de Machado de Assis ler a natureza, e mais do que ela, o mesmo homem do século XIX, que voltava seus pensamentos e suas leituras para um outro tempo e um outro espaço.

conseqüentemente alimenta a manifestação do fantástico, do inexplicável. A borboleta se apresenta no texto como um ser que merece os ritos culturais como qualquer ser social. Essa relatividade faz da borboleta um elemento tão subjetivo, que os sentimentos que envolvem essa ação são produzidos a partir desse mundo circunscrito na imaginação. O remorso é um dos sentimentos mais recorrentes no texto, *“Ai que dor!... a pobrezinha caiu moribunda a meus pés!...”*, e finaliza, *“Porém o meu coração doído suspirou: - nunca mais!...”*, e é esse sentimento que se relaciona com o sentido da perfeição presente no romantismo.

Além dessas características descritas, a natureza é substituída pelo cenário urbano e por esta razão estabelecemos para eles esta mesma linha de leitura. São os únicos três contos onde isso acontece. A narração em primeira pessoa também causa a impressão que discutimos anteriormente, que é a sensação de se ler um texto com a objetividade da realidade concreta; mas ao longo da leitura isso é descaracterizado e o elemento subjetivo ganha a mesma dimensão romântica, com soluções mágicas em um mundo onde a exceção mais uma vez é a regra.

O conto *“Pensée”*, que nos remete à literatura francesa, nos coloca diante da extensão dos sentimentos vividos pelas pessoas. Num mundo aonde a modernização chegava como sinônimo de progresso, as atitudes eram balizadas pelos negócios, pela cotação dos produtos no mercado; as coisas do coração eram significadas muito mais por alianças sociais, do que por alianças amorosas. O movimento romântico, como transgressor da realidade concreta, vai justamente exacerbar as entrelinhas de um relacionamento amoroso. Nesse conto Heloisa e Henrique, vivem sua trajetória de amor, com as declarações apaixonadas da eternidade de suas juras; como nessa passagem em que Henrique se revela a Heloisa: *“- Assim o creio, Heloisa, e assim também o sente meu coração. Assim o tenho gravado na mente; sempre em ti pensarei; sempre merecerei o teu afeto, pois sempre hei de te adorar, ainda que nos separe o destino cruel, - sou teu.”*

Como uma constante nos contos os acontecimentos roubam a cena e as personagens passam a ser muito mais coadjuvantes do que protagonistas. O inusitado aqui se manifesta através da distância entre o casal, *“Seis meses se passaram; as cartas dele já não traziam tantos perfumes: que flor aí faltaria?...”* O quadro dessa narrativa é o mundo intimista de uma mulher apaixonada que se entristece diante da situação criada pela distância, pois Henrique expressa *só raras saudades*, enquanto que Heloisa *chora como a violeta que roreja de lágrimas a terra*. Mas a solução

romântica para essa história é da felicidade possível. Heloisa conheceu o “*sopro cruel do desengano desfolhara as meigas flores das ilusões*” e nesse coração o “*doce raio de sol penetrou que fez desabrochar mimosa flor iriada: aquela a que os franceses chamam – Pensée...*”.

Nesta mesma linha da natureza e da flor como título e motivo narrativo encontra-se também “*Rosas de Amor*” que deve ser lido pelo viés da religião ou pelos dogmas da religião. Os sinais de religiosidade definem o corpus da narrativa, imprimindo dessa forma, um tom de verdade. A perfeição do casal se estendeu por toda a eternidade, preconizando um dos símbolos da religiosidade, a do *Paraíso* “*Dois pombinhas mansas, alvas como lírios brancos, vinham todas as tardes, ao toque da Ave Maria, a descansar um instante naquele rosal florido...*”

Na Ilha geográfica e imaginária de onde estes textos são escritos uma personagem construída por Delminda Silveira parece se destacar. Neste esforço de leitura, cometemos a ousadia de pensar o aqui e agora: será que já ouvimos falar em alguma pescadora, que vai para alto-mar, da Lagoa da Conceição, ou do Pântano do Sul, ou quem sabe da Armação? Ao que parece essa profissão, até hoje, é muito mais uma lida de homens do que uma lida de mulheres. Nesse conto Delminda Silveira faz questão de caracterizar essa atividade também como um ofício de mulheres. E assim a *gentil pescadora* desliza seu batel pelo Oriente. A representação aqui feita sobre a profissão da personagem Ivanina é significativa no que se relaciona à atividade além espaço doméstico.

Se para a composição do conto, os acontecimentos são os proliferadores da ação, mais uma vez nos deparamos com o motivo do sonho e das soluções místicas. Primeiro é um sonho revelador que prenuncia a vida amorosa da pescadora. E o narrador desse sonho é, mais uma vez, um anjo, apresentado de forma simbólica, um elemento marcado pelo sobrenatural, uma mistura de religiosidade e misticismo, o que revela uma linguagem muito próxima da contemporaneidade e das reflexões recentes sobre misticismo e esoterismo. Mais uma vez o tempo é um elemento secundário. O romantismo não parece preocupado com o tempo mas com o presente da história que está sendo contada e pelo espaço construído.

A elaboração mística de “*Bem-me-querês*” é baseada na fala de Deus através da natureza. A voz de Deus é manifestada pela prova de amor que o casal impunha à relação. Mais uma flor epifanizadas que propõe um clima de mistério ao que parecia

já resolvido: o amor que um sentia pelo outro. A flor tem o poder de decidir sobre o futuro daquela relação, daquele sentimento.

A voz é exterior a Jano e Clarinda<sup>90</sup>. Eles repetem a expressão pronta, mas quem fala é uma outra manifestação. E o enredo sugere o suspense até o fim da trama, quando “*ambos tinham pronunciado bem-me-queres, (...) e Abrem ao mesmo tempo os olhos; nas mãos só lhe restava o cálix da graciosa flor*”. Deus é que premeditou tudo, Ele “*que dos Céus patrocina*.” A relação divina e cristã nesse conto é quase uma extensão do sagrado na Natureza. Fica evidente aqui a razão da Natureza ser sempre tratada como algo perfeito, pois essa mescla Deus – Natureza, no imaginário construído por estas narrativas, só pode resultar na perfeição mítica e original.

A textura das palavras em *Sina* também contém o *makhtub* (estava escrito) da tradição oriental e original e do destino traçado previamente na tradição ocidental. Mais uma vez a voz narrativa privilegia o amor como solução das inquietações, das tristezas, enfim das mazelas cotidianas. Essa imagem é quase um escudo do texto protegendo suas idéias/palavras da aspereza que se anunciava com as mudanças sociais, econômicas e culturais, de uma nova nação. Nesse sentido, para além da materialidade de fidalgos, castelãs, sobrenomes reverenciados, a precisão da vida se faz pela alma. E o amor é essa linguagem interior que pode (ou que tem poder de) interromper o cotidiano da “*mimosa castelã*” e do “*nobre cavaleiro*”. É interessante, também, no imaginário romântico, a transformação como possibilidade de quebra das estruturas. Como, a justificativa do travestir-se do cavaleiro em uma velha cigana, ou ainda, a mudança de semblante da “*solitária, pensativa...*” da nobre donzela “*que tinha a vista perdida no extremo do Céu...*” quando lhe é revelado o amor do “*nobre cavaleiro*”. Esse travestismo, especialmente o do homem em cigana (aquela que é capaz de assegurar o futuro.....) é um achado poético dessa narrativa. Uma expressão do ideal romântico, pois o romantismo é justamente essa tensão entre o feito e o ainda não feito, entre a continuidade e a mudança, entre o explicável e o irrefutável.

---

<sup>90</sup>Uma análise dos nomes dos personagens escolhida por Delminda Silveira, por si, daria uma boa leitura da construção narrativa e das influências que sofre: Aqui temos uma excelente ilustração. O mítico Jano com uma espécie de princesa de conto de fadas que tem no próprio nome as suas qualidades: claridade, luz e beleza.



A extensão do misticismo é assegurada em todo o texto. A cigana é aquela que assegura o *acontecimento* de todas as cenas do conto, com aquela moral ingênua que caracteriza a *forma simples* do texto.

Assim, esperamos estar mostrando que no “misticismo interiorizante” no que se refere às atitudes românticas no campo estético, a voz narrativa busca na criação de suas imagens o inusitado como elemento contínuo nos acontecimentos que se movimentam pelas linhas dos contos de instantes de *Lises e Martírios*.

“*O Destino*”, com destaque maiúsculo, porque dá título a mais uma narrativa, determina o acontecimento: a separação do casal ideal, perfeito. Aqui a dissolução vai ser o móvel narrativo. A perfeição se mantém no desejo dessas “*almas irmãs*” se encontrarem, aqui na terra ou quem sabe no Céu. O desejo do reencontro é tão forte que parece não existir nada além dos dois. O individualismo se apresenta como uma maneira de captar o instável, o fugaz. O amor é que exemplifica esse individualismo circunstancial que recarrega os sentimentos no plano das mutações, das transformações. O acontecimento aqui, como em outros contos substancia a relatividade, e marca, definitivamente, a contraposição com as coisas absolutas, fechadas. Tudo é fugaz, nada é definitivo, o que revela uma certa circularidade: a mulher busca o homem, o homem busca a mulher, mas a felicidade eterna, parece ser, impossível.

“*Pérolas e lágrimas*” parece reforçar um tributo aos tempos em que certos valores materiais se revelam. Pérolas como representação do valor material e, ao mesmo tempo, valor raro, e lágrimas, na contraposição, como tristeza pelo fracasso material. Mas lendo esse conto, o que já era de se desejar pelo horizonte das expectativas da literatura romântica, podemos interpretar que a felicidade, algo tão procurado, ainda não está no ter ou no parecer<sup>91</sup>, mas sim na situação sentimental. Esse conto se comunica, de forma muito discreta, com os valores emergentes. Exemplificando essa idéia podemos pensar na situação em que se encontrava a aldeã: estava infeliz, não por conta da sua humilde condição, mas pela perda do seu amor para a castelã. O pano de fundo é o sentimento perdido, mas no vácuo das palavras pode-se perceber o amor condicional à situação social. E é esse diálogo que é travado entre o imaginário romântico e o mundo vigente. A solução romântica para essa

---

<sup>91</sup> Jogo que José de Alencar em *Senhora* atingiu com tanta maestria na construção da personagem Aurélia.

situação, como não poderia deixar de ser, foi a morte, embora simbólica, para a aldeã triste.

Esse conto merece mais algumas observações. Ele não se caracteriza pela representação de fatos relacionados a um tempo e a um espaço presente e mais imediato, mas pela continuidade deles. Essa contradição no imaginário romântico é um dos tons da liberdade de criação artística. A falta de uma unidade temática na narrativa romântica a caracteriza melhor do que a formatação de sua escritura. Parece estarmos sempre no mesmo modelo narrativo.

Passemos agora ao conto “*Fantasia*”, que vai concentrar sua tônica em uma possível leitura da alma. Faz dessa comunicação a única possível para poder entender o ser humano.

A transgressão dessas linhas é justamente essa; pois não está se fazendo uma leitura política, social, tampouco econômica do mundo, e sim resgatando ainda o mundo interior. Esse olhar para dentro que o conto nos apresenta é uma viagem na contramão dos tempos de urbanização do Desterro/Florianópolis. Esse olhar narrativo não consegue relatar pelo viés realista e, de certa forma moderno, as praças, avenidas, a urbanização; quer ler, nos desvãos do flagelo humano, os enigmas do coração, como o órgão das emoções. “*Ai! pobre coração! – o que sentiste? (...) Que sensação indefinível! que inexplicável anseio te faz assim tanto palpitar?*” Esta narrativa é seguida por outra fantasia. Só que desta vez é a “*Fantasia Mística*”. A voz narrativa continua aqui sua leitura da alma. Na imagem romântica, a luz é providencial para que se possa sobreviver em meio ao caos. A representação da luz se faz através do sol, elemento da natureza forte, onipresente. O sol se manifesta como proliferador da esperança, da luta, da resistência, da transformação. O sol funciona como contraponto da solidão, da tristeza.

Estas viagens por entre as narrativas ora através de paradas mais rápidas, ora vislumbrando as paisagens, ora olhando para trás, ora usando a poética dos olhos fechados que revela um mundo outro, ora se valendo de passagem apenas, permitem algumas reflexões igualmente necessárias.

O romantismo de Delminda Silveira, evidenciado em *Contos de um Instante*, marca a fuga de seu tempo. A mulher solitária, que povoou seu imaginário com as leituras de textos românticos, não foge à regra: escreve narrativas sentimentais, valendo-se de preocupações relativas à natureza humana a personagens deslocados espacial e temporalmente. A resolução desses conflitos é muito peculiar na estética

romântica, como a morte, a religiosidade, o casal ideal, a felicidade como perfeição, enfim, para esse tipo de narrativa, os conflitos são evidenciados para serem solucionáveis. Não são tratados filosoficamente como genialidades, como autoconhecimento. Ao contrário, são negatividades e por isso têm que ser eliminados, ou melhor, resolvidos definitivamente através do imaginário alicerçado na perfeição.

A representação romântica nesses contos de Delminda Silveira é construída pela *possibilidade* de se viver num tempo exótico, onde paisagens e personagens se nutriam da subjetividade, oferecido aos aventureiros, aos que se sentiam desconfortáveis com o seu tempo cronológico. Elias T. Saliba, em *As Utopias Românticas*, percebe que

*esse mergulho no passado era uma espécie de compensação ao espetáculo de quebra da continuidade oferecido pelo presente: uma nostalgia das sociedades pré-capitalistas que ansiava por retornar o fio de uma continuidade orgânica com o passado.*<sup>92</sup>.

A realidade, construída pelo imaginário romântico, atravessou a vida de várias personagens de *Contos de um Instante*. Esse deslocamento temporal é lido em quase todas as suas narrativas. A reestruturação urbana de Desterro, a implantação da República, a mudança do nome da Capital, as alterações no comportamento, enfim tudo isso parecem não potencializar a leitora Delminda Silveira de Souza, tão pouco a escritora Delminda Silveira. O seu imaginário era

*seduzido pelo remoto (...) O passado atrai pelo exótico, por estar distante. É pela mesma razão, pelo desejo de escapar ao circunstancial, que se manifestavam no Romantismo o sonho, a loucura, a utopia, as reminiscências de infância.*<sup>93</sup>

---

<sup>92</sup> SALIBA, Elias Thomé. *As Utopias Românticas*. São Paulo: Brasiliense, 1991, p.15.

<sup>93</sup> CADEMARTORI, Lúgia. *Períodos Literários*. São Paulo: Ática, 1985, p.39.

## Capítulo 06: ÚLTIMOS INSTANTES

A natureza, descrita nos contos de *Lises e Martírios*, é tão perfeita, tão pura, bem mais romântica que os casais enamorados que rondam as narrativas. O elemento natural é marcado pelo imaginário utópico, como nos diria ainda Elias Saliba, pois a subjetividade criadora se rende ao individualismo das personagens que se movimentam no intocado, *in natura*, que transgride tempo e espaço. O passado, nesse sentido, é atraído não pela temporalidade, e sim pela visão romântica desse tempo remoto que carrega consigo as frações do exótico.

As relações afetivas, que permeiam os textos, preservam os sentimentos, mas também buscam encontrar uma explicação para eles. Essa busca de explicar unidade e diversidade, caos e harmonia, é uma maneira filosófica de manter viva a tênue separação temporal. As provas de amor, as catástrofes amorosas, os sonhos profetizadores, a natureza romântica, a espera do amor ideal, a morte como encontro amoroso, e outras tantas histórias que se mostram nessas narrativas são as intervenções de um imaginário utópico tentando resolver os impasses de amor que se desenvolvem, de diferentes maneiras ao longo do tempo.

Essa característica de abordar o instável, o movediço, o inusitado, é um signo romântico que se compromete com as nuances socioculturais predominantes na Europa durante o século XIX. Recorta-se desse mundo estilhaçado, em acabamento, o ineditismo e a efervescência dos acontecimentos; racionalizando o descomprometimento com o *Absolutismo*, passou-se a referenciar a relatividade. Essa relatividade, foi para Herder, fundamentada no conceito Volk. Segundo Herder esse conceito foi além da comunicação, a língua era revestida por indicativos culturais, variando conforme a constituição de cada povo. Era a língua que diferenciava os

povos e conseqüentemente caracterizava-os em nação.<sup>94</sup>

O Romantismo, então, vai relativizar o presente, a realidade concreta, como se isso representasse a escultura de um novo sistema de códigos para além do Absolutismo e suas crenças. E esse reflexo também veio para o Brasil, os ambientes fantásticos que foram criados pelos autores românticos fizeram da imaginação um artefato concreto para a relatividade. Em outras palavras, a literatura romântica é a expressão do sentir. A obra romântica tem todo um lado sublime e mágico, explicado, em parte, pela liberdade de expressão e pelo desprendimento das emoções: o predomínio do emocional sobre o racional e da poesia sobre a prosa. O leitor da literatura romântica experimenta a sensação de que a poesia é a expressão do sentimento.

Neste complexo pensamento que procura explicar o romantismo como expressão transdisciplinar, e não apenas literária Delminda Silveira, por nós estudada, é um fragmento. Mas o que lhe dá importância é justamente a potencialidade que os seus “singelos” vinte e dois contos, parte maior da obra de tantas outras escritoras brasileiras do século XIX, nos dão a ler: a força da estética e da ética romântica, através do resgate e da leitura calada e ocultada por tanto tempo. E são nestas narrativas que também se lê a diferença: a mesma mulher que professora escrevia livros laudatórios falando daqueles que se fizeram História, e que para se dar a ler vendia ideologicamente seu produto, volta-se para um mundo interior exorcizando fantasmas e realizando desejos eróticos.

Procuramos nos deter na sua biografia pública nos capítulos anteriores, embora alguns pesquisadores tenham tentado nos impor a imagem da mulher Delminda, que por ser abandonada pelo homem amado tenha se vestido de preto para denunciar o seu luto... Mas a obra explica a vida. O luto, estava também nas palavras com tantas perdas, tantos desencontros, tantas quedas... Delminda Silveira escreve sim um capítulo da história das mulheres, comprometida ainda com os valores essencialistas, mas capaz de escrever histórias de amor que lhe permitissem imaginar um mundo mais emocionante que lhe fizesse escapar do tédio ou desenvolver uma sensibilidade ameaçada pela nova realidade que se lhe apresentava. Pelo menos, nós a lemos assim. Se a certidão de óbito a enterrou *doméstica* e não a reconheceu mulher professora, jornalista, poeta, contista, nós a reconhecemos leitora, escritora,

---

<sup>94</sup> Esse conceito pode ser lido em várias pesquisas. Cito dois exemplos: Em Saliba: *As utopias Românticas* e em Nachman Falbel: *O romantismo*, artigo: *Os fundamentos históricos do romantismo*.

cidadã mulher, personagem de uma nova História de Santa Catarina, a que permite que se dê destaque à “Catharinense” Delminda Silveira.

## Capítulo 07

### ECREVENDO A LEITURA: CONTOS DE UM INSTANTE<sup>95</sup>

#### EDELWEISS<sup>96</sup>

##### I

- O que farias tu para me provares o teu grande afeto? – pergunta a loura Margarida a seu enamorado Alberto!

- Oh! Se assim te apraz, responde-lhe afoito o mancebo, subirei ao mais elevado dos Alpes, e, com risco de minha própria vida, arrancarei a flor que nasce em suas geleiras para a depositar no teu seio como troféu do meu incomparável amor!

- Pois bem; a bela torna, vai, traz-me o *Edelvais*; eu te esperarei no vale.

Hei-lo a escalar a imensa cordilheira, suspensa por sobre o abismo que o fascina. Lá viceja a linda flor; um instante mais, e colhê-la-á. Estende a destra, firmando-se sobre a esquerda que segura fortemente uma planta da montanha; agora sim: tocou-a, prendeu-a ...mas, no movimento que faz quebrando-a ao hostil, perde a segurança e despenha-se na voragem profunda!

Um grito de dor atroz reboou no vale; uma mulher parou a beira do precipício, sua vista mediu-lhe a profundidade e a vertigem derrubou-a!

Só a Morte – ciumenta e cruel! – guardou no frio seio o precioso e fatal – *Edelvais*!

---

<sup>95</sup> Sem o rigor da crítica genética, procuramos atualizar a linguagem dos contos. Esta é uma das nossas contribuições para o resgate deste livro, para nós representativo, de Delminda Silveira.

<sup>96</sup> Flor dos Alpes.(Edelvais).

## NA SELVA

## II

Na selva – à sombra da murta em flor, eles viviam felizes de amor e de inocência.

Eram noivos ... ali se encontraram uns dias, ali se adoraram mutuamente.

Ela – morena linda – de olhos vivos, redondos, escuros, mimosa percorria os vales, pisando, tão de leve que nem as melindrosas violetas magoavam.

Ele, moreno também terno e amoroso, beijava-a à sombra da murta em flor, murmurando idílios de ternura...

Eram noivos, esses juritis que ali viviam de inocência e amor.

Chegara, entretanto, a Primavera; era o tempo de se proverem de musgo, paina e palhinhas macias para a confecção do bercinho de novos amores...

E eles lá se iam pela mata que florescia, nas manhãs risonhas ou nas tardes serenas juntinhos, arrolhando carícias, em busca do necessário para o mimoso ninho que no verde capinzal escondiam.

E lá se iam eles, descuidados, por uma manhã risonha, caminho da floresta.

O companheiro afastou-se um momento em procura do sazonado fruto para a doce refeição; a meiga graciosa ficou-se a beira do regato apanhando um grão maduro que o vento espalhara do arrozal.

Lá no meio da floresta a figueira brava vergava carregada do miúdo fruto roxo e doce, os passarinhos trinavam, satisfeitos com a saborosa abundância.

Ai! Pobre juriti que deixaste, por um momento, a meiga companheira a margem do regato afastado...

Por ventura não te era mais doce o suco do fruto silvestre o amor da tua muita amada?

Ali – entre as silvas, um tronco verde pareceu mover-se... Suspende assustado o passo a inocente avezinha...



E, do tronco que se movera, um galho, - um braço – ajeitou despeitado a arma fatal que devia destruir todo um sonho de amor e felicidade!...

O caçador oculta no silvedo fez partir o chumbo mortífero... e a verde relva dobrou rorejada do sangue inocente!...

Ai! Pobre juriti que ficaste, por um momento, a beira do regato afastado...

Embalde os teus gemidos de amor apiedaram depois a mata nas horas melancólicas da saudade, que a solidão da floresta não mais repercutiu, de um coração amante, os ecos de infinita ternura!...

Ai! Que a brisa primaveril embalando o berço dos beija-flores, suspenso do galho florido da roseira nunca mais, nem uma vez, ouviu arrulhos de ternura, nas moitas do capinzal, pois que os novos amores malograram-se no seio de onde a Morte arrebatará o amor que lhes dera vida.

MARABÁ<sup>97</sup>

## III

(Conto Brasileiro)

Ela não tinha a face da cor do jambo maduro, nem seus olhos eram escuros como as amoras da selva, e nem seu cabelo negro e corredio como o das outras virgens do sertão.

-Branca e loura – era à flor dos cactos, a formosa rainha da noite, que tem a face de neve e a coma de pálido ouro. Seus olhos azuis quais mimosas “graciolas” do prado, eram brilhantes de vida como as estrelas de uma noite escura.

Não era mais alvo o jasmim da mata do que a sua branca tez, nem a flor do “Pequiá” mais vermelha que sua boca mimosa, e nem o cacho do coqueiro mais dourado que sua opulenta cabeleira.

Mas a virgem “Marabá” não tinha sorriso...

Era a branca flor da “urumbeba” que desabrocha entre espinhos!

Se, gentil como a graça da ribeira, ela ia banhar-se à corrente, apenas a grande estrela aparecia no Céu, a formosa princesa das águas, a linda “napê-jaçanau” que abre nas ilhas verdejantes do “igapê” do rio, invejava-lhe a brancura dos seios, e, quando o sol nascente feria com suas setas de ouro as sossegadas águas, a flor rodeava de amargura e zelos, que no cristalino espelho sempre se via menos bela do que a virgem da floresta.

Um dia a “Marabá” voltou pensativa ...

Ela vira a grande “Igára” do guerreiro do mar.

E o guerreiro branco era formoso e sorria; e o guerreiro da tribo desprezava-a porque era – “Marabá!”

---

<sup>97</sup> Mestiça

Ele tinha o rosto levemente tostado pela brisa dos mares; seus cabelos, suavemente ondedos, tinham a cor mais escura que a do fruto do castanheiro, porém não eram negros e ásperos como os das filhas do sertão.

Os olhos, da cor dos cabelos, brilhavam como o fulgor da glória e enlanguesciam com o quebranto do amor.

E o guerreiro branco sorria fitando-a ...

Mas a virgem selvagem fugiu como a gazela gentil.

No outro dia, a beira do rio, a “Marabá” cantou o triste e meigo canto da *mestiça*; era um queixume terno e melodioso como o gemer da juriti sem companheiro.

Ela suspirava assim:

*“Sou branca e linda como a açucena”,  
sou, como ela, pura e gentil;  
tenho os cabelos em cachos de ouro,  
tenho nos olhos a cor do anil.*

*Sou bela e triste e sou chorosa  
qual entre espinhos a flor que abriu;  
meus olhos garços só sentem lágrimas  
como o rocio que a flor cobriu.*

*não tem meus lábios doce sorriso,  
não tem meu peito fogo de amor;  
mas, ah! bem sinto, no seio virgem,  
De estranho anelo – prazer e dor!*

O guerreiro do mar ouviu o canto da virgem infeliz...

Uma tarde a “Igára” chegou pertinho; o guerreiro branco sorria; já tantas vezes sorria assim...

Ele colheu a “napê-jaçanan” que se levanta das águas, beijou-a, apertou-a ao peito; depois, atirou-a a virgem formosa, e o guerreiro falou: - “Vem!”

O som do “boré” estrugiu na mata; os filhos da selva iam chegar.

Assustada, a virgem selvagem lançou-se as águas serenas do rio...

Um momento após – a desventurada – sobre o valente coração do guerreiro branco, já sorria feliz!

E a grande “igára” partiu, mais veloz do que a “uira” do guerreiro “tupi”.

## AGAR

## IV

Sobre o pálido azul do Oriente desdobrava a aurora o seu manto de púrpura e ouro; brilhante véu de luz escondera as estrelas do firmamento.

Além, além – pela solidão do deserto, caminhava Agar, - a escrava – sem lar, sem amor.

Dormia-lhe Ismael nos braços e de seus ombros delicados pendia-lhe uma cabaça com água e um alforje com pão.

Seus olhos tristes dirigiam-se ao Céu resplandecente, enquanto dos lábios vermelhos como a silvestre flor que vem de desabrochar, voam-lhe suavíssimas preces envoltas nos suspiros da Natureza.

“Oh! Deus! – exclama, não pereça Ismael, meu filho caro, por meu seio, de cansado, negar-lhe o doce alimento. Antes que o sol desapareça nesta soledade, dá que meus olhos avistem os verdores de um Oásis em que possam repousar meus fatigados membros, e onde minha boca sequiosa encontre o veio de alguma cristalina fonte”.

E ela estendia a vista pela imensidade cujas areias brilhavam aos raios do sol ardente, como poeira de diamantes.

Ismael acorda.

“Mãe, água!” debilmente balbucia com voz suave e meiga como o balido da ovelha terna.

Agar olha derredor...

Só o areal, que fulgia como uma poeira de diamantes!

Deixando o filhinho sobre o chão abrasador, ela afastou-se febril, em lágrimas, murmurando:

“Ao menos não o verei morrer!”

“Agar, Agar!” – uma voz suavíssima, do alto, disse.

E um anjo formoso, em alvíssima nuvem brilhante tocava-lhe o ombro, como se a despertasse.

Agar fitava-o, pasma.

- Toma água dessa fonte, bebe, e dá de beber a teu filho. Deus é convosco; caminha; Ismael será o chefe de uma poderosa nação.

E a visão desapareceu.

Como um espelho de cristal, uma fonte d'água puríssima e fresca se estendia, ali, no areal do deserto inclemente.

Agar tomou seu filho, e, naquela maravilhosa fonte, com ele, desalterou o peito enfebrecido.

Ismael veio a ser o pai de um grande povo.

## CAPRICHOSA!

## V

- Quero que o mar te leve numa onda azul de rosas – dizia ela, abrindo o regaço azul cheio daquelas rosas de amor; voltarás amanhã ao alvorecer, e a brisa do mar trar-me-á o teu batel por sobre estas flores ainda frescas.

- Mas... não vês, Ilza, no horizonte, aquele negror que se estende como um véu de crepe? É a bandeira da tempestade que se arvora no campo sidéreo... é o vulcão que ameaça revoltar os mares... e deixas-me partir, sozinho, pela noite que vem?!...

- Tu, Aldino, pescador de corais, temes? Tu, nadador sem rival receias?... Não! Se a tempestade bramir, olha o farol daquele promontório; singra depressa para ali. Antes que o sol venha amanhã dourar aqueles outeiros verdes, tu adornarás meus cabelos negros com o ramo de corais prometido como presente de noivado...

- Um beijo, um abraço, e... adeus!

Lá no marulho da onda mansa envolveu-se o sussurro de um beijo, e no suave anhelito da viração marinha perdeu-se o arquejo de um suspiro de amor.

E a onda de rosas levou o pequeno batel de Aldino.

Alta noite, Ilza gemia sob a pressão de um pesadelo horrível...

Era como se rijos braços a cerrassem mais e mais...

“Aldino! Aldino! – murmurou, aflita, num suspiro longo que a despertou”.

Ergue-se, entreabre o postigo; espreita o mar...

O céu negro e pesado; a lua rompe a custo espessa nuvem sombria e para logo se envolve pálida naquele véu de luto, como jovem recém-viúva surpreendida demuda a face linda...

De repente, o tufão violento espalhou-se nos ares; o mar em vagas alterosas sacode brava a espuma alvíssima sobre os fragedos da costa. Salsos respingos trazidos pelas refregas vêm borrfifar as faces de Ilza, que se debruçava na escuridão, e

aquelas gotas salinas que lhe caem no seio têm o sabor das lágrimas de uma dor cruelíssima...

Quando o alvor da manhã aclarava o Céu, na praia, pendida sobre a orla espumante do mar, Ilza desvairada estende os braços a onda que gemia, coberta de rosas, apresentando-lhes o corpo inanimado do seu desditoso Aldino!



## A ESTRELA DA BONANÇA

## VI

O mar estava negro, e negro estava o Céu.

Temerosas vagas erguiam-se à altura dos rochedos, onde se despedaçavam com pavoroso fragor, espumantes de ameaçadora fúria.

Impelidos pelo tufão, corriam no espaço escuros *nimbos* semelhante enormes abutres pairando por sobre abismos insondáveis.

A natureza toda parecia envolta no luctoso véu da morte.

Deus! entre horrores do Céu e do Oceano, um navio rodopiava á mercê da tormenta!

No tombadilho, a equipagem silenciosa agrupava-se presa de terror, que o piloto, desanimado, já não mandava a manobra, perdida o rumo, a bússola desarranjada.

Era a hora da Ave Maria; - em meio do horror da tempestade, o capitão descobre a fronte morena, prosta-se de joelhos e convida a orar.

Toda a tripulação descobre-se e ajoelha sobre o tombadilho.

“Virgem Senhora da Bonança, Estrela, radiosa do Céu e do Mar, pelas sete dores que te pungiram o materno coração quando peregrinavas na terra; pela Cruz bendita de teu Filho Santo, estende por sobre este Céu de horrores o teu manto azul e mostra-nos no horizonte a formosa estrela da tarde – imagem tua”.

Estampa no firmamento da noite o Sete estrela, - símbolo das tuas dores indizíveis, e o cruzeiro brilhante, formoso emblema da salvação. Nós, pecadores agradecidos, levaremos ao sopé do teu altar augusto as rotas velas da nossa desventurada barca homenagem de fé e gratidão ao teu piedoso amor...”

O trovão reboou no espaço...

O raio fendeu a negrura do Céu.

Romperam-se os *nimbos* e a chuva caiu torrencial.

Lá, no longínquo horizonte, rasgou-se a cobertura da tempestade, descobrindo uma nesga de azul puríssimo, e a formosa estrela da tarde lentamente surgiu por entre os véus despedaçados da procela...

Era que a Virgem da Bonança estendia o seu manto azul constelado, em que resplandecia o Sete-estrela e o cruzeiro formoso!

E o mar, pouco a pouco sossegado, retratava humilde a radiosa estrela bendita.

Depois, quando a manhã serena já dourava as ondas mansinhas, na praia, os marinheiros enastravam de flores as rotas velas da embarcação, conduzindo-as, após, reverentes, entre cânticos de louvores, ao sopé do altar em que a formosa imagem da Virgem Senhora da Bonança parecia acolher com sorriso de maternal amor o preito singelo de tanta fé e gratidão.

## AS ROSAS DA CARIDADE

### VII

É bem conhecida a lenda do milagre das rosas de Santa Izabel, mas tão linda, tão comovedora é, que não posso furtar-me ao desejo de intercalar entre os meus singelos – “Contos de um instante”, a interessante narrativa desse episódio em que, num momento, a Providência Divina transformou em perfumadas rosas os socorros piedosos da caridade bendita.

Izabel, a formosa e compassiva rainha da Hungria, era o anjo consolador dos pobres vassallos desde os arredores do seu Castelo a muitas léguas distante.

Um belo dia, caminhava a piedosa soberana, acompanhada unicamente de sua fiel donzela, por um dos mais escuros carreiros do campo, levando no regaço do manto, pão, ovos e outros comestíveis mais, destinados aos seus pobres, quando, em uma volta do caminho, encontra-se face a face com o severo esposo que voltava da caça pelos montes.

Surpreendido este de vê-la assim curvada caminhando, como se a custo levasse pesada carga, estende a mão ao regaço que ela atemorizada conchegava ao seio, dizendo: - “que levais aí, Senhora?”

-“São rosas...” responde-lhe timidamente a Santa.

-“Vejamoss essas rosas” – tornou ele, com irônico sorriso, pois que era passada a estação das flores e nem pelos campos, nem nos seus magníficos jardins se via desabrochar rosa alguma, - e desprendendo com violência o regaço que a caridosa mão colhia, só de rosas brancas e purpurinas viu cobrir-se o solo sobre o qual Izabel caiu de joelhos no meio da mais primorosa alcatifa!

Atônito, quis então o desumano Senhor reanimar a Esposa com suas carícias, porém deteve-se deslumbrado pela aparição da imagem luminosa de um crucifixo que, pairando por sobre a cabeça de Izabel, a envolvia no suavíssimo clarão de uma Benção divina...

O arrependimento, os remorsos pungiram o coração antes insensível, do soberbo Landgrave que, prostando-se com recolhimento verdadeiro, levantou uma daquelas maravilhosas flores, guardando-a por memória do glorioso sucesso com que

Deus quisera rasgar-lhe a venda que aos olhos da alma ocultava as misérias humanas, bem como os inefáveis encantos da Caridade divina. Agora, humilde, pedia à Esposa que continuasse sua piedosa jornada, sem o menor receio, e de volta ao castelo, meditava no poder do Amor de Deus.

Por eterna memória deste milagre da Caridade, ao lado de um antigo carvalho cuja sombra tivera lugar tão providencial encontro, ele mandou levantar uma suntuosa coluna encimada por uma formosa Cruz – grata lembrança daquela que resplandecente mais que a coroa da realeza, viria fulgir sobre a imaculada fronte da bem-aventurada Izabel.

## UMA RECORDAÇÃO

## VIII

O pequenito Leôncio morrera.

Dois anos apenas!...

Passados oito dias foram visitar a desventurada mãe.

Carmem vestia a cor das violetas, e, como a flor mimosa pendida à pálida frente, chorava.

Palavras de consolação, de conforto, nada! Todo o remédio aplicado àquela ferida recente mais lhe avivava a grande dor, mais e mais fazia sangrar o materno coração.

Levantei-me, e, passeando pela sala, procurava uma idéia qualquer com que a distraísse.

Sobre uma das *consolas* de mármore havia uma grande quantidade de quinquilharias galantes; entre elas sobressaía um pequeno coração de veludo escarlata, artisticamente bordado a seda com uma coroa zinha de amores e violetas, cercado em mimoso relevo de ouro a doce palavra – Amor.

Tomei o delicado trabalho e chegando-me a triste amiga, disse:

-“Que gracioso coração! Será a cópia do teu, tão formoso e sempre tão cheio de amor, Carmen?”

E foste tu que lhe bordaste essa doce palavra?...”

Carmen levantou para mim o terno olhar magoado e, uma explosão de lágrimas e soluços mais forte do que antes, rebentou-lhe da alma angustiada.

Atônita, buscando acalmá-la, depus-lhe no regaço o mimoso coração de veludo escarlata que ela, num arrebatamento inexplicável, tomou, cobrindo-o de fervorosos beijos.

-“Sabes, me disse afim, por entre soluços e lágrimas, sabes com que fios de ouro bordei essa doce palavra que me enche o coração?...”

“*Ele* tinha os cabelos lindos... macios... longos... louros, muito louros caindo em graciosos anéis de ouro; um só anel, um só! daquele ouro precioso bastou-me para formar a doce palavra – Amor!”

Os fios dourados daqueles cabelos louros eram o esplendor do meu querido, e os lindos raios daquele esplendor formoso vestiam de carícias o meu pobre coração gelado pelo frio de uma eterna viuvez; então, as saudades podiam aqui abrir mais formosas, mais vividas como nos dias do meu passado feliz! Porém agora...

E chorava, chorava pendida a pálida fronte, qual violeta mimosa a derramar na terra orvalhos que lhe vem do Céu!

O DESVALIDO  
IX  
BEM AVENTURADOS OS MISERICÓRDIOSOS

Eu estava triste...

Tentara escrever, mas parecia-me haver esgotado os assuntos todos.

Não tinha inspiração; pensava mesmo não mais poder encontrar no Céu, no mar ou sobre a terra, coisa alguma que me comovesse, me interessasse e prendesse meu espírito tomado de displicência.

Eis que o vi pela estrada...

-O desvalido – era um espectro vivo!

Magro, cadavérico, parecia que naquele mísero corpo nem mais um fio de sangue circulava já, tal era a espantosa cor de cera que, como um véu de morte, lhe cobria o rosto e as mãos descarnadas!

Arrimado a um bordão, caminhava lento, de instante a instante parando, vencido pela fraqueza que o fazia acocorar-se no chão abrasado pelo sol.

E o mísero chamava os transeuntes estendendo-lhes as esqueléticas mãos, falando com voz surda e entrecortada...

Um homem passava; o desventurado acenou-lhe.

O caridoso transeunte chegou-se a ele, e, complacente, escutou-lhe a cansada narrativa de amargurados revezes.

O infeliz pedia um meio de condução, sem o que, desfalecido, sucumbiria, em meio ao caminho.

O coração bem formado daquele que a Providência escolhera para a prática de uma obra misericórdia, comoveu-se, e, esquecendo por um momento seus negócios, com outros companheiros, guiados pela virtude celeste, foram em demanda do necessário em circunstâncias tais.

Os curiosos rodeavam já então o desvalido a quem o Anjo dos infelizes não abandonava, pois o óbulo da caridade ia generosamente caindo das mãos do povo na desfalecida mão, que, entretanto, não se estendera a pedir...

É que a alma cristã é generosa e compassiva!

Uma canoa tripulada por dois homens benfazejos vinha receber o infeliz. O primeiro benfeitor, auxiliado por outro de coração compadecido, ajudou o enfermo a levantar-se, conduzindo-o até a embarcação onde o acomodaram.

E a canoa vogou, abrindo, como um grande leque, a esteira na águas serenas da formosa baía que retratava o Céu azul da minha terra como num enorme espelho de cristal emoldurado de esmeraldas.

O desvalido ia, o quanto possível, consolado, pois levava no alquebrado peito – a fé e a esperança – companheiras inseparáveis da caridade, cujo perfume celestial, ficando na alma do benfeitor, inundava-a da mais pura, nobre e santa satisfação: - a de haver praticado o bem...

Oh! Pareceu-me ver, naquele momento, o Céu abrir-se e Deus abençoando uma vez as almas benfazejas, enquanto os anjos alegres registravam no livro de ouro das – Boas Obras – o nome daqueles que vinham de exercer a doce e sublime Caridade!

Ante aquela grandiosa cena de dor e comiseração, a minha alma comoveu-se, e, entre duas lágrimas eu murmurei:

Bem aventurados os misericordiosos!



## DECAPITADA!

## X

Era linda aquela borboleta azul com suas grandes asas cetinosas, iriadas como conchas de madrepérola!

A trombazinha graciosamente enroscada como um estame de flor, os olhos salientes, amarelos, diáfanos como contas de cristal raiado de ouro.

Pousada sobre o verde, levemente agitando as asas brilhantes, semelhava uma rara flor azul a desabrochar!

Oh! Quanta era linda aquela flor do espaço a repousar na terra!

Por uma tarde estiva, eu a vi a debater-se de encontro aos vidros da minha janela que dá para o jardim. Por cima, a trepadeira em flores estendida pelo telhado, debruçava-se em vergôntes floridas. Sem dúvida a borboleta viera ali atraída pelo aroma das flores. Tentei prendê-la para que não estragasse o maravilhoso tecido daquelas asas ideais, porém, tão desastrosamente o fiz, que se desarmando a vidraça, quase decepeu a graciosa cabecinha a falena gentil!

Ai! dor!... a pobrezinha caiu moribunda a meus pés!...

Segurei-a ... e senti ainda palpitações aquelas brandas asas tão lindas, - multicores como as conchas de madrepérola; mas as cabecinhas aonde brilhavam os diáfanos olhos de cristal raiado de ouro, prendia, apenas presa por um delgado fio que a brisa para logo quebrou!

Desci ao jardim: ali, sob um arbusto coberto de flores, depusitei, em um pequenino jazido, a desventurada borboleta azul, e no plácido recinto, desfolhei rosas e saudades, cercandoo de “boas noites”, expressivo emblema do meu pesaroso adeus.

O último raio do sol poente foi beijar o tumultozinho da pobre “decapitada”, e a brisa que dali vinha trazia-me, depois, como um farfalhar suave de finas asas que se debatessem...

Porém o meu coração doído suspirou: - nunca mais!...

## PENSÉE

## XI

Nunca, se me souberes amar, Henrique, nunca eu te hei de esquecer.

Assim o creio, Heloisa, e assim também o sente meu coração. Assim o tenho gravado na mente; sempre em ti pensarei; sempre merecerei o teu afeto, pois sempre hei de te adorar, ainda que nos separe o destino cruel, - sou teu.

Beijos, abraços e lágrimas selaram o juramento da despedida.

Henrique partiu.

Que ternas letras ao princípio! Quantas flores da alma ai trescalavam o divinal aroma...

*Saudades, sempre-vivas, não me deixes, miosótis, amores, cravos, perpétuas e martírios...* que precioso ramalhete das flores do coração!...

Seis meses se passaram; as cartas dele já não traziam tantos perfumes: que flor aí faltaria?...

Que raras *saudades!* ... e as outras flores, murchariam no *jardim* de Henrique?

*Ela* tentara revivê-las, regando-as com lágrimas; porém o jardim de Henrique se tornará improdutivo!

Naquele – horto de amores -, outrora tão fértil e onde tão delicadas flores brotaram, só duros espinhos medravam agora.

Esquecia-se... Henrique esquecia-se de cultivar as meigas flores do coração e as deixava fanarem-se... morrer...

Heloisa entristeceu e chorou como a violeta que roreja de lágrimas a terra, e gemeu como a rola abandonada na solidão. Em torno dela a luz escureceu e se fez noite...

Depois, um dia raiou, e no coração em que o sopro cruel do desengano desfolhara as meigas flores das ilusões, doces raio de sol penetrou que fez desabrochar mimosa flor iriada: aquela a que os franceses chamam – *Pensée*...

Ah! A ingratidão é o sopro devastador que arrebatava os mais puros sentimentos da alma; - a gratidão é o doce raio de sol que, aquecendo o coração, faz nele brotar o mais terno e sincero afeto.

## ROSAS DE AMOR

## XII

Rodeando a casinha branca de portas verde-gaio, coberta de telhas morenas, novinhas, as “rosas de amor” floriam todo o ano o verde rosal estendido pelo ripado da tosca cerca.

Rosas de amor, lindas vermelhas e perfumosas que atraíam as borboletas em bando; rosas de amor gentis, sobre as quais a madrugada derrama pérolas do Céu, sempre, sempre viçosas, cobrindo o cercado da casinha branca.

Mas, quem habitava aquele ninho encantador no meio de rosas?...

Duas pombinhas mansas, alvas como lírios brancos, vinham todas as tardes, ao toque da Ave Maria, a descansar um instante naquele rosal florido; depois, voavam juntinhas e lá se iam pousar entre os braços de uma cruz alma alva, que além se erguia, no campo, sobre um montículo relvado de violetas, e ali dormiam ao brilho das estrelas ou ao palor da lua, até á madrugada, e quando os primeiros albores bruxuleavam no Céu, hei-las que voavam alto, muito alto, até perderem-se entre os palores do alvorecer.

Eram as almas *deles*, diziam pela aldeia.

E as mulheres do campo, e as crianças timoratas não iam mais à tardinha proverem-se da água no cristalino veio que corria por entre moitas de lírios e açucenas, porque tinham receio de passar pela cruz branca que se erguia no montículo verde coberto de rosas violetas.

Mas, quem eram *elas* cujas almas tão castas, tão docemente irmãs vinham do Céu sob aquela aparência de meiguice e ternura, ali, beijarem-se entre as rosas de amor?...

“Eram primos, eram noivos; um casal que se adorava, - contara, um dia certa velha camponesa daqueles arredores”.

Eles habitavam a casinha branca, esposada de oito dias apenas.

Uma tarde brincavam colhendo rosas... rosas de amor – púrpuras e cheirosas que cobriam o cercado tosco, quando, invejoso áspide que lhes espreitava a veutura, imprimiu, na mãozinha, delicada um traiçoeiro beijo... de morte!

Ai! que não foram os espinhos das rosas de amor que lhe arrancaram do coração amante aquele *ai* tão magoado!

E na mão pequenina pálida como uma pétala de magnólia, uma gotazinha vermelha se levanta...

E a jovem noiva desmaiou, tombando entre as rosas que se lhe entornaram do regaço...

Depois, no delírio de febre, pedia ao seu amado que a seguisse ao Paraíso.

Ele assim prometeu a alma adorada.

Dias após ela partiu para o Céu.

Ele prometera: e, um dia, a hora da Ave Maria, finou-se de saudades junto ao rosal sempre florido das rosas de amor!

E suas almas – alvas pombas meigas, tão irmãs, vêm sempre, a hora da saudade, arrulhar ternuras no antigo ninho do seu casto amor.

E trementes, medrosas se aconchegam entre os braços protetores da cruz; depois, voltam ao Céu, porque só entre as flores do Paraíso, depois que a pobre Eva tornou para sempre infeliz, nunca mais rastejou a serpente maldita, invejosa sempre das venturas da mulher!”.

## SONHO

### XIII

“Não vês o floco de branca nuvem a deslizar pelo Oriente, como se doura aos raios do sol que nasce?”.

Tal é a tua existência: - nuvem mimosa e alva que passa imaculada, até que uma luz bendita a doure com seus raios puros, para, depois, desfeita em pérolas, cair; - orvalho consolador - , sobre as florzinhas da terra. Vai; o dia desponta no Levante. Deixa que a aragem matinal faça deslizar o teu pequeno batel por entre as ilhas de nenúfares em flor; além, ele abicará; eu ai conduzirei o teu desposado.”

Assim, no sonho de Ivanina – a gentil pescadora, - falara um anjo de nívea roupagem e grandes asas prateadas.

Ivanina acorda sobressaltada. Antes de adormecer, ela fizera ao seu anjo uma doce prece, eis que vem de sondar o doce mistério que a perturba.

Do lado do Oriente adelgaçavam-se as brumas da manhã, descobrindo verdes montes coroados de palmeiras que semelham lindos cromos estampados em azul.

Por entre margens cobertas de *trepadeira* florida, o lago se estendia sereno e prateado. Vestida a *maruja*, Ivanina – a gentil pescadora -, chega, desprende a barquinha, ligeira salta dentro, e, reclinando-se, deixa que a plácida corrente a conduza por entre as ilhotas de nenúfares em flor.

Ao suave deslizar do batel, volta-lhe o sono, e com ele o sonho encantador.

Agora, porém, o anjo de brancas asas prateadas e longa e nívea roupagem, coroa-lhe a fronte com as flores virginais da laranjeira, e, tomando-a pela mão, a conduz a um altar florido...

O batel abica a margem; Ivanina desperta assustada, cobrindo-se de vivo rubor à presença do mancebo gentil que, sorrindo, estende-lhe a destra.

Era aquele que devia levá-la ao altar, para com a luz de um abençoado amor dourar-lhe a existência imaculada, como o sol ao nascer doura o floco de mimosa nuvenzinha branca que se desliza pelo Oriente.

## BEM-ME-QUERES

## XIV

Sentados a sombra de frondosos salgueiros, à beira do rio, bordado de verdes moitas em flor, Jano e Clarinda descansavam enquanto pelo outeiro verde suas cabras pascem.

- “Aposto, diz Clarinda, - a Cabrerinha gentil, que a mulher sabe amar, enquanto que o homem, só sabe fingir!”.

- “Então, crês tu que o meu amor seja fingimento? – pergunta-lhe, sentido, Jano, o pastor.”

- Oh! Não... não! acode vivamente Clarinda; só penso que o meu excede em muito o teu, disto, o contrário, só o acreditaria se de Deus o pudesse saber.”

Jano levantou-se dizendo: - “Pois bem; de Deus o saberás.”-

O verde prado cobria-se de dourados *mal-me-queres*, como de estrelas o céu das noites sem luar. O pastor colheu um feixe deles, e, espalhando-os no regaço de sua amada, disse: - escolhe um; eu tomarei outro e vejamos o que Deus diz.

Clarinda tirou um viçoso exclamando: “Oh! Este tem o viço e beleza do meu afeto: quero-o!” Jano tomou outro dizendo: “Prefiro este cujo centro tem uma auréola verde; é a coroa da minha esperança!”.

A Cabreirinha arrancou a primeira pétala a mimosa flor, murmurando: “*mal-me-quer*”; Jano repetiu imitando-a: “*mal-me-queres*”...

E as duas petalzinhas de ouro foram lançadas à corrente.

Clarinda arrancou segunda pétala: “*bem-me-queres*”, disse; o pastor secundou-a: “*bem-me-queres*”: de novo as pétalas mimosas foram lançadas à corrente.

Assim prosseguiram, e o rio já carregava em suas mansas águas cristalinas mil petalzinhas de ouro; poucas já se prendiam agora ao cálice da flor.

Jano e Clarinda fecharam os olhos e prosseguiram a ventura.

Quando ambos tinham pronunciado “*bem-me-queres*”, e receosos, tatearam, procurando outra pétala, eis que suavíssimo canto se derramou no espaço... Abrem ao mesmo tempo os olhos; nas mãos só lhes restava o calix da graciosa flor!

E o sabiá, no galho florido da laranjeira, saudava aqueles ditosos amores  
que Deus, dos Céus, patrocinava!

## A SINA

## XV

Apeando-se do seu negro corcel andaluz, ajaezado de brunida prata, o jovem fidalgo parou à porta da velha feiticeira, e, estendendo-lhe a mão aberta, disse: “lede a minha sina!”

A cigana tomou-lhe a destra e nela cravando olhos escrutadores, murmurou: “amor... riqueza... glórias, tudo, tudo tereis, se fordes amado pela dama que vos tem preso o coração.”

- E, como o sabereis? Interrogou o cavaleiro.

- A mais nobre donzela, tornou a cigana, mais alta, mais opulenta, talvez, do que vós, porém, a vossa gentil presença, vossa excelência e bravura bem vos tornaram merecedor de tão valioso prêmio.

- Porém... sou amado? voltou impaciente o mancebo.

- Oh! Sim...creio poder afirmá-lo, respondeu a velha.

- Ah!... com certeza? Não mentes?

- Cavaleiro! duvidais? Eu poderei, talvez, provar-vo-lo.

- Como? ... dizei-lo breve! exclamou o apaixonado mancebo, jogando ao avental da cigana uma luzida moeda de ouro.

A feiticeira fez gesto grotesco, como agradecendo, e alongando o olhar até o horizonte disse: “foge o dia; a sombra da noite já envolve a terra. Apressai-vos, cavaleiro! – a nobre senhora está solitária, pensativa... quiçá pense em vós! Tomai o caminho do Castelo, penetrai no parque e segui até o terraço; ai, a encontrareis e dela própria ouvireis se sois amados.”

- Como! O que me aconselhas, jamais o farei; sabeis?

- Sou cavaleiro, sou nobre, e um nobre cavaleiro nunca praticará essa vilania!

- \_ “Mas se representásseis a velha feiticeira, tornou a cigana, bem o poderíeis fazer”.

Sobreteve o fidalgo; seu rosto exprimiu repugnância; mas, após instantes, disse: - explicai-vos.



- “Tomai este manto meu, esta usada túnica, disfarçai-vos e ide ler à nobre senhora a *buena dicha*. Mas, guardai bem vosso incógnito, do contrário, expor-vos-eis a tudo perder. Ide; aqui vos esperarei; vosso ginete será bem guardado. E assim falando, a velha cigana apresentava ao jovem cavaleiro suas esquisitas vestes”.

Obediente, desprende o fidalgo a luzida espada, desata os brunidos acicates, e, envolvendo-se nas sombrias vestes cabalísticas, tomou o bordão e dirigiu-se ao Castelo.

Solitária, pensativa, reclinada languidamente sobre macias almofadas de luxuoso divã franjado de ouro, a nobre donzela tinha a vista perdida no extremo do Céu, lá onde o sol descendo vagaroso por entre largas faixas de ouro e verde esmaecido, purpurava com seus últimos raios as nuvenzinhas mimosas dispersas pelo horizonte.

O vulto alquebrado da *feiticeira* assomou... aproximou-se e ficou imóvel.

Já o sol se ocultava resplandecente.

A mimosa castelã suspirou doce segredo que lhe fugiu dos lábios e se foi suavemente esconder no casto seio de uma magnólia linda que ela ternamente beijou.

Já o sol desaparecera lentamente.

Ia a retirar-se... susta-lhe o passo voz estranha e trêmula que assim murmura:

“Pensativa estável; sentis alguma dúvida sobre o vosso futuro, bela senhora? Eu vo-lo esclarecerei.”

Sobressaltou-se a donzela ao ver a esquisita figura; porém, serenando, perguntou: “o que me quereis dizer?”

- A vossa sina! Respondeu a pretensa *feiticeira*.

A fidalga estendeu a branca mão que a *feiticeira* tomou estremecendo, e, examinando-a atentamente disse: “É nobre aquele que amais e por quem sois amada...”.

- Amada! – repetiu com eco dulcíssimo a castelã formosa.

- Oh! muito amado, sim! tornou com veemência a *feiticeira*.

- cavaleiro que tanto vos ama por sua nobreza e valentia, bem merece o vosso afeto, mas...

- Mas?! –Dizei! exclamou a donzela...

- Nem por sua linhagem, nem por seus haveres vos pode igualar, continuou a *velha*.

- Isto o que importa? Volve a fidalga, se o meu belo cavaleiro é nobre e valente como dizeis? Continuai.

- Amai-lo muito?... perguntou baixinho a feiticeira.

- Se o amo? ...! Oh! Se o amo...! disse apaixonadamente a jovem, e acrescentou como para si: demais, bem sei que o nobre marquês Roland de Croix-dorée pode muito dignamente vir a ser o nobre esposo da filha dos Condes de Verdmont! Eu o amo, meus pais o apreciam... porém, disse, olhando inquieta a *velha feiticeira*, vossa mão se torna ardente e fria!... Ele não me ama?

- Senhora! Interrompeu precipitadamente a *feiticeira*; leio nos traços de vossa mão: daqui a alguns dias, cumprir-se-á o vosso destino: sereis esposa daquele que amais e que muito, muito vos ama!

- Tomai! Disse a jovem castelã, oferecendo-lhe algumas moedas de ouro; mas a fingida feiticeira partira veloz e correndo saiu do parque, parou à porta da cigana, despiu-se dos misteriosos andrajos, cingiu a dourada espada prendeu os brunidos acicates e, cavalgando o impaciente andaluz, partiu á rédea solta, sem mesmo olhar a velha cigana que, com seu gesto grotesco murmurou: - quanto é feliz!...

- Oito dias depois, no solar, celebravam-se as pomposas núpcias do nobre e valente marquês Roland de Croix-dorée, com a formosa Branca, herdeira dos nobilíssimos condes de Verdmont.

## O DESTINO

## XVI

Eles se amavam muito!...

Eram felizes, mas... de uma felicidade ideal!

Suas almas gozavam as delícias de um afeto imenso, mas o mel da taça em que bebiam a ventura, tinha, por vezes, a acrimônia do fel.

Sem ele, ela vivia como a flor sem o sol; e ele sentia, longe dela, o gelo da indiferença arrefecer-lhe o coração; mas, - escravo do dever -, arrastava, além, naquela atmosfera glacial, uma existência penosa e amargurada, como o infeliz a quem privaram da liberdade. E, no entanto, eles se amavam muito!...

Mas quem os separava?

- O Destino!-

Separava-os o destino; ele partiu. Sua alma de poeta era sensível e meiga; inspirava o amor. Trovador apaixonado, cantou na terna lira de suas ilusões, o canto da despedida.

O seu canto era assim:

“Adeus, ó meiga virgem! não despertes”,

ao som da minha voz;

deixa que passem nos teus sonhos lindos

as notas do meu canto...

Adeus! por longes terras vou correr,

- na pátria – foragido!

Sem um beijo de amor deixas que parta

teu pobre cavalheiro!...

Nas ondas meu batel embalando

em ti eu cismarei,

quando o luar tremer sobre a ardentia

dos mares – na solidão!

Nos ermos, nas Campinas, vagueando,

sem ter uma esperança,

à noite pousarei em alguma choça  
bem longe do meu lar!  
Na branca madrugada, entanto, a rota  
irei seguindo, além,  
por mares ou nos pobres povoados  
sem nunca ter prazer.  
E quando este destino me quebrar  
as forças que me restam,  
não quero teus olhos se entristeçam  
no dia em que eu morrer!  
Amor que em teus sorrisos tu me deste  
comigo eu levarei;  
amor que por ti sinto não desprezes  
tu que juraste – amar!  
Tu amas... sim; tu amas! virgem meiga,  
adeus... não te despertes;  
eu parto... que em teus sonhos o meu canto  
murmure um triste – adeus!”-

E *ele* partiu.

Almas irmãs, *ela* tinha a sensibilidade e a ternura do poeta; inspirada de amor e de saudades, a virgem solitária, errante pela encosta do mar que o levava, alta noite, ao luar, cantava assim:

“A voz do trovador quebrou meu sonho”:  
-“adeus! – adeus, dizia:  
e o canto era tão meigo, tão tristonho,  
tão cheio de harmonia...

A que longínquas terras, peregrinas  
Vai-te, célere assim?...  
- na pátria foragido... oh! que destino!...  
e te partes sem mim!...  
Meu pobre cavalheiro! Não esqueças  
meu terno e doce amor,  
nas terras, na choupana em que adormeças,

- cansado viajou.

Nas águas bonançosas, sem receio,  
soltando a barca leve,  
irás pensando em mim... penso eu anseio

por tua volta breve!

A' noite, sobre as ondas tremulosas,  
douradas pela lua;

irei ouvir dos mares as saudosas  
canções dessa alma tua.

Se um dia tão cruel destino, entretanto,  
teu corpo languescer;

- eu quero, dos teus olhos no quebranto,  
a morte, alfim, sorver!

E amor que no teu peito gravaste  
contigo levarás;

e amor que na minha alma tu deixaste  
no Céu o encontrarás.

Adeus, ó cavalheiro! – o sonho lindo,  
desfez-se triste, assim!

- Tu partes... o teu fado vais seguindo...  
Ai! tu partes sem mim!

## ALMAS GÊMEAS

## XVII

-Acaso desconheces, ó muito adorada Aida, o profundo abismo que de ti me separa?

Dos teus prisioneiros, há já dez anos, sei, porventura, se ainda vive minha esposa?

Eu, bem jovem, desposei-a, julgava amá-la...ah! bem depressa conheci quanto nossas almas eram dessemelhantes! Eu não sentia mais o prazer a seu lado, e todo o amor que sonhara dar-lhe, aquele afeto imenso de esposo amante, no meu coração, se transformava em paternal carinho. Amei meus filhos com extremo; mas... eram do Céu: o Céu reclamou-os. Eu padeci longos, cruéis, martírios; a esposa não saberia, não poderia consolar-me.

A pátria necessitou-me; amo a terra que me viu nascer; era cavaleiro; parti. Roto e desbaratado o exército cristão, fiquei prisioneiro dos teus irmãos do Oriente; sabes tu, ó muito minha amada, o quanto hei padecido?

Julgaram-me, por fim, inofensivo, tiraram-me os ferros, abriram-me as portas da horrível masmorra, e deram-me por menagem as cidades do Profeta.

Era ao cair da tarde; este formoso céu da Palestina cobria-se de um rico manto purpurado, com frisos de ouro, como a suntuosa veste de opulenta soberana. As rosas abriam frescas e vermelhas, quais as do pudor nas faces da desposada. Junto à fonte, sob a ramagem desfiada do salgueiro, eu te vi, - estrela brilhante do formoso céu de Alá, pálida rosa dos jardins do Oriente; eu te vi, e te adorei!

Os negros olhos de Aida brilharam; os seios tremeram-lhe como brancos lírios beijados pela aragem; semicerraram-se-lhe as pálpebras como as pétalas da *maravilha* aos primeiros raios de sol, e duas lágrimas deles se desprenderam quais gêmeas gotas de orvalho do seio de graciosa flor.

- “Admar... Admar, meu amado! – com voz dulçorosa a virgem muçulmana suspira, - quando o sol, como sultão que vai dormir, inclina a fronte ardente coroada de raios sobre suntuoso coxim de carmesi e ouro, a Natureza, sua

favorita, dá-lhe em meigos cantos toda a ternura de sua alma, em doces perfumes, todo o amor de seu coração”.

Que importa a violeta que à tarde abriu, tenha o sol aquecido as rosas da manhã?... A violeta ama o sol da tarde que vem docemente haurir-lhe o aroma do seio, e no delicioso perfume da melindrosa flor, o sol encontra mais doçura e vida do que nos encantos da peregrina rosa. O amor é livre como a avezinha do espaço; se apartasse do companheiro a avezinha mimosa, se a embaraçasse de chegar até ele, do galho florido do arvoredado, em meigos cantos de amor, a triste envia-lhe toda a ternura de seu inocente coração; o amante afastado lhe responde acorde, e, assim, o afeto doce e terno vence a dificuldade a mais cruel.

O coração da mulher é a flor que entorna suavíssimo perfume se o raio do sol do amor lhe penetra o seio... sua alma é a livre avezinha: - ama, ama sempre, embora não goze a felicidade do seu amor; e assim foi que eu te amei... assim te amo e te amarei! sempre!...

Quando a tarde esmorecia, e os campos eram mais verdes, e as rosas mais vermelhas abriam como caçoulas de nácar a derramar essências, eu cismava junto à fonte dos salgueiros, ouvindo o murmúrio suave das águas, o doce rumorejar da viração.

Contemplava os lírios que floresciam em derredor, e os lírios brancos eram em dois em uma mesma haste; os passarinhos não brincavam sós, nem as borboletas que voltejavam aos pares, como pétalas de flores levadas pela brisa.

Meigos pombinhos se acariciavam em um recanto da verdura; no galho mimoso de virente arbusto, sob um tufo de flores balançava-se um ninho aonde os pequeninos implumes se aconchegavam pipilando alegremente ao doce calor das asitas levantadas da avezinha mãe. Em toda a Natureza, pois, eu via uma afinidade de ternura e de amor; não havia, portanto, existência alguma semelhante a minha... nenhum ser era triste, - só -, sem os carinhos de mãe, sem as ternuras de amante; todos, enfim, gozavam a felicidade dos seus afetos; somente eu era solitária e triste como uma pobre deserdada!...

No meu coração levantou-se então um desejo...oh! – que era belo como deve sê-lo o sonhador da liberdade! – terno e meigo como o arrulhar da pombinha enamorada; mas forte, mas grande como a impetuosa corrente que tudo arrasta, como o oceano que se espraia arrojando do seio as maravilhas do abismo! – era o desejo de amar... de ser amada!...

E eu sentia o peito entumecido de muito amor!

Teus passos quebraram o meu encantamento; eras tu a imagem evocada na minha fantasia; foste a realidade do meu ideal e eu te amei... oh! Amei-te, te amo muito...

Seus braços se enlaçaram, seus lábios se uniram, e o brando seio de Aida; no transporte, apertou-se ao valente peito do cavaleiro, como o festão da erva mimosa ao tronco do robusto carvalho que lhe dá vida.

Ah! Quanto mais profundo e insuperável não era o amor que unia suas almas do que o invencível abismo que os separava!...



## PÉROLAS E LÁGRIMAS

## XVIII

Enquanto risonha a Castelã feliz, ante o seu magnífico espelho de cristal emoldurado em relevo de ouro, prendia ao colo formoso um belíssimo colar de finas, pérolas, na pobre choupana vizinha, pelas faces descoloridas da triste órfã aldeã, desfiava-se silenciosamente o colar de pérolas não menos precioso que lhe cingia o coração.

Estas, eram lágrimas amargas; aquelas, jóias raras faustuosas; e no palácio esplendoroso era tudo – risos, flores e festa, enquanto que na casinha humilde, - lágrimas e suspiros só!

Mas porque sorria a fidalga?

Porque chorava a aldeã?

É que – lá -, o amor cantava, - aqui o amor gemia.

Dois corações pendiam da balança das fadas: um, pleno de felicidade, outro, repleto de amarguras; e neste, sobrepujava o amor; era maior o padecer que naquele a felicidade, e gozo e ternura.

O jovem caçador vestido de verde, prendera o coração da singela aldeã; o gracioso fidalgo trajando veludo e ouro, merecera a preferência da orgulhosa fidalga; e, quando a pobre órfã reconheceu, sob a opulência do fidalgo, o seu lindo caçador, o coração gemer-lhe no peito, ferido de uma dor mais cruel do que a produzida pela afiada seta com que ele na floresta prostava sem vida a juriti carinhosa.

O nobre par acabava de receber-se na capela do antigo solar.

- Pérolas e lágrimas...

- Pérolas a ornarem a fronte, o alvo colo, os lindos braços da castelã feliz; lágrimas a deslizarem-se silenciosas pelas descoloridas faces, pelo casto e pálido seio por entre as brancas mãos trêmulas e frias da aldeã desditosa.

A tarde chegara. As crianças da aldeia,, por toda a parte buscavam flores; não havia mais. Rosas brancas, brancos lírios, cravos, magnólias, açucenas e jasmims,

tudo ornava o grande Palácio da nobre Senhora; no campo só restavam algumas rosinhas silvestres, açucenas do vale, e as flores laranjeira eram as flores da Virgem; levaram-nas. Coroa para a fronte, palma para as mãos, ramo para o seio... eis tudo.

E a noiva do Céu, era ainda assim, mais bela e ditosa do que a noiva da terra!

FANTASIA  
POBRE CORAÇÃO  
XIX

Ele tinha os olhos garços; o olhar desses olhos falava... Ora meigo, de indizível e sedutora ternura, ora lampejante, imperioso, irresistível no seu brilho dominador.

Pálido como poeta, o seu coração seria o de um poeta também?... não possuiria ele uma alma terna e sensível?...

Os cabelos lindos de um acastanhado leve, ondeavam graciosamente; o porte elegante e distinto... era um mancebo encantador!...

Fraca e pálida como a flor abandonada, ele encontrou-a; definhada qual a folha mimosa no arrefecer do Outono.

Ele examinou-a ... Seus olhos belos, meigos e compassivos se quedaram fitos nos olhos escuros dela; o que leria ele ali?...

Depois, sua formosa cabeça inclinou-se sobre o brando seio da doente; auscultava-a ... escutava-lhe o coração; - o que ouviria ele?...

Um suspiro débil, penso que fugia, - avezinha errante em busca do abrigo onde repousar; - e a formosa cabeça comprimiu terna, suavemente o seio que ficava por sobre o coração.

Ai! pobre coração! – o que sentiste?...

Que sensação indefinível! que inexplicável anseio te fez assim tanto palpitar?

Foi bem a terna saudade, a doce recordação, talvez, de um passado desfeito o que sentiste?

Ai! Pobre coração!...

A palma mimosa da *sensitiva* se retrai ao contato de mão; coração, coração! – porque te confrangeste assim? Oh! – folha mimosa! – porque te retraíste?...

A avezinha livre do deserto, por vezes tem sede; - ai! se avistar a cristalina veia, quem a condenará porque vai sôfrega beber?

Se a gota de orvalho que o Céu mandou, tremulando fica na pétala desprendida da magnólia branca, quem há de crimir a borboleta que pela tarde estiva e vai sorver?

A cândida açucena tem doçura no seio; foi Deus que lha depositou ali; - que mal há pois que o beija-flor sequioso procure o doce mel naquele seio perfumado?

E se da luz criadora do sol benefício, acaso a violeta que na sombra pende, sentir o almo calor e amoroso o acolheu no seio em que ele docemente penetrou, se deve, porventura, censurar a misérrima que, de frio, se finava no isolamento?

E Deus criminaria a inocente imbele para resistir e mui sensível para ser ingrata?!

O orvalho do Céu caía gota a gota, em cada manhã, sobre a planta que desfalecia; o sol aqueceu-a, cuidou-a o floricultor, e cada dia ela sentia o extremo desvelo com que a trataria. Oh! revivessem, abrindo-se em flores bem mimosas!...

Que culpa tem as flores que se abrem agradecidas?

A flor encerra o gérmen, o perfume, a doçura; o coração encerra a vida, o amor, a ternura; a flor desabotoa, entornando aroma se o sol a aqueceu; o coração é como a flor: expande-se derramando a ternura se amor feriu...

Que culpa tem a flor? Que culpa tem o coração?...

Ai! pobre flor abandonada!

Ai! pobre coração!

## FANTASIA

## MÍSTICA

## XX

A flor, pálida e triste, esmorecida na solidão gelada; o sol passou; e o seu calor deliu o gelo.

Do dia em meio ao solar ardente passava na – solidão, - a flor, o raio seu beijou; a flor corou, tremeu...

Lá no Infinito, nuvens escuras, nuvens de tormenta, entanto perpassavam; talvez o vendaval, talvez o raio...

Mas o sol vira a flor pálida e triste; o branco seio gotejava lágrimas; o sol secou-as; a flor corou, sorriu...

E o branco seio derramou perfumes, e a solidão se revestiu de encantos, e no perfume e na doçura grata, sonhava o sol, sonhava...

Mas, lá no Infinito se agrupavam nuvens... era talvez o raio, talvez o vendaval!

A nuvem o sol cobriu e tudo escureceu; uma lágrima de ouro foi cair da flor no branco seio, lágrima que a luz do sol tornava ardente...

E a flor guardou no seio a gota incandescente e tão mimosa, - alma de luz, que, envolta em seu perfume, ficou no seio dela.

De novo – a solidão, o gelo, e a flor mais desmaiada e triste; ai! quando volveria o sol que a alma lhe deixou no seio...

Quem sabe!... ficou-se luz de esperança, foi uma estrela – pálida e chorosa – errante pelo Céu!

Viajor, viajor da vida, tu foste o sol; a flor que viste em teu caminho de urzes, guardou o teu amor, e o Céu guardou-lhe a esperança...

Segue teu rumo viajor da vida, mas ergue a fronte e o olhar: - não vês, lá no Infinito, uma estrela brilhando?...é a Esperança!

**A FOLHA**  
**(DE ARNAULT – TRADUÇÃO)**

De tua haste desprendida,  
Pobre folha emurchecida,  
Aonde vás? – O que sei eu!  
O roble que me sustinha  
O temporal abateu.  
Desde então, (que sina a minha!)  
Ora o Zéfiro , ora o Norte  
Impele-me débil, mesquinha,  
Da mata ao campo, sozinha,  
Do monte ao vale: triste sorte!  
No tufão que remoinha,  
Sem temer e docilmente,  
Eu vou aonde tudo vai,  
- Da rosa a pétala que cai,  
- Do louro a folha virente!

## PROSCRITO

Era forçoso partir.

Era um decreto dos fados; talvez um decreto de Deus!

Mais poderoso que o amor de um povo, mais do que o raio que de improviso cai sobre a eminência de um templo sagrado derrubando-a, força irresistível o impelia.

E o velho obedeceu; partiu.

Lá fora, em pleno oceano, a fronte pendida, a barba alvíssima e crespa como a espuma dos mares a beijar-lhe o peito em que gemia o coração que levava um nome escrito entre saudades, o velho chorava.

Entretanto ele sentia inocência na alma cheia de amargores, e no peito o coração repleto de amor; - o coração que levava gravado um nome...

O doce nome da Pátria!

E, lá, na vastidão intérmina do oceano, entre o Infinito azul e o Infinito Glauco, o proscrito fez vibrar as cordas a harpa gemedora de sua alma de poeta; e as aves carinhosas que atravessavam o espaço, levavam os acordes daquele “adeus” magoado, e a viração marinha suspirando nas enxárcias, repercutia, daquela dor, os gemidos a se perderem pela soledade ilimitada dos mares.

Descera a noite estendendo desde a altura o negro véu recamado de estrelas que se ampliava sobre as ondas em renda de alvas espumas com semeados de ardentia luminosa.

Enquanto a viração marinha ciciava endeixas de saudade pelas enxárcias da nau balançada em ondulações de luz, o proscrito adormecera e sonhava.

Era uma visão formosíssima!

- Um índio belo, colossal, vestido de brilhante enduápe trazendo sobre a cabeça o vistoso *kanitar* dos reis da selva que lhe deixava a descoberto a fronte morena, altiva, cingidos os musculosos braços e os tornozelos com ornatos de áurea plumagem, adornado o colo hercúleo de um colar de alvo marfim, entremado de pedras brilhantes, sobraçando possante arco, e tendo na destra

uma flecha de cuja extremidade pontiaguda pendia, traspassado, um coração sangrento, - joelho em terra, o índio ideal apresentava ao velho sonhador aquele emblema de afetos gotejando sangue, e tristemente murmurava: Pátria! Pátria!-

E o proscrito acordava suspirando, em lágrimas, um nome... O doce nome da terra amada!

Mas, quem era esse coração majestoso, terno como David – O rei poeta, e tão venerável como em profeta hebreu?

Era um monarca destronado.

Era um soberano a quem o seu povo, outrora, chamara – pai!

Um dia, o Céu de formosa terra longínqua, Céu de azul puríssimo, em que a noite brilhava esplendorosa cruz formada de estrelas cintilantes, - escurecera.

Um sopro gelado, vindo de além-mar, vestira de luto os ares e as águas...

Vergara o *jequitibá* robusto na floresta virgem e o sol empalidecera na amplidão turbada.

O mar rebentava lastimoso regando as praias de suas lágrimas salinas.

As andorinhas que voltavam não chilreavam de contentes, antes, parecia gemerem ao chegar aos tetos da terra pátria.

E o vento espalhava no espaço uma melodia triste...

Eram nênias de magoada saudade...

Eram lamentos de um coração dorido...

Era o extremo – “Adeus” – do proscrito que adormecera- para sempre – na terra do exílio!

**FIM**



## BIBLIOGRAFIA

- SILVEIRA, Delminda. *Indeléveis versos*. Florianópolis : UFSC, 1989, 60 p.  
 \_\_\_\_\_ *.Passos Dolorosos*. Rhenania: Butzon & Bercker Kevelaer, 1931.  
 \_\_\_\_\_ *.Lises e Martírios*. Florianópolis: Gutenberg, 1908  
 \_\_\_\_\_ *.O Cancioneiro*. Florianópolis: Livraria Central, 1914

Periódicos: Acervo da Biblioteca Pública de Santa Catarina e da Academia Catarinense de Letras.

**Jornais de Desterro/Florianópolis – dentre outros:**

Jornal *O Estado* – Desterro. 28 de janeiro de 1897 página 02

Jornal *Folha Acadêmica* 1º de março de 1924

Jornal *O Estado* Florianópolis, 12 de março de 1999

Jornal *O Estado* Florianópolis, 04 de março de 1986

Jornal *Corymbo* Rio Grande do Sul dezembro de 1931

Jornal *Pena, Agulha e Colher Florianópolis* 04 de janeiro de 1919

Jornal *Itiberê* Paranaguá agosto de 1924

jornal diário catarinense: Suplemento Especial – Governadores de Santa Catarina de 1739 a 1993. 25 de novembro de 1993

**Revistas Catarinenses:**

Revista Ilustrada – 15 março de 1919

Revista Ilustrada – setembro de 1919 – nº06

Revista Ilustrada – 1º de maio de 1919 – nº02

Revista Ilustrada – 1º de junho de 1919

Revista Catarinense maio de 1900

AGUIAR, Neuma. *Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro : Rosa dos Tempos, 1997. 191 p. Coleção Gênero.

ALENCAR, José. *Senhora*. São Paulo: Ática, 1980.

ARIÉS, Philippe, DUBY, Georges(Org.). *História da Vida Privada – Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ANTELO, Raúl (Org.). *Identidade & representação*. In: PRIMEIRO SIMPÓSIO REGIONAL SUL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA. 1991, Florianópolis. *Anais*. Florianópolis : pós-graduação em Letras/Literatura Brasileira e Teoria Literária – UFSC, 1994. 464 p.

ARAÚJO, Hermetes Reis de. *A invenção do litoral: redormas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República*. São Paulo : PUC, 1989. 216 p. Dissertação de Mestrado em História.

ASSIS, Machado. *Esau e Jacó*. Rio de Janeiro: Tecnoprint gráfica – clássicos Brasileiros, 1967.

ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Globo, 1997.

BARROS. Antonieta. *Farrapos de idéias*. Fpolis, 2001.

BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a Modernidade: O Pintor da Vida Moderna*. COELHO, Teixeira(org.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *História de Santa Catarina*. Rio de Janeiro: Laudes, 1970.

CADERMARTORI, Lígia. *Períodos Literários*. São Paulo: Ática, 1985

CARUSO, Raimundo C. *Noturno, 1894 ou paixões e guerras em Desterro e a primeira aventura de Sherlock Holmes no Brasil*. Florianópolis: Edições da Cultura Catarinense, 1997.

- COSTA, Albertina Oliveira e BRUSCHINI, Cristina(org.) *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, SP: Fundação Carlos Chagas, 1992.
- CHEREM, Rosângela Miranda. *Caminhos para muitos possíveis: Desterro no final do Império*. São Paulo, USP, 1994. Dissertação (Mestrado em História)
- CRUZ, Claudio. *Literatura e Cidade Moderna: Porto Alegre 1935*. Porto Alegre: EDIPUCRS: IEL, 1994. 163p.(Coleção Ensaio)
- FLORESTA, Nísia Brasileira Augusta (trad.). *Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens*. Recife: Typographia Fidedigma, 1832.
- FLORESTA, Nísia. *Opúsculo Humanitário*. Introdução e notas de Peggy Sharpe-Valadares. São Paulo: Cortez; (Brasília, DF): INEP, 1989
- GOTLIB, Nádya Battella. *Teoria do Conto*. São Paulo: Editora Ática, 1990
- GUINSBURG, J.(Org.). *O Romantismo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978, 375p.
- JOLLES, André. *Formas Simples*. São Paulo: Cultrix, 1976.
- KOTHE, Flávio R.(Org.)*Walter Benjamin* São Paulo:Ática, 1991
- MEIRINHO, Jali. *A República em Santa Catarina: 1889-1900*. Florianópolis: Editora da UFSC, Editora Lunardelli, 1982
- MELO, Osvaldo Ferreira (org.) *História Sócio-Cultural de Florianópolis*. Florianópolis: Clube Doze de Agosto: I.H.G.S.C.: Lunardelli, 1991
- MUZART, Zahidé Lupinacci.(Org.) *Escritoras Brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC,1999
- PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas e mulheres faladas- uma questão de classe*. Florianópolis: UFSC, 1994.
- PERROT, Michelle. *As mulheres, o poder, a história*. In: Os excluídos da História. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PIAZZA, Walter F. (Org.) *Dicionário Político Catarinense*. Florianópolis: Edição da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina,1994.
- PÍTSICA, Paschoal Apóstolo. *Numa fonte cristalina*. Florianópolis: Papalivro, 1997.
- RAMOS, Átila. *Saneamento Básico Catarinense: Resgate da História do saneamento Básico de Santa Catarina*. Florianópolis: IOESC, 1991.
- REIS, Maria Firmina. *Úrsula*. Organização, atualização e notas: Luiza Lobo. Rio de Janeiro: Presença Edições; Brasília: INL, 1988. (coleção resgate).

- ROSA, Paulo G. Weber Vieira. GRISARD, Iza Vieira da Rosa. *O Clube Doze de Agosto e sua história*. Florianópolis: Clube Doze de Agosto, 1991.
- SABINO, Ignez. *Mulheres ilustres do Brasil*. Florianópolis : Ed. das Mulheres, 1996. 280 p.
- SAID, Eduard. *O Orientalismo: o Oriente como Invenção do Ocidente*. Tradução Tomás Rosa Bueno. São Paulo, Companhia das Letras, 1990
- SALIBA, Elias Thomé. *As Utopias Românticas*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- SARAMAGO, José. *O Conto da Ilha Desconhecida*. São Paulo: Companhia Das Letras, 1999.
- SHUPUN, Mônica Raisal (Org.). *Gênero sem fronteira: oito olhares sobre mulheres e relações de gênero*. Florianópolis : Mulheres, 1997. 205 p.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Fazendo Gênero. In: SIMPÓSIO DE ESTUDOS SOBRE A MULHER, 1994. Florianópolis. *Anais*. Ponta Grossa : Universidade Estadual de Ponta Grossa, 1996. 200 p.

# **ANEXOS**

CONTOS DE UM INSTANTE  
(ORIGINAIS)